

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

HELIO CARNASSALE

**O PAPEL DAS PUBLICAÇÕES E DOS COLPORTORES NA
INSERÇÃO DO ADVENTISMO NO BRASIL**

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2015

HELIO CARNASSALE

**O PAPEL DAS PUBLICAÇÕES E DOS COLPORTORES NA
INSERÇÃO DO ADVENTISMO NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Área de Concentração: Religião, Sociedade e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Helmut Renders.

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2015

A dissertação de mestrado intitulada: “O PAPEL DAS PUBLICAÇÕES E DOS COLPORTORES NA INSERÇÃO DO ADVENTISMO NO BRASIL”, elaborada por HELIO CARNASSALE, foi apresentada e aprovada em 31 de março de 2015, perante banca examinadora composta por Prof. Dr. Helmut Renders (Presidente/UMESP), Prof. Dr. Nicanor Lopes (Titular/UMESP) e Prof. Dr. Haller Elinar Stach Schünemann (Titular/UNASP).

Prof. Dr. Helmut Renders

Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Helmut Renders

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Programa: **Pós-Graduação em Ciências da Religião**

Área de Concentração: **Religião, Sociedade e Cultura**

Linha de Pesquisa: **Religião e dinâmicas psicossociais e pedagógicas**

Aos bravos e fiéis colportores que me ensinaram a amar, respeitar e admirar a colportagem.

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno, por ser a fonte de toda inspiração e sabedoria.

Ao UNASP SP por apoiar e patrocinar essa jornada.

À minha esposa Vânia Denise, por entender o que foi preciso para que o trabalho acontecesse.

Às minhas filhas Joyce e Paola por suportarem minhas ausências e cansaço.

Aos meninos Elivelto, Eduardo e Henrique, genro e netos, pela alegria da descontração.

À querida família, pela torcida, orações e apoio.

Aos preciosos amigos Ricardo, Keila, Emily e Du, por cederem seu recanto para nossa produção.

Aos professores, cientistas da religião, pela agradável convivência e motivação para o conhecimento.

Ao meu companheiro de jornada, Braguinha, pelo bom humor com que encaramos os desafios, sem o que, essa travessia teria sido muito mais difícil.

À Dra. Silvia Cristina de Oliveira Quadros, por compartilhar cada tijolo dessa construção.

À Idia Azevedo, pela revisão final e, à Maitê Marques pela formatação. Vocês foram a ajuda certa na hora mais necessária.

Ao orientador, Dr. Helmut Renders, pelo companheirismo, compreensão e direção desta pesquisa.

E, a um grupo de pessoas maravilhosas, verdadeiros anjos, que de uma forma ou outra, foram uma fonte de incentivo e ajuda ao longo do caminho.

O Prelo Cristão

Isolina Waldwogel

Movem-se os prelos num girar constante,
e a branca folha sai a todo instante
já transformada em mensageira audaz.
O prelo é como um grande coração que pulsa,
e a cada pulsação acende a luz que expulsa
as trevas do erro.
E que visão nos traz!

CARNASSALE, Helio. O Papel das Publicações e dos Colportores na Inserção do Adventismo no Brasil. São Bernardo do Campo: UMESP, 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo.

RESUMO

Esta pesquisa se constitui em uma investigação para avaliar o papel das publicações, dos colportores e da colportagem na inserção do adventismo no Brasil. Pretende-se identificar os efeitos da invenção da imprensa e o valor da página impressa para o protestantismo, bem como analisar os propósitos missiológicos que marcaram o surgimento do ministério de publicações, da colportagem e dos colportores na nascente Igreja Adventista. O trabalho visa também estabelecer os conceitos da teologia de missão, o processo de amadurecimento e finalmente o avanço missionário dos adventistas no cenário da expansão protestante na segunda metade do século 19, tanto em âmbito mundial como na América do Sul. Além desses objetivos, esta pesquisa apresenta a chegada do protestantismo ao Brasil e se propõe a analisar como a imigração alemã contribuiu para que os adventistas alcançassem seus propósitos missionais, uma vez que as primeiras publicações estavam impressas em língua alemã e chegaram às colônias dessa origem étnico-linguística. Com base nessa proposta de investigação, espera-se demonstrar claramente o papel que as publicações e os colportores tiveram no processo de implantação da Igreja Adventista no Brasil. Para realização deste estudo, utilizou-se o método histórico com coleta de dados através de investigação bibliográfica e documental, sendo a pesquisa definida como qualitativa, básica e exploratória.

Palavras-chave: Colportagem. Colportores. Expansão missionária. Igreja Adventista do Sétimo Dia. Imigração alemã. Publicações.

CARNASSALE, Helio. The Role of Publications and Literature Evangelists in the insertion of Adventism in Brazil. São Bernardo do Campo: UMESP, 2015. Thesis (MA in Religious Studies) – Faculty of Humanities and Law, Methodist University of São Paulo.

ABSTRACT

This research is about an investigation to assess the role of publications, literature evangelist and literature evangelism in the insertion of Adventism in Brazil. The aim is to identify the effects of the printing press and the importance of the printed page for the Protestantism, as well as to examine the missiological purposes that marked the emergence of the Publishing Ministry, the literature evangelism and literature evangelists in the emergent Adventist Church. This study also intends to establish the concepts of the theology of mission, the growth process and finally the Adventists missionary advancement in the context of the Protestant expansion of the second half of the 19th century, both worldwide and in South America. In addition to these objectives, this research presents the arrival of Protestantism in Brazil and aims to analyze as the German immigration contributed to the Adventist achieve their missional purposes, since the first publications were printed in German and came to the colonies this ethnic-linguistic origin. Based on this research proposal, our intention is clearly show the role of publications and literature evangelists in the establishing process of the Adventist Church in Brazil. This study used the historical method, with data collection through documental and bibliographic research and the study is defined as qualitative, basic and exploratory.

Keywords: Literature evangelism. Literature evangelist. Missionary expansion. Seventh-Day Adventist Church. German immigration. Publications.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 AS PUBLICAÇÕES, A COLPORTAGEM E OS COLPORTORES COMO PARTE DA MISSÃO ADVENTISTA	15
1.1 O IMPACTO DA INVENÇÃO DA IMPRENSA NO PROTESTANTISMO.....	15
1.2 AS PUBLICAÇÕES ADVENTISTAS – ORIGEM E PROPÓSITO	19
1.3 A COLPORTAGEM E OS COLPORTORES.....	30
2 CONCEITOS DE MISSÃO E O AVANÇO MISSIONÁRIO ADVENTISTA	46
2.1 O CONCEITO DE MISSÃO	46
2.2 A EXPANSÃO MISSIONÁRIA PROTESTANTE PELO MUNDO	54
2.3 A EXPANSÃO MISSIONÁRIA E A AMÉRICA LATINA	60
2.4 O DESPERTAMENTO ADVENTISTA PARA A EXPANSÃO MISSIONÁRIA..	67
3 A CHEGADA ENTRE OS ALEMÃES E A INSERÇÃO DA MISSÃO ADVENTISTA NO BRASIL	79
3.1 A CHEGADA DO PROTESTANTISMO AO BRASIL	79
3.2 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ E A IGREJA ADVENTISTA NO BRASIL	84
3.3 A ENTRADA DO ADVENTISMO NO BRASIL POR MEIO DAS PUBLICAÇÕES E DOS COLPORTORES	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS	122

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi motivada com base nos meus dezenove anos de atuação no ministério de publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia, dos quase trinta e cinco anos de serviços até agora dedicados como pastor dessa denominação. Durante esse tempo, tive o privilégio de atuar tanto na linha de frente, promovendo a literatura e trabalhando lado a lado com os colportores, como na Casa Publicadora Brasileira, editora e gráfica oficial da organização no Brasil. Envolver-se com os colportores em sua simplicidade e profundo senso de compromisso missionário foi para mim uma honra. Tenho uma dívida com essa atividade por diversas razões. Uma delas é por ter realizado boa parte de minha formação acadêmica com recursos obtidos ao trabalhar na colportagem, atuando como colportor estudante, por dezessete períodos de férias. Sempre admirei e respeitei o ministério da página impressa no contexto do cumprimento da comissão evangélica e através deste estudo pretendo ampliar o conhecimento de sua origem, propósitos e ideais missionais.

O objetivo principal deste trabalho é destacar e analisar o papel que as publicações e os colportores tiveram na inserção da Igreja Adventista no Brasil. Para tanto, faz-se necessário identificar com clareza o lugar da colportagem no cumprimento da missão e os propósitos para os quais essa obra foi estabelecido. Requer-se de igual modo que a atividade dos colportores, missionários de sustento próprio e plenamente identificados com os valores da denominação, seja devidamente descrita, a fim de se estabelecer o papel que exerceram para garantir a entrada do adventismo no Brasil e como contribuíram para o avanço missionário da denominação neste país. Pretende-se descrever o posicionamento adventista sobre missões no cenário da expansão missionária protestante na segunda metade do século 19, verificando-se a chegada do protestantismo de missão na América do Sul e no Brasil. Em conexão com as imigrações de origem germânica, analisar-se-á como os colportores e os imigrantes alemães formaram a associação que permitiu a entrada do adventismo em território brasileiro.

Para destacar o papel que as publicações e os colportores tiveram na inserção do adventismo no Brasil, será preciso retroceder ao ano de 1844, ponto de partida desta investigação, quando ocorreu o chamado Grande Desapontamento dos *milleritas* e quando foram dados os primeiros passos daquela que viria ser a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Estando ainda em seu período formativo, dispersos, em pequeno número, sem uma identificação nominal e resistentes a constituir uma organização formal, os adventistas sabatistas optaram por escrever e publicar. Essa decisão influenciaria toda a história adventista e por isso se constitui num marco de grande relevância para

este estudo. A pesquisa estender-se-á até o ano de 1900, quando o primeiro periódico da organização produzido em língua portuguesa, O Arauto da Verdade, foi impresso na cidade do Rio de Janeiro.

Embora existam algumas pesquisas sobre a inserção do adventismo no Brasil, não há nenhum estudo que responda ao objeto proposto por este trabalho, isto é, que tenha destacado o papel das publicações e dos colportores como protagonistas principais desse processo. Portanto, trata-se de uma pesquisa inédita. As respostas que serão encontradas nessa caminhada poderão acrescentar luz ao conhecimento já disponível e, certamente, apresentarão oportunidades para novas investigações. Considerando que o Brasil é o país com maior número de adventistas no mundo, com mais de 1 milhão e meio de membros, dos quase 20 milhões de adventistas no mundo (Adventists Archives) e, é o país com o maior volume de publicações produzidas e distribuídas em âmbito mundial, esta pesquisa ganha relevância e interesse, não só para a Igreja Adventista, mas para a comunidade religiosa e para os estudiosos das ciências da religião que se interessam em pesquisar os fenômenos religiosos.

Analisar uma atividade que garantiu a inserção de uma igreja num país e quase 120 anos depois, a denominação apresenta a maior congregação de sua organização mundial, é sem dúvida, um fato de extrema relevância social, ainda mais se considerarmos que a igreja continua em crescimento e servindo de referência para o adventismo no mundo.

Olhando para o interior da Igreja Adventista, nota-se que até hoje existe um forte vínculo entre os seus membros e as publicações. O consumo e o uso da literatura são intensos e permeiam todas as áreas do seu cotidiano, pois além de utilizarem as publicações para consumo próprio, fazem uso dos impressos para contatos missionários e ações evangelísticas. A Casa Publicadora Brasileira, editora oficial dos adventistas no Brasil, é a maior dentre as 63 existentes no mundo. Lançar mais luz sobre os primórdios desse ministério e fornecer maior elucidação sobre o papel das publicações e dos colportores na inserção do adventismo no Brasil, fortalecerá os vínculos dos membros com sua igreja, com a editora e servirá de inspiração para os milhares de colportores e dezenas de líderes que se dedicam a esse ministério. Constitui-se relevante o fato de o Brasil manter até hoje uma colportagem ativa, destacando-se como a mais forte do mundo adventista.

Estão relacionados como fontes bibliográficas desta pesquisa autores, muitos deles considerados clássicos, com origens distintas e formação religiosa diversificada. As obras foram escolhidas visando a substanciar os três capítulos deste trabalho, que a seguir serão descritos. Buscou-se na composição da bibliografia contemplar uma gama variada de pesquisadores, tais como historiadores, missiólogos, filósofos, teólogos, sociólogos e analistas das ciências da religião, com o propósito de se estabelecer um diálogo entre esses estudiosos e, a partir de suas contribuições e

percepções encontrar as respostas para os fenômenos religiosos que assinalaram a entrada do adventismo no Brasil. Foram introduzidas contribuições de algumas obras raras em pesquisas sobre os adventistas, como os livros de Westphal (1927) e Meyers (s.d.), que ouviram relatos testemunhais diretamente dos personagens que viveram a história da inserção do adventismo no Brasil. Alguns clássicos foram aqui incluídos também, como Ahlstrom (1972), Latourette (1974) e Hobsbawn (2002). Os textos de Ellen G. White, escritora e pioneira da Igreja Adventista ganharam espaço considerável, pois suas declarações acerca do ministério de publicações, sobre a colportagem e os colportores, possuem um valor intrínseco muito especial para os adventistas. Não há conhecimento de material inédito a respeito do tema.

Em relação à metodologia, este trabalho localiza-se na grande área das Ciências Humanas, dentro da qual estão história e sociologia. O método utilizado foi o histórico e a pesquisa definida como qualitativa, básica e exploratória. Os principais recursos utilizados para busca, análise e interpretação dos dados foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. O presente trabalho propõe-se a alcançar seus objetivos valendo-se dos recursos bibliográficos encontrados nas Bibliotecas da UMESp – Universidade Metodista de São Paulo e do UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo, na biblioteca particular do autor, nos *sites* especializados e nos arquivos documentais disponibilizados pela sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, localizada em Silver Spring, MD, USA, acessíveis através da Internet. Dessa fonte foram extraídos alguns artigos e cartas que acrescentaram uma contribuição valiosa para compreensão do tema, pois foram escritos pelos próprios protagonistas que chegaram ao Brasil.

A seguir apresenta-se um resumo de cada um dos três capítulos desta dissertação. A ordenação dos capítulos deu-se pela determinação da ordem cronológica dos fatos históricos adventistas e sua correlação temática com os demais eventos abordados.

O primeiro capítulo: “As Publicações, a Colportagem e os Colportores, Como Parte da Missão Adventista”, introduz a história do surgimento do trabalho adventista com publicações, desde os tempos anteriores à organização formal da denominação. Antes, porém, é feita uma análise do impacto da invenção da imprensa sobre o protestantismo. A decisão dos adventistas sabatistas de escrever e publicar conduziu aquele pequeno grupo a uma unidade e coesão nos difíceis tempos da dispersão provocada pelo Grande Desapontamento *millerita*. A opção de pregar por meio da página impressa, conduziu-os a estabelecerem a sua própria editora, forçou-os a tomarem a decisão de adotarem um nome e organizarem formalmente a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Logo após vieram as sociedades missionárias, principal agência difusora de suas crenças, valendo-se especialmente da distribuição de literatura. Com a chegada da colportagem e o surgimento dos

colportores, as publicações passaram a exercer um grande papel nos programas de missão em todo mundo. Serviram como referências desse capítulo, pesquisadores da história eclesiástica como Latourette (1974) e outros autores, além dos historiadores adventistas, especialmente Schwarz e Greenleaf (2009). Foram utilizadas várias declarações da escritora e pioneira Ellen G. White, sobre as publicações, a colportagem e os colportores.

O segundo capítulo: “Conceitos de Missão e o Avanço Missionário Adventista” analisa o processo de despertar e amadurecimento dos adventistas, até assumirem um papel mais consistente na expansão missionária mundial. Além da compreensão da sua teologia de missão, que fornece a base para toda ação missionária, o capítulo faz uma compilação da expansão missionária protestante pelo mundo, ocorrida na segunda metade do século 19, na onda do Segundo Despertamento. Nessa parte, Bosch (2002) foi um referencial muito valioso, com sua análise dos efeitos do iluminismo e sua relação com o empreendedorismo protestante. Além da visão expansionista mundial, a chegada do protestantismo na América do Sul é analisada dentro dos conceitos do colonialismo, Desafio Manifesto, Doutrina Monroe e outras correntes filosóficas que impulsionaram os Estados Unidos a assumirem um lugar de preeminência na difusão do protestantismo para os “irmãos” do sul. Os trabalhos referenciais de Mendonça (1995), Bonino (2002) e Piedra (2006), foram imprescindíveis, além dos pesquisadores adventistas, especialmente o historiador Knight (2000), que registraram o processo que conduziu a Igreja Adventista a assumir plenamente a convicção que deveria pregar o evangelho a todo mundo.

O terceiro e último capítulo, “A Chegada Entre os Alemães e a Inserção da Missão Adventista no Brasil”, trata do objetivo principal desta pesquisa e vai destacar o papel das publicações e dos colportores na inserção do adventismo no Brasil. Antes, porém, um olhar é posto na chegada do protestantismo ao Brasil, tanto o de imigração quanto o de missão. Contribuíram como referências dessa seção, os autores Mendonça e Velasques Filho (1990) e Léonard (2002). Uma parte de grande relevância na pesquisa e diretamente relacionada ao êxito da iniciativa adventista, diz respeito à imigração alemã para o Brasil e as conexões que se estabeleceram a partir daí para inserção do adventismo nas colônias de origem germânica. As análises de Dreher (2003), Schünemann (2003 e 2009) e Wirth (2005) foram de capital importância para elucidação do tema. Portanto, o último tópico traz o registro histórico do papel que as publicações e os colportores tiveram na entrada da Igreja Adventista em território brasileiro. A contribuição de Greenleaf (2011) e Schünemann (2002) foram fundamentais, além de outros historiadores e escritores adventistas, entre eles o testemunho de Westphal (1927) primeiro pastor adventista a vir para a América do Sul e para o Brasil.

Portanto, é com base nesse conjunto de propostas e intenções, que esta pesquisa procurou destacar o papel das publicações e dos colportores na inserção do adventismo no Brasil, verificando-se como se deu o surgimento do trabalho de produzir e distribuir literatura e, quais foram os propósitos missionais estabelecidos para cumprir-se esse ministério por meio da colportagem.

1 AS PUBLICAÇÕES, A COLPORTAGEM E OS COLPORTORES COMO PARTE DA MISSÃO ADVENTISTA

Mesmo antes de adotar um nome oficial em 1860 ou antes de ser formalmente organizada em 1863, a Igreja Adventista do Sétimo Dia já possuía uma editora e imprimia seus livros, revistas e folhetos em gráfica própria. A história dos adventistas se mistura com a determinação de seus pioneiros em publicar e distribuir suas publicações, o que nos leva a afirmar que essa igreja nasceu num berço forrado de papel e tinta. Neste capítulo, vamos considerar como surgiu o ministério adventista de publicações e verificar quais foram seus propósitos missionais ao ser estabelecido. Veremos também, como a produção e distribuição de literatura se tornou peça fundamental na sua trajetória, primeiramente para a solidificação da igreja nascente e, posteriormente, para sua expansão. Antes, porém, faremos uma breve incursão no impacto que a invenção da imprensa exerceu sobre o protestantismo.

1.1 O IMPACTO DA INVENÇÃO DA IMPRENSA NO PROTESTANTISMO

A relação da atuação protestante com a imprensa precede em muito a expansão missionária mundial ocorrida no século 19. Desde os tempos da Reforma os protestantes tiraram proveito dessa associação, vindo a tornar-se peculiar nas gerações seguintes. De forma geral, as iniciativas da propagação das ideias e ensinamentos do protestantismo, estiveram relacionadas de uma forma ou outra, às publicações, inclusive com intenções declaradamente proselitistas (VASCONCELOS, 2010). Como bem se expressou Matos (2007, p. 43): “A Reforma Protestante ocorreu na esteira da imprensa e de enorme produção editorial [...]. Os reformadores souberam utilizar esse meio eficaz para divulgar suas ideias [...]. Seu exemplo criou uma tradição de valorização da literatura que se transmitiu aos seus sucessores”. Essa compreensão é ratificada por Campos (2008, p. 7), ao afirmar que:

O advento da imprensa explica, em grande parte, o sucesso da Reforma protestante. Seria impensável o sucesso protestante sem a imprensa. Foi graças à tecnologia desenvolvida por Gutenberg (1450) na produção da página impressa que os textos de Lutero e de Calvino ganharam a Europa.

Ao discorrer sobre a importância da palavra impressa para o protestantismo, Campos (2008, p. 7-8) assim se expressou:

O apego dos protestantes à Bíblia, aos livros de confissão de fé e aos catecismos fez desse ramo do Cristianismo a “religião do livro”. Nela, o púlpito e a pregação da palavra, *livrocentricamente* orientadas, se tornariam a parte mais importante do culto protestante e o pastor seria o “ministro da palavra” e, às vezes, o “ministro dos sacramentos”. Na expansão do Protestantismo e da cultura inglesa para a América do Norte, a Bíblia seria a força motriz civilizatória e cultural das novas colônias do Novo Mundo.

Ao exaltar a centralidade da Bíblia, o mesmo autor sublinhou o valor da palavra escrita para os protestantes, comparando-a com a ênfase católica na oralidade. Destacou também a mudança que a introdução do texto impresso trouxe no comportamento dos pregadores e o impacto sobre os receptores dessa nova comunicação. Escreveu ele:

Enquanto isso, a Igreja Católica ainda insistia no emprego de formas tradicionais de comunicação tais como a dramatização da missa, as cores, as imagens ou até mesmo a arquitetura. Por sua vez, o Protestantismo, por causa de seu apego ao livro, fosse a Bíblia, a Confissão de Fé ou os Catecismos, tornou necessário o surgimento de um clero letrado e culto. A ênfase no material impresso teria provocado uma forte tendência ao conservadorismo e ao fundamentalismo? Esses clérigos precisavam desenvolver competências para lidar com os livros e fazer deles eficientes mediações comunicacionais. O preparo das homilias e a entrega de seus sermões nos púlpitos deveriam receber uma atenção especial nos centros de formação dos pastores (seminários ou faculdades de Teologia). A Bíblia seria o livro básico, daí porque a exegese, o estudo das línguas originais da Bíblia (hebraico e grego) e a hermenêutica serem ferramentas essenciais no preparo desses futuros clérigos. Nesse tipo de religião, em que a comunicação privilegiava e dependia dos textos escritos, a oralidade e a visualidade operantes na missa católica, na qual a eucaristia é o centro do culto, foram substituídas pela oralidade e literalidade do culto protestante. Nele, o dever do pregador seria o de conciliar a oralidade com o texto escrito, atualizando-o e contextualizando-o ao estilo de vida do receptor da comunicação. Assim, as pequenas comunidades protestantes, perdidas na vastidão dos territórios do Novo Mundo, iriam se reproduzir e manter a sua coesão ao redor do livro. Talvez venha dessa época a popular afirmação: “a Bíblia, somente a Bíblia, nada mais do que a Bíblia” (CAMPOS, 2008, p. 8-9).

A chegada da imprensa não trouxe benefícios apenas para o universo religioso. O humanismo renascentista foi grandemente beneficiado por ela, apesar de que, nos anos imediatos que se seguiram a esse extraordinário invento, a maioria dos livros produzidos era de natureza religiosa. Seu grande sucesso provou que havia um clamor pelo preenchimento de uma necessidade vital na sociedade e que existia um público carente, disposto a adquirir e consumir seus produtos (COSTA, 2008). As universidades instalaram gráficas próprias “e iniciou-se um processo efetivo de confecção de livros para os estudantes, rompendo, aos poucos, com o monopólio intelectual do clero e a transmissão oral do saber, que caracterizou bem a Idade Média” (COSTA, 2008, p. 127). Uma reflexão de Nogueira (2012) no contexto da semiótica, destaca o valor da escrita como parte do precioso processo de preservação da memória e das

ideias, considerando assim o texto um elemento vivo na geração de novas associações e na produção de novos textos:

O texto, como unidade de sentido, não somente gera novos significados, mas condensa a memória cultural. Este é um conceito central da semiótica da cultura, pois neste caso o texto adquire uma personalidade semiótica. Ele evoca os demais textos por meio dos quais foi interpretado. Ele também traz em si, as memórias de sua leitura e dos eventos históricos que ocorreram fora de si, mas que nele podem evocar associações. Ou seja, o texto não é uma mensagem inerte, estática, mas antes uma mensagem que se auto organiza e que se relaciona com outros textos. Este processo de preservação de memória é um sistema poderoso para a criação de novos textos (NOGUEIRA, 2012, p. 18).

Outro aspecto de grande relevância que impactou o protestantismo teve seu foco na questão da interpretação bíblica, que sempre foi o ponto nevrálgico em toda a história da teologia. A esse respeito, Costa (2008) faz uma afirmação que esclarece e, ao mesmo tempo fortalece, a convicção protestante acerca da autoridade da Bíblia e do seu lugar fundamental na vida pessoal de todos os crentes. Escreveu ele:

Na Reforma, deu-se uma mudança de quadro de referência. Por isso, podemos falar desse movimento como tendo um de seus pilares fundamentais a questão hermenêutica. O “eixo hermenêutico” desloca-se da tradição da Igreja para a compreensão pessoal da Palavra, contudo sem desprezar aquela. Há aqui uma mudança de critério de verdade que determina toda a diferença. [...] Partindo desses princípios, a Reforma, aonde quer que chegasse, se preocupava em colocar a Bíblia na língua do povo – e nesse particular a tipografia foi fundamental para a Reforma – a fim de que todos tivessem acesso à Sua leitura – sendo o “reavivamento” da pregação da Palavra um dos marcos fundamentais da Reforma (COSTA, 2008, p. 131-132).

Um depoimento sobre os efeitos positivos para a humanidade, resultantes da distribuição de literatura a partir do século 16, é-nos trazido por Latourette (1974, v. 3, p. 414-15)¹, que assim escreveu:

Mais uma vez deve-se dizer que, entre 1500 e 1800 AD, principalmente por causa do impulso cristão, as escolas da Europa Ocidental puderam servir às massas e foi através do impulso cristão que novas teorias e procedimentos educacionais passaram a existir e foram postos em prática. Foi a partir do movimento cristão que uma convicção entusiástica surgiu e procurou abrir

¹ Again it must be said that between A.D. 1500 and A.D. 1800 it was primarily because of the Christian impulse that Western Europe schools were provided for the masses and that it was through the Christian impulse that new educational theories and procedures came into being and were put into effect. It was from the Christian movement that the enthusiastic conviction arose which sought for all the open door for at least the beginning of intellectual development, which enriched the course of study with new subjects that to mind of the average man and woman the gamut of advancing human knowledge might be opened, and which inaugurated the trend that sought through formal education the development of the individual.

uma porta para todos, pelo menos para iniciação na busca do desenvolvimento intelectual, o que enriqueceu o ciclo de estudos com uma gama de novos temas para a mente, tanto de homens como de mulheres, e um considerável avanço no conhecimento humano pôde ser visto, inaugurando assim, a tendência para o desenvolvimento do indivíduo por meio da educação formal.

O mesmo autor destaca o efeito da distribuição e leitura da Bíblia, sobre a linguagem e forma de escrever das pessoas. Nota-se que a influência foi muito além das questões espirituais e religiosas, pois abrangeu não só as questões linguísticas, destacadas na citação seguinte, mas influenciou outros aspectos da vida e do conhecimento como o próprio autor comenta em seu livro:

O efeito profundo sobre o idioma Inglês exercido pela “Versão Autorizada” da Bíblia é um dos muitos exemplos na história da literatura. Frases da “Versão *King James*” passaram para o discurso comum; citações que não tinham sido frequentes nos escritos, passaram a fazer parte dos temas seculares, bem como dos assuntos religiosos; e na clareza do discurso, por razões de simplicidade, para o uso concreto da palavra e para a preservação de palavras, foram utilizadas construções que já estavam em uso. Muito da grande literatura desse período carrega de forma indelével a marca do cristianismo (LATOURETTE, 1974, v. 3, p. 415).²

Além da literatura e da linguagem, Latourette (1974) indicou os efeitos positivos da reforma cristã nos mais variados campos do conhecimento, como na educação, filosofia e ciência. A força da chegada da imprensa trouxe uma luz que parecia contida há muito tempo, não só nas questões religiosas, mas em todas as áreas da vida humana. Quase três séculos depois, seria muito natural, dado o contexto onde estavam inseridos, que os primeiros adventistas passassem a fazer uso desse poderoso instrumento, a fim de alcançarem seus mais elevados ideais. Assunto esse que será abordado no próximo tópico.

² The profound effect upon the English language of the Authorized Version of the Bible is one of the commonplaces in the history of literature. Phrases from this "King James Version" have passed into the common speech, quotations from it haven't been frequent in writings dealing with secular as well as religious subject, and in diction it has made for simplicity, for the use of the concrete word, and for the preservation of words and constructions which were in use when it was made. Much of the great literature of the period bears indelibly the impress of Christianity.

1.2 AS PUBLICAÇÕES ADVENTISTAS – ORIGEM E PROPÓSITO

Para compreender com clareza a origem e propósito das atividades adventistas com publicações, é necessário rever os acontecimentos que tomaram lugar a partir de “22 de outubro de 1844, que entrou para a história adventista como o dia do desapontamento” (SPALDING, 1961, v. 1, p. 95)³. Acerca desse tempo, Bosch (2002, p. 382) escreveu:

Um tema comum nos círculos pré-milenaristas era o *retorno de Cristo*. Essa ideia, é óbvio, também estava presente entre pós-milenaristas, mas eles tendiam a colocar uma ênfase maior naquilo que ainda restava fazer antes da vinda de Cristo. Desde a década de 1830, porém, mais e mais pessoas falavam sobre a iminência da parousia. William Miller (1782-1849) predisse convicto, o retorno de Cristo e o começo do milênio para 1843 ou 1844. Em pouco tempo, até 100 mil pessoas aderiram a Miller.

Essa declaração de Bosch (2002), além de reconhecer a existência de um movimento religioso adventista no século 19, fornece-nos uma ideia de sua dimensão. Com o não cumprimento da profecia do retorno de Cristo, essas “100 mil pessoas” se dividiram em vários grupos, que criaram explicações, justificativas e interpretações para sua decepção. Muitos voltaram para suas antigas igrejas, outros abandonaram qualquer prática religiosa, enquanto os grupos que insistiam nas ideias adventistas se fragmentavam cada vez mais (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009). Com o passar dos anos, especialmente após a morte de Miller ocorrida em 1849, quatro principais grupos podiam ser identificados como ainda fieis à mensagem do advento. Entre esses estavam os adventistas sabatistas, que se tornariam o núcleo pioneiro e formador da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Interessa-nos de forma especial acompanhar os passos desse grupo e verificar seu envolvimento com as publicações.

Pensar no contexto que os adventistas tiveram que enfrentar para permanecer fieis às suas convicções, permite-nos imaginar os desafios que estavam à sua frente, seja para propagar suas ideias ou simplesmente defendê-las. Continuar crendo no adventismo nesses primeiros dias após o desapontamento, deve ter sido uma verdadeira prova de fogo. Sobre esse cenário, Schwarz e Greenleaf (2009, p. 69) escreveram:

Era natural que os adventistas sabatistas se inspirassem em sua experiência *millerita* enquanto se esforçavam para difundir seus conceitos de verdade religiosa em contínua expansão. Contudo, tanto a época quanto seus recursos eram fatores limitantes. A zombaria que acompanhou o Grande Desapontamento impedia a atração de vastas assistências para as conferências

³ ... October 22, 1844, has passed into Adventist history as day of disappointment.

públicas; nem eles tinham os recursos financeiros para alugar salões e procurar as multidões por meio de anúncios. Os White vinham de famílias pobres, Bates e Edson tinham usado a maior parte de suas modestas posses para promulgar o “clamor da meia-noite”. Os periódicos *milleritas* que reapareceram depois do desapontamento eram um meio natural de alcançar outros adventistas.

Diante das circunstâncias que impediam a utilização de uma diversidade de métodos para divulgação de suas ideias, os adventistas sabatistas, de acordo com o modelo *millerita*, passaram a usar o bem sucedido recurso de escrever e publicar. O objetivo da circulação desses impressos, era alcançar os adventistas que se achavam dispersos, confusos e divididos. Alguns esforços iniciais empreendidos com muita dificuldade, resultaram na divulgação das primeiras mensagens manuscritas da jovem Ellen G. Harmon. Mas, foi em maio de 1846, que Joseph Bates “sentiu a necessidade de publicar as novas verdades que ele havia descoberto e corrigir alguns dos erros para os quais seus colegas adventistas estavam se desviando” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 69). Bates preparou um panfleto de 40 páginas intitulado “*The Opening Heavens*” (Os Céus Abertos) com o objetivo de combater a doutrina que ensinava que Cristo havia voltado espiritualmente em 1844. Meses depois, no final de 1847, Bates e o casal White, Ellen e James, produziram sua primeira publicação conjunta, intitulada “*A Word to the Little Flock*” (Uma Palavra ao Pequeno Rebanho). O principal propósito desse panfleto de 24 páginas era animar os adventistas a permanecerem fieis à mensagem do advento, enquanto buscavam mais luz no estudo das Escrituras Sagradas. Nele, Bates afiançava o dom especial que reconhecia possuir Ellen G. White; James White escreveu algo sobre profecias e algumas das visões de Ellen também foram incluídas.

Os adventistas estavam concentrados na parte norte da costa leste norte-americana e num raio não muito grande, na região conhecida como Nova Inglaterra. Não eram muitos os que comungavam das mesmas ideias e, estes, reuniam-se frequentemente para orar e estudar a Bíblia, objetivando harmonizar seus pontos de vista doutrinários. E foi assim que uma a uma as doutrinas adventistas do sétimo dia foram sendo estabelecidas, antes de existir uma organização formal ou mesmo antes desse grupo pensar em fundar uma nova igreja. Todavia, sentiam cada vez mais, uma necessidade crescente de promover e compartilhar suas convicções. Essas reuniões que aconteciam com certa frequência, ocorriam sempre na casa de uma família adventista e receberam o nome de “conferências do sábado” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 71). Ainda segundo esses autores, foi durante a conferência ocorrida no mês de outubro de 1848, em Topsham, Maine, que os participantes fizeram da publicação de seus pontos de vista um motivo especial de oração, não obstante, as dificuldades parecessem sobrepujar as

oportunidades. Decidiram orar e estudar mais o assunto na reunião seguinte, que deveria acontecer na casa de Otis Nichols, em Dorchester, Massachusetts. Quando essa reunião aconteceu, a própria White (1988b, p. 128), relatou o que se passou ali:

Numa reunião efetuada em Dorchester (Massachusetts), em novembro de 1848, foi-me concedida uma visão da proclamação da mensagem do assinalamento e do dever que incumbia os irmãos de publicarem a luz que resplandecia em nosso caminho. Depois da visão, eu disse ao meu esposo: “Tenho uma mensagem para ti. Deves começar a publicar um pequeno jornal e mandá-lo ao povo. Será pequeno a princípio; mas lendo-o o povo, mandar-te-ão meios com que imprimi-lo; e alcançará bom êxito desde o princípio. Desde este pequeno começo foi-me mostrado assemelhar-se a torrentes de luz que circundavam o mundo”.

A respeito dessa reunião, Maxwell (1982, p. 100) declarou: “Em certos aspectos foi a mais significativa para aquele tempo”. E na verdade, é exatamente assim que os adventistas crêem. Eles entendem que esse foi o impulso original vindo por orientação divina, para que o ministério de publicações tivesse seu início. Historicamente falando, não há como negar que esse tenha sido o marco inicial que sustentou a atividade de produzir e distribuir literatura ao longo do tempo, desde as dificuldades do seu humilde começo, até se constituir num ramo sólido e próspero do ministério adventista.

Embora James tivesse aceitado a incumbência que lhe havia sido designada, não dispunha dos recursos financeiros para pôr em prática a orientação recebida. Sempre que possível, ele buscava algum trabalho manual para prover às necessidades de sua família, agora aumentada com a presença de um bebê. Sem uma residência fixa, moravam em casa de outras famílias que lhes ofereciam abrigo e mal tinham dinheiro para prover as próprias necessidades. Mesmo assim, o desejo deles era investir o pouco que ganhavam na produção de um periódico. Preocupado em obter recursos para cumprir o propósito de publicar o pequeno jornal, James se esqueceu da promessa mencionada por Ellen, de que os recursos seriam enviados. Mas, advertido e reanimado pelas palavras da esposa, decidiu procurar uma gráfica que pudesse fazer o trabalho para receber posteriormente. Um impressor que estava a 13 quilômetros de distância da casa onde morava, concordou em fazer a impressão. Passados nove meses da reunião em Dorchester, nascia, em julho de 1849, “*Present Truth*” (Verdade Presente), um jornal de oito páginas, que teve várias edições e durou até o final de 1850.

A primeira edição desse jornal, com uma tiragem de mil exemplares, foi dedicada principalmente a tratar da questão da guarda do sábado. Ao buscar o material impresso, James percorreu a pé o trajeto entre Rocky Hill, onde estava morando em casa de Albert Belden, e

Middletown, onde ficava a gráfica. Depois de dobrarem o jornal e definir para quem enviariam aqueles primeiros números e, antes ainda de levar os jornais ao Correio, eles se ajoelharam em torno daqueles exemplares e fizeram uma fervorosa oração, suplicando o cumprimento da bênção prometida, de que os recursos chegariam. Mais três números foram preparados nos dois meses que se seguiram e antes do final de setembro, os primeiros recursos começaram a chegar, embora de forma espaçada e em pequenas quantias, mas o suficiente para animar James White a continuar publicando. Com mais dois números editados em dezembro de 1849, a publicação do jornal foi interrompida, pela escassez de doações e por uma divergência do casal White com Bates, sobre a validade do método de se publicar e distribuir literatura ao invés de se utilizar a pregação convencional. Ellen White não desejava que o trabalho fosse abandonado e ela insistiu com o esposo, que o dever dado a ele por Deus era “escrever, escrever, escrever, escrever e espalhar a mensagem e deixar de se preocupar” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 72). Com isso, mais quatro números foram preparados no início de 1850.

Apesar da grande responsabilidade de publicar sem recursos parecer pesada demais e, a despeito de ser afligido por duras críticas vindas de seus companheiros, James decidiu iniciar uma nova empreitada editorial – a publicação de uma revista que contivesse os grandes trechos da imprensa *millerita* que haviam sido publicados antes de 22 de outubro de 1844, com o objetivo de lembrar aos irmãos que esse movimento havia sido dirigido e designado por Deus. Quatro números da “*Advent Review*” (Revista do Advento), com 16 páginas cada, foram publicados ainda em 1850. Diante disso, o casal White decidiu mudar para Paris, Maine, por dois motivos principais: por terem recebido apoio de duas famílias residentes nessa cidade e por terem encontrado no local, uma boa gráfica que facilitaria a impressão dos materiais. Assim, no mês de novembro de 1850, foram produzidos os últimos números de *Present Truth* e *Advent Review*. Nesse mesmo mês, um ano depois da primeira edição dos primeiros mil exemplares, surgia a revista “*Second Advent Review and Sabbath Herald*” (Revista do Segundo Advento e Arauto do Sábado), que se tornaria “a revista oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Teve seu nome mudado várias vezes, sendo a última para “*Adventist Review*” (Revista Adventista)”, comumente chamada apenas de *Review* (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 74).

Os tempos que se seguiram seriam de preparação para o lançamento das raízes definitivas das publicações adventistas. Unidos novamente nos ideais de continuarem publicando, os pioneiros decidiram oferecer uma equipe de suporte editorial para o casal White. Faziam parte desse grupo, o veterano Bates, Samuel Rhodes e o jovem ministro John N. Andrews, que veio a ser de valiosa e indispensável ajuda, tornando-se um dos principais

escritores da *Review*. Mais provações e muitas dificuldades fizeram com que James desanimasse novamente a ponto de anunciar que não mais publicaria. Antes de incluir a nota de encerramento daquela que, para ele, seria a última edição da revista, Ellen reafirmou para o seu esposo, que o Senhor os haveria de sustentar e que ele deveria continuar publicando. James resolveu não desistir e nunca mais se mostrou desanimado com sua incumbência. A despeito das dificuldades não terem cessado, eles deram mais um passo de fé, adquirindo o primeiro prelo manual, que seria o precursor da editora adventista. Schwarz e Greenleaf (2009, p. 74-76) descrevem os passos seguintes dessa trajetória:

Em meados do verão de 1851, as atividades de publicações dos White foram transferidas para Saratoga Springs, New York. Durante os nove meses passados ali, apareceu o pequeno primeiro livro de Ellen, *A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G. White* [Esboço da Experiência Cristã e Visões de Ellen G. White]. Além dos breves dados biográficos, esse volume incluía relatos de várias visões de Ellen que anteriormente haviam aparecido como volantes ou como artigos em *Present Truth*. [...] Em 12 de março de 1852, Bates, Rhodes, Edson, Andrews e outros se reuniram com os White na casa de Jesse Thompson ao sul de Saratoga Springs. Depois de estudo e oração, decidiram comprar uma impressora e tipos móveis. Edson vendeu sua fazenda a fim de emprestar ao pastor White os 650 dólares necessários para comprar uma prensa manual Washington e mudar-se para Rochester, NY, uma cidade melhor situada para distribuição eficiente do jornal. Por volta de outubro, eles tinham recebido doações suficientes para cobrir as despesas da fundação da Oficina Gráfica *Review and Herald*. Os três anos em que o “Office”, como foi logo chamada, permaneceu em Rochester, foram anos de expansão e progresso. Em agosto de 1852, James White lançou *The Youth's Instructor*, publicação mensal de oito páginas destinada a prover lições semanais da Escola Sabatina sobre assuntos doutrinários e material de leitura “para interessar e instruir as crianças, ao custo de 25 centavos por ano.

Seria uma tarefa muito difícil avaliar corretamente o papel desempenhado pela *Review and Herald*. Coesão, ânimo e unidade doutrinária oferecidos à corporação de adventistas sabatistas que se expandia lentamente, foram alguns dos resultados deixados por esse periódico. Na sua fase inicial, seus artigos promoviam as principais doutrinas distintivas desenvolvidas nos anos que se seguiram a 1844. Boa parte deles apresentava argumentos em favor da guarda do sábado, da perpetuidade da lei de Deus, da doutrina do santuário, de profecias bíblicas com ênfase nos eventos finais e ainda outros destinados a combater os ensinamentos considerados falsos. No começo, praticamente, apenas James White escrevia, “mas no decorrer da década de 1850, as contribuições de J. N. Andrews, J. H. Waggoner, R. F. Cottrell e Uriah Smith, tornaram-se mais frequentes” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 79). Foram incluídas outras seções, onde as cartas recebidas dos ministros itinerantes contando suas experiências religiosas, eram relatadas com o propósito de produzir encorajamento e integração. Servia

também como órgão informativo, anunciando local e data de reuniões e encontros. As produções desses anos não se limitaram aos periódicos mencionados nominalmente aqui. Muitos outros materiais foram produzidos (Spalding, 1962, v.3), especialmente livros e um hinário, que também contribuíram favoravelmente para fortalecer os adventistas nesse período formativo.

Na primeira vez que James e Ellen foram em direção ao oeste, para o Estado de Michigan, ficaram impressionados positivamente com a disposição e generosidade dos irmãos que ali residiam. Quando retornaram uma segunda vez, em 1853, os irmãos das cidades de Sylvan e Jackson, decidiram patrocinar um empreendimento evangelístico. Depois de fazerem uma arrecadação de fundos, entregaram os recursos a M. E. Cornell, para que adquirisse uma tenda, a fim de ser montada na cidade de Battle Creek, MI. Cornell e Loughborough iniciaram logo em seguida a primeira experiência adventista sabatista em evangelismo público, numa tenda circular com mais de 18 metros de diâmetro. Esse acontecimento conduziu naturalmente os pensamentos da liderança dos adventistas sabatistas a considerarem a possibilidade de uma transferência da gráfica para Battle Creek. Prontamente as famílias Palmer, Kellogg, Lyon e Smith ofereceram um adiantamento de 300 dólares cada, para a aquisição de um terreno e construção de uma tipografia nessa localidade. Com exceção de Palmer, os outros três venderam propriedades para honrar sua palavra. Diante dessa iniciativa, a oferta foi aceita e depois de várias reuniões decidiu-se nomear um comitê de publicações para fazer a supervisão das questões financeiras da *Review*, composto por Palmer, Lyon e Smith. Entre outras questões, esse comitê inocentou James White da suspeita de usufruir qualquer benefício financeiro com as operações realizadas e aprovou o pagamento das dívidas contraídas para a manutenção da gráfica. O comitê deveria ser assistido por delegados de vários estados. “Aos 23 anos, Uriah Smith foi eleito editor residente, com James White, J. N. Andrews, J. H. Waggoner, R. F. Cottrell e Stephen Pierce, de Vermont, como editores correspondentes. Em dezembro de 1855, o primeiro número da *Review* foi publicado em Battle Creek (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 81). Loughborough (2014, p. 243), um dos pioneiros adventistas e testemunha ocular desse fato, confirma essa informação, acrescentando a data: “o primeiro número da *Review* publicado em Battle Creek, no escritório de propriedade dos adventistas, foi datado de 4 de dezembro de 1855”.

A mudança para Battle Creek liberou o casal White da responsabilidade de prover alojamento e alimentação para os servidores que trabalhavam dedicadamente apenas por conta de cama e comida. James passou a receber um pequeno salário e pela primeira vez, depois de

dez anos de intensas lutas e muito trabalho, foi liberado de muitas pressões que havia resignadamente suportado por tanto tempo. Com nova motivação, o Pastor James White, que atuava como uma espécie de gerente geral do escritório da *Review*, passou a ter mais tempo para planejar a produção de literatura em outras línguas, especialmente, alemão e francês e, a dedicar-se na editoração de novos livros, revistas e panfletos a serem publicados. Em 1857 ele iniciou uma campanha para a aquisição de um prelo acionado a vapor, para dar conta do crescente volume de itens a serem publicados. A arrecadação de 2.500 dólares foi concluída com sucesso, numa época de desafios econômicos nacionais. Com o escritório da *Review* funcionando satisfatoriamente e a gráfica devidamente equipada, James White podia agora afastar-se um pouco das atividades que conduzira com tanta determinação e firmeza, tendo muitas vezes, nas palavras da esposa, sua única fonte motivacional. Loughborough (2014, p. 244), informa que “a *Review* de 29 de outubro de 1857 relatou que a venda de livros referente aos dois anos anteriores havia sido de 1.287,91 dólares, sendo este o primeiro relatório do tipo feito até então. Isso indicava progresso na causa e, portanto, fonte de encorajamento”.

Os passos para a criação de uma organização eclesial formal estavam dados, pois a aquisição e construção de um escritório de publicações e a gráfica, deveriam ser legalizados. Como os adventistas sabatistas procederiam? Ao longo do primeiro semestre de 1860 o debate sobre organização cresceu muito. Schwarz e Greenleaf (2009, p. 90-91) relatam os fatos que se sucederam:

No final daquele verão, enquanto muitos americanos estavam preocupados com a campanha da eleição presidencial, James White convocou os delegados para uma conferência em Battle Creek concernente ao futuro legal do escritório editorial. Em 29 de setembro de 1860, representantes de no mínimo cinco estados iniciaram a mais importante reunião de negócios que os adventistas sabatistas já tinham realizado. Tendo Joseph Bates como presidente e Uriah Smith como secretário, eles mergulharam em uma profunda discussão sobre organização. [...] Depois de prolongada discussão [...] Bates, como presidente nomeou uma comissão de três pessoas para apresentar sugestões relativas ao escritório de publicações e a definição de um nome para a igreja. [...] a comissão propôs que a assembleia elegeisse sete homens para solicitar à legislatura estadual um documento legal habilitando-os a organizar uma Sociedade Adventista de Publicações. Depois que a discussão esclareceu as expectativas dos delegados de que os organizadores fariam arranjos para uma ampla participação na propriedade e controle do escritório, o plano foi unanimemente adotado. A assembleia nomeou James S. White, J. H. Waggoner, J. N. Loughborough, G. W. Amadon, Uriah Smith, George Law e Dan Palmer, para oficializarem a organização.

Essa decisão aconteceu no dia 30 de setembro de 1860. No dia seguinte, 1º de outubro, começou a discussão sobre o nome que deveriam adotar. Dentre tantas opiniões e divergências,

os delegados, pelo menos, concordavam num aspecto – que o nome da igreja deveria conter uma identificação doutrinária das crenças que distinguiam os adventistas sabatistas. “Que nome poderia ser melhor do que Adventistas do Sétimo Dia? [...] Já tinha sido aplicado a eles como qualquer outro nome que estavam sugerindo e tinha a virtude de identificar claramente duas das principais doutrinas bíblicas que eles proclamavam” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 91-92).

Foi então quando David Hewitt tomou a iniciativa e apresentou a proposta para adoção do nome – Igreja Adventista do Sétimo Dia. Apenas um delegado, T. J. Butler, opôs-se vigorosamente, embora muitos tivessem ficado com receio de votar. “Ao longo do debate, Ellen G. White havia se conservado na obscuridade. Agora, porém, ela deu sincero endosso ao nome, ao afirmar que Adventista do Sétimo Dia trazia na frente as verdadeiras características de nossa fé e convenceria a mente inquiridora” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 92).

Com o nome da igreja definido, os primeiros passos concretos para a legalização puderam ser dados. A decisão que havia sido tomada para se organizar uma Associação Adventista de Publicações foi finalmente consumada no ano seguinte, “em 3 de maio de 1861”. [...] Começando com 11 de junho desse ano, a *Review* passou a ser publicada pela Associação de Publicações Adventista do Sétimo Dia” (LOUGHBOROUGH, 2014, p. 244). Escreveu Anderson (1998, p. 49)⁴:

A escolha do nome logo levou a outras medidas organizacionais. A seguir, em maio de 1861, foi organizada a atividade de publicações e incorporada como "Associação Adventista do Sétimo Dia de Publicações", uma sociedade anônima sob as leis vigentes do estado de Michigan. Esta foi a primeira instituição jurídica da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nesse mesmo mês, James White apresentou algumas das vantagens que eles teriam se uma organização mais ampla fosse estabelecida. Isto incluiria apoiar e qualificar os ministros, proteger os crentes dos mensageiros “auto chamados da terceira mensagem angélica” e manter registros adequados dos membros.

Aqui se percebe a direta influência do ministério de publicações no processo organizacional dos adventistas. A persistência do casal White em executar as orientações recebidas, apoiado pelos demais pioneiros, resultaram na constituição da primeira entidade adventista formalmente organizada e na adoção do nome oficial da denominação. Mas isso era

⁴ The choice of name soon led further organizational steps. The following May of 1861, the publishing activity was organized and incorporated as the "Seventh-day Adventist Publishing Association" a stock company under the then existing Michigan law. This was first legal institution of Seventh-day Adventist Church. That same month, James White set forth some of the advantages to be gained by further organization. These included giving endorsement to qualified ministers, protecting the believers from "conceited, self called messengers of the third angel's message", and keeping proper records of the members.

apenas o começo. Ainda em 1861, “em uma assembleia de crentes do Michigan, em Battle Creek, de 4 a 6 de outubro, sob a liderança de White, Loughborough e Bates, foram tomadas medidas que resultaram na formação da Associação dos Adventistas do Sétimo Dia de Michigan” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 92-93), a primeira associação adventista estadual, oficialmente organizada.

Seguindo esse exemplo, em pouco tempo, seis outras associações estaduais foram organizadas. Dois anos depois, em 1863, foi a vez de se criar a Associação Geral. A iniciativa foi da Associação de Michigan, que convidou as demais associações estaduais já existentes, para enviarem delegados representantes, para que se convocasse uma assembleia com o propósito de estabelecerem uma associação geral. “Representantes de outros cinco estados uniram-se aos delegados de Michigan de 20 a 23 de maio de 1863, a fim de adotar uma constituição e eleger oficiais para a Associação Geral” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 92-93). As reuniões aconteceram em Battle Creek, que passou também a ser a sede da Associação Geral. O Pastor James S. White foi eleito presidente, mas recusou a indicação, por ter sido ardoroso defensor do processo de se constituir uma organização formal para os adventistas. “A comissão então voltou-se para John Bynton, que serviu dois anos como o primeiro presidente da denominação. Uriah Smith tornou-se o secretário e E. L. Walker, de Iowa, tesoureiro” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 94). White, Loughborough, Andrews e Amadon foram indicados para fazerem parte da comissão executiva.

Refletindo sobre o significado desse tempo, Schwarz e Greenleaf (2009, p. 94) escreveram:

Depois de uma década de debate, o passo final na organização tinha sido completado em uma atmosfera de otimismo e boa vontade. “Talvez nenhuma reunião anterior que já tenhamos participado”, escreveu Uriah Smith, “foi caracterizada por tal unidade de percepção e harmonia de sentimento”. Foi bom que assim fosse. Os adventistas ainda eram uma minoria muito pequena entre os cristãos americanos, e os estimados 3.500 membros em 1863 deveriam ser encontrados ao longo de todo o norte dos Estados Unidos, do Maine a Minnesota e Missouri. Com nada mais do que 30 ministros para pastorear esse rebanho disperso, muitas igrejas provavelmente ficariam até um ano sem ver um ministro.

Pode-se dizer que a determinação que os pioneiros adventistas tiveram para publicar, foi a mola propulsora do adventismo. Sobre esses tempos, Spalding (1962, v. 3, p. 219)⁵ escreveu:

Escrever e publicar foram meios de difundir a verdade desde o início da mensagem. Sem um centavo de capital, Joseph Bates e James White lançaram panfletos, revistas e jornais. Sete anos mais tarde, em 1852, pela liberalidade de Hiram Edson, a causa foi contemplada com o seu primeiro equipamento, um prelo manual Washington. Mais três anos se passaram e os irmãos de Michigan forneceram uma casa de madeira para a página impressa, e Battle Creek viu o início de um crescimento constante.

Não foram poucas as lutas e nem pequenos os conflitos para que a Igreja Adventista chegasse a ser uma organização formalmente constituída. Começando com a legalização da Associação Adventista de Publicações, outros passos foram dados para que eles se consolidassem como uma igreja e, finalmente, pudessem avançar no cumprimento pleno da comissão evangélica. Completando a estrutura de sua base organizacional, em seguida estabeleceram um sanatório, onde um programa de reforma de saúde e estilo de vida saudável foi implantado e, por último, implantaram um sistema educacional para formação de crianças e jovens. Só então é que os adventistas atingiram a condição de se expandirem mundialmente, como será visto no capítulo 2.

Dentre as várias declarações escritas por White (s.d.), líder e pioneira da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sobre o papel das publicações, é possível identificar com clareza os propósitos desse ministério. Essas afirmações foram feitas em diversas ocasiões cujas datas se encontram indicadas antes das citações e se acham compiladas no livro intitulado, “O Colportor Evangelista”, de onde se extraiu o que segue:

- 1) 1878 - As publicações devem ser multiplicadas e espalhadas como folhas de outono. Esses mensageiros silenciosos estão iluminando e modelando a mente de milhares [...] (WHITE, s.d., p. 5).
- 2) 1880 - Se há um trabalho mais importante do que outro, é o de colocar nossas publicações perante o público, levando-o assim a examinar as Escrituras (WHITE, s.d., p. 7).
- 3) 1902 - Compete a nossas publicações tornar clara, compreensível e simples a base espiritual de nossa fé (WHITE, s.d., p. 1).

⁵ Writing and publishing were means of spreading the truth from the very beginning of the message. Without a cent of capital Joseph Bates and James White launched out with broadside, pamphlet, and paper. Seven years later, in 1852, by the liberality of Hiram Edson, the cause was furnished with its first equipment, a Washington hand press. Three more years, and the Michigan brethren provided a wooden envelope for the printed page, and Battle Creek saw the beginning of a steady growth.

- 4) 1902 - O grande objetivo de nossas publicações é exaltar a Deus, chamar a atenção dos homens para as verdades vivas de Sua Palavra (WHITE, s.d., p. 2).
- 5) 1902 - As publicações expedidas de nossas casas publicadoras devem preparar um povo para encontrar-se com Deus. Devem realizar através do mundo a mesma obra que foi feita por João Batista para a nação judaica (WHITE, s.d., p. 3).
- 6) 1904 - Brilhantes raios de luz devem irradiar de nossos livros e revistas, para iluminar o mundo com respeito à verdade presente (WHITE, s.d., p. 5).
- 7) 1909 - As publicações que saem de nossos prelos devem ser de tal caráter que fortaleça cada ponto de apoio da fé que foi estabelecido pela Palavra de Deus e pela revelação de Seu Espírito (WHITE, s.d., p. 3).
- 8) 1909 - Nossas publicações devem ir por toda parte. Sejam elas editadas em muitas línguas. A terceira mensagem angélica deve ser dada por este meio e pelo professor vivo (WHITE, s.d., p. 4).
- 9) 1909 - Há muitos lugares em que a voz do pastor não pode ser ouvida, lugares que só podem ser alcançados por nossas publicações – livros, revistas e folhetos repletos das verdades bíblicas que o povo necessita. Nossa literatura deve ser distribuída em todos os lugares (WHITE, s.d., p. 4).
- 10) 1909 - O mundo deve receber a luz da verdade mediante o ministério de evangelização da Palavra em nossos livros e periódicos (WHITE, s.d., p. 5).

Ao considerar-se a lista contendo os propósitos para o ministério das publicações, percebe-se que eles estão alinhados com os dois aspectos basilares da teologia de missão adotada desde os primórdios pelos adventistas (que será abordada no tópico 2.1). Primeiramente, essas declarações confirmam a posição adventista de se verem como restauradores de certas verdades bíblicas, de forma especial a guarda do sábado. Em segundo lugar, está a presença do elemento escatológico, ao prever que as publicações haveriam de preparar um povo para se encontrar com Deus. O terceiro ponto apresenta o objetivo de “iluminar”, que está coerente com a natureza da incumbência transmitida por Ellen G. White a seu esposo, onde as publicações seriam como torrentes de luz a circundar o globo, enfatizada também pela fidelidade à Bíblia, “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz para o meu caminho” (Salmo 119:165). O quarto aspecto e, talvez, o mais impressionante, é a inclusão do fator missional, uma vez que eles viam as publicações, como mensageiros silenciosos, que deveriam cumprir o papel de pregadores e assim levar as pessoas à uma experiência com a Bíblia e com Deus. Por um lado, parece bem coerente para uma igreja nascente, com pouquíssimos ministros, tendo como propósito imediato alcançar os adventistas dispersos, mas

também se percebe aqui a vocação para o cumprimento da comissão evangélica, de pregar a todo mundo, superando assim, os impedimentos que a doutrina da “porta fechada”⁶, inicialmente defendida por eles, estabelecia.

Para o cumprimento pleno desses propósitos, seria necessário estabelecer um sistema de distribuição de literatura que realmente pudesse fazer com que esses objetivos fossem assegurados e cumpridos, sem o que, o ministério de publicações não se completaria. Visto que a produção de literatura não deveria ser um fim em si mesma, como fazer para que as publicações chegassem até às mãos das pessoas em todas as partes do mundo? Este é o tema que será abordado no próximo tópico.

1.3 A COLPORTAGEM E OS COLPORTORES

Antes da colportagem adventista ser apresentada e ter seu papel missional ressaltado, vamos retroceder aos tempos da idade média para que se possa conhecer, segundo a compreensão e aceitação dos adventistas, como e quando a colportagem teve início. Isso significa que essa atividade missionária é mais uma herança evangélica que a Igreja Adventista recebeu e incorporou às suas práticas evangelizadoras.

A história de produção e divulgação de literatura através da colportagem, foi marcada pela coragem de missionários itinerantes que, mesmo em face dos perigos e riscos enfrentados, levaram luz a um povo imerso nas trevas da ignorância, da superstição e do medo (GAZETA, 2000, p. 1).

A autora se refere aos valdenses, a quem os adventistas atribuem a condição de iniciadores da colportagem. Outros autores também se referiram aos valdenses e apresentam algumas de suas características distintivas. Apresentamos dois desses escritores. O primeiro, Latourette (1974, v. 2, p. 433)⁷, assim escreveu:

⁶ A doutrina da “Porta Fechada” apresentava a convicção de que apenas aqueles crentes que esperaram e se prepararam para a volta de Cristo em 22 de outubro de 1844, é que estariam salvos. Ninguém mais poderia ser salvo.

⁷ The Poor Men of Lyons, also known as the Waldenses, took their rise from Peter Waldo, a rich merchant who in the twelfth century distributed his wealth among the poor and began preaching. For a time they obtained ecclesiastical permission (1179) to use their translation of the Scriptures in the vernacular, but soon were proscribed as heretics. Yet they were widely disseminated from Hungary and Germany to Spain. They did not oppose the Church as such and held to the importance of confession, absolution, and penance. Their emphasis was ethical,

Os Pobres de Lyon, também conhecidos como “os valdenses”, tiveram sua ascensão a partir de Peter Waldo, um rico comerciante do décimo-segundo século, que distribuiu sua riqueza entre os pobres e começou a pregar. Por um tempo, eles obtiveram permissão eclesiástica (1179) para usar uma tradução das Escrituras em língua materna, mas logo foram proscritos como hereges. No entanto, eles se espalharam amplamente da Hungria e Alemanha para Espanha. Eles não se opuseram à Igreja, e mantiveram como importantes, as práticas da confissão, absolvição e penitência. Sua ênfase estava na ética e eles fizeram muitas cópias das Escrituras. Salientaram o papel dos leigos na pregação e, depois de terem sido expulsos pela Igreja, tornaram-se zelosos como proselitistas.

O outro, o historiador D'Aubigné (s.d., v. 1, p. 77-78), também registrou sua descrição sobre os valdenses:

[...] eles formavam uma cadeia extensa de testemunhas da verdade. Homens mais independentes que o resto da igreja, parecem ter habitado as partes setentrionais da Itália, e, em particular, as alturas dos Alpes Piemonteses. Cresceram em número e depuraram-lhes as doutrinas os discípulos de Valdo. Do alto de suas serranias, os Valdenses, por uma série de séculos haviam protestado contra as perseguições de Roma. [...] Parece que Valdo e seus amigos tiveram como alvo restabelecer na vida o cristianismo primitivo. Ele pois, começou também pelos ramos e não pelas raízes. Contudo, foi poderosa a sua palavra, porquanto abalava até aos fundamentos de Roma.

A descrição desses autores parece combinar em vários aspectos, desde o tempo, a origem, o local e o propósito de vida desses cristãos. Suas palavras apontam para um grupo raro de pessoas, vivendo num tempo tão difícil, que desenvolveram uma tenacidade para defender suas convicções, que permanece até hoje como um exemplo de fé e prática religiosas.

White (1988a, p. 65) afirma que “os valdenses foram os primeiros dentre os povos da Europa a obter a tradução das Sagradas Escrituras”. Eles se dedicavam a copiar, não sem sacrifício, extensas porções das Escrituras e as levavam consigo quando saíam para cumprir sua missão. Eles costumavam viajar de dois em dois, indo de cidade em cidade, de vila em vila, oferecendo suas mercadorias, disfarçados de mercadores de joias, sedas, ouro e outros artigos. Vestiam-se de forma simples e até rude, mas eram bem recebidos em todas as casas, inclusive nas residências das famílias abastadas. Quando percebiam que havia interesse por parte de alguém em receber as palavras de conforto vindas das Escrituras Sagradas, diziam possuir algo mais precioso do que os produtos que dispunham para vender. E então, quando se sentiam seguros e percebiam que estavam diante de alguém que desejava paz de espírito, tiravam do interior de suas roupas, de uma sacola que ficava amarrada ao pescoço, as porções ou trechos

and they made much Scriptures. They stressed lay preaching and after became they were cast out by Church they became zealous as proselytizers.

da Bíblia que eles mesmos haviam copiado; liam e depois vendiam essa porção manuscrita da Bíblia junto com seus produtos. Daí o termo colporteur, “de origem francesa, que significa literalmente levar no pescoço” (GAZETA, 2000, p. 3).

E Chaij (1972, p. 23) completa a informação:

Entre os diversos movimentos evangélicos que surgiram na idade Média, encontra-se o que em 1173 foi fundado por Pedro Valdo, rico comerciante de Lion, França. Embora Valdo possuísse abundante fortuna e fosse próspero em seus negócios, sentia-se espiritualmente insatisfeito. Consultou vários clérigos e um deles o aconselhou a ler as Escrituras. Aí encontrou a luz do Céu. Foi tão aprazível à sua alma que não pôde guardar somente para si. Começou a explicar aos amigos as passagens que lhe haviam trazido paz, e notou que eles recebiam o mesmo alívio e segurança espiritual. Então Pedro Valdo tomou uma decisão audaz. Vendeu suas propriedades, deixou com a família dinheiro suficiente para toda a vida e dedicou o restante de sua fortuna aos pobres e à cópia de passagens das Escrituras. Visitava os lares, levando essas passagens consigo. Mais tarde, outros se uniram a ele nesta obra; e em vez de somente explicar seu conteúdo, também as vendiam. Assim começou a colportagem.

É com base nessas descrições que os adventistas aceitam os valdenses como originadores da colportagem. Não foram localizadas outras fontes, a não ser os escritores adventistas, para comprovação dessas afirmações. Mas elas parecem harmonizar-se com os demais autores que escreveram sobre os valdenses e apresentam uma coerência tal, que nos permite aceitar a descrição desses acontecimentos.

O cristianismo deve muito a esses homens e mulheres que ajudaram a escrever a história da igreja cristã com seu próprio sangue. A vida deles se constitui num monumento de fé e coragem em favor daquilo que acreditavam ser a verdade. Seu exemplo atravessa os tempos e chega até os nossos dias como um poderoso testemunho de entrega e dedicação à causa da pregação do evangelho. No Museu dos Valdenses, que fica em Torre Pelice, Itália, pode ser encontrada uma homenagem ao colporteur valdense:

Quem visita o Museu dos Valdenses, em Torre Pelice, a noroeste da Itália, em meio aos vales do Piemonte, nos Alpes italianos, vai encontrar ali, em lugar de destaque, ao lado de um quadro representando o colporteur, esta inscrição: Um Sonho – O colporteur vende de porta em porta, de vilarejo em vilarejo, Bíblias, Novo Testamento e pequenos livros edificantes de polêmica anticatólica. A despeito das autoridades que o perseguem, ele dá a volta e, incansavelmente, prossegue silencioso e tenaz o seu trabalho de testemunhar e divulgar a Palavra de Deus (SARLI, 2000, p. 48-49).

Pedro Valdo e seus seguidores foram excomungados em 1184 no Sínodo de Veneza, mas tanto ele como seus discípulos permaneceram fieis. Valdo morreu por volta do ano 1217, mas sua obra foi continuada, mesmo em meio à mais atroz perseguição.

Séculos mais tarde, com a chegada do invento de Gutemberg, houve uma impulsão natural para os esforços de expansão e divulgação da Palavra de Deus e dos escritos produzidos. Esses dois elementos – impressos e Reforma, uniram-se de forma imbatível. A produção literária dos reformadores ganhou força através da tipografia e, por meio da colportagem, obteve velocidade na sua distribuição. E tudo isso fez com que o conhecimento da Palavra de Deus fosse difundido com rapidez e abrangência. “Monges e estudantes convertidos distribuíam as grandes quantidades de livros escritas pelos Reformadores, pelas cidades, aldeias e sítios; tanto na Alemanha, quanto nos países vizinhos” (CHAIJ, 1972, p. 25).

Os reformadores escreveram grandes quantidades de livros que foram distribuídos na Alemanha, Suíça e outros países próximos. Uma grande força na distribuição dos livros, foi a contribuição dos estudantes da Universidade de Wittemberg, onde Lutero era professor, que, juntamente com a ajuda de estudantes de outras universidades, saíam durante as férias para venderem os materiais produzidos pelos reformadores. Os adventistas creem que, “o plano de colportores estudantes foi estabelecido por Lutero. A respeito desse trabalho, disse ele: “Demos-lhes abundante lucro para que pudessem sustentar-se com a venda dos livros e voltar aos estudos” (GAZETA, 2000, p. 11). Acerca de outro reformador, Zuínglio, lê-se que:

O reformador Zuínglio, também se beneficiou da força da colportagem pedindo que Lutero enviasse ao seu país quantos colportores fossem necessários para levar a mensagem da Reforma. Tal foi a satisfação daquele líder, que escreveu a Lutero: “Jamais vi jovens como estes. Seu coração está cheio do poder da Reforma, e vão por estes vales da Suíça, como tochas ardentes. Oxalá tivéssemos cem em vez de quarenta! Então poderíamos fazer arder as montanhas da Suíça” (GAZETA, 2000, p. 11).

Após esses gloriosos anos, surgiu um período de enfraquecimento e declínio espiritual. Então, toma lugar no fim do século 18, o Grande Despertamento. Dentre os eventos distintivos desses dias, BOSCH (2002, p. 395) mencionou que:

Um dos fenômenos mais notáveis da era iluminista foi constituído pela emergência das *sociedades missionárias*: algumas denominacionais, outras interdenominacionais, algumas não-denominacionais e outras, inclusive, antidenominacionais. [...] No final do século 18, novas sociedades missionárias se espalhavam por todos os países protestantes tradicionais: Inglaterra, Alemanha, Países Baixos, Suíça, países escandinavos e Estados Unidos. Na década de 1880, com o advento do auge imperialista, ocorreu uma

segunda onda de novas sociedades; uma vez mais engajou-se todo o mundo protestante [...].

Por sua vez, Mendonça (1995, p. 66) relacionou a distribuição de Bíblias e literatura, dentre as atividades dessas sociedades missionárias:

A distribuição de Bíblias foi outra atividade importante na Era Missionária. A convicção de que a simples leitura da Bíblia, “sem notas e sem comentários” era capaz de formar mentes e sentimentos cristãos, promoveu a fundação de associações livres para imprimir e distribuir Bíblias em todas as nações da terra. Depois de 1816, o principal trabalho passou a ser feito pela American Bible Society. Organização semelhante foi a American Tract Society, fundada em 1825. Seu objetivo era espalhar as doutrinas básicas do protestantismo através de biografias e de folhetos devocionais exortativos. São expressão das exortações à temperança, folhetos como *The Evils Excessive Drinking* e *The Ruinous Consequences of Gambling*.

Como pode-se perceber, a atividade de produzir e espalhar literatura, seja através da venda ou da distribuição gratuita, fez parte ativa e marcante, tanto do movimento da Reforma como da expansão missionária protestante. Os esforços compreendiam não só a impressão e divulgação da Bíblia Sagrada, mas de publicações com temas educativos. E essa herança chegou aos adventistas, primeiramente ao movimento *millerita* e depois para os Adventistas do Sétimo Dia.

No auge da pregação adventista, surgiu a figura de Joshua Himes, provavelmente o grande estrategista do movimento, devido à sua determinação férrea de fazer uso dos recursos impressos e estratégias de *marketing* para promover e anunciar as mensagens do advento (MAXWELL, 1982). Sobre sua contribuição com as publicações, Gazeta (2000, p. 14) escreveu:

Na primavera de 1840, foi publicado o número inaugural de *Signs of the Times*, o primeiro periódico *millerita*, que dentro de sete meses teria cerca de mil assinantes. O segundo periódico mais importante foi, *The Midnight Cry*, além de livros, folhetos e cerca de 40 periódicos.

Miller, anteriormente ao seu encontro com Himes, havia publicado uma série de artigos e um livro, mas foi sob a supervisão desse valoroso colaborador que as publicações promoveram ampla circulação da mensagem do advento, tanto nos Estados Unidos como no exterior, fazendo com que o movimento tivesse grande alcance. É fato que essa não foi a única maneira dos *milleritas* se comunicarem com as multidões. Pregadores inflamados, vindos de todas as igrejas e unidos na causa adventista, levaram milhares a crer que de fato Cristo estava prestes a voltar.

Passado o auge da pregação adventista sob a liderança de Miller, os sabatistas começaram a se reunir, a fim de tentar compreender o que havia acontecido e logo se determinaram a escrever e publicar, como foi descrito no tópico anterior. Pouco depois da organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia em 1863, surgiram as sociedades missionárias, antes mesmo que a colportagem tivesse sido implantada. Essas sociedades começaram em 1869, a partir de reuniões semanais de oração, realizadas inicialmente por quatro mulheres. As reuniões aconteciam no lar do casal Haskell, Stephen e Mary, em South Lancaster, Massachusetts. A preocupação inicial e objetivo primordial dessas reuniões de oração, era interceder pelos filhos e pela irmandade, prática muito comum até hoje entre os evangélicos. Dentre as atividades que elas escolheram, estava a de escrever cartas para adventistas cuja fé havia desfalecido e fazer visitas aos vizinhos, a fim de emprestar ou doar literatura adventista.

Lembrando-se de sua própria história, o Pastor Haskell, que havia conhecido e aceitado a doutrina do sábado através de um folheto, e sensibilizado pelos apelos de Ellen e James White para fazer aumentar a distribuição de literatura, percebeu que, com algum direcionamento e instrução, aquele grupo de mulheres poderia expandir suas atividades. E foi assim que “em 8 de junho de 1869, o pastor Haskell ajudou essas mulheres a estabelecer uma organização formal, a Sociedade Missionária Vigilante” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 147). A partir daí, reunindo-se todas as quartas-feiras, elas dividiam as áreas que desejavam visitar e saiam em busca dos pobres e necessitados para lhes aliviar o sofrimento e pregar-lhes sobre o amor de Deus. Aumentaram também a quantidade de cartas e literatura enviadas, à medida que conseguiam, por diversos meios, ampliar a obtenção de endereços para remeter as correspondências.

Ao ser eleito presidente da Associação Adventista da Nova Inglaterra, o Pastor Haskell organizou a Sociedade Missionária e de Tratados em toda sua jurisdição eclesiástica. Ele dividiu o território em distritos e com isso, ajudou a estabelecer um padrão que seria adotado posteriormente pela Igreja Adventista em todo mundo, que são os distritos pastorais, vigentes até hoje. Para cada distrito foi nomeado um diretor que deveria organizar a sociedade missionária numa área designada para isso. Em pouco tempo, essas sociedades expandiram as atividades, esforçando-se cada vez mais para fazer com que a literatura adventista circulasse, incluindo a colocação das publicações adventistas nas bibliotecas públicas. Não demorou muito para que a Associação Geral adotasse o método e o próprio Pastor Haskell tornou-se o encarregado de sair de associação em associação organizando e implantando as sociedades missionárias em todos os Estados. “Ao longo de 1874, o Pastor White publicou um novo

periódico mensal, *The True Missionary* [O Verdadeiro Missionário], para promover o interesse nas sociedades de tratados” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 148).

A mesma assembleia da Associação Geral que votou enviar J. N. Andrews para a Europa, como primeiro missionário adventista além mar, em 1874, votou também a criação da Sociedade Missionária de Tratados da Associação Geral. James S. White foi nomeado presidente tanto de uma como de outra. Haskell foi indicado para ser o promotor das sociedades, até que veio a substituir o Pastor White como presidente da Sociedade Missionária de Tratados, cargo que ele ocupou cumulativamente ao de presidente de Associação em diferentes Estados. Schwarz e Greenleaf (2009, p. 148-149) relataram que:

As estatísticas reunidas tão fielmente por oficiais da sociedade ante a insistência de Haskell, proveem uma boa descrição do sucesso obtido na mobilização da igreja para os esforços evangelísticos dos leigos. Embora o relatório de 1884 indicasse que pouco menos da metade dos membros da igreja pertenciam às sociedades missionárias e de tratados, esses membros eram ativos. Eles relataram terem feito naquele ano mais de 83 mil visitas missionárias, escrito mais de 35 mil cartas missionárias e obtido mais de 19 mil assinaturas para a *Review*, *Signs of the Times*, *Good Health*, ou um dos periódicos em língua estrangeira. Muito impressionante foi o total de literatura adventista do sétimo dia distribuída: quase 1,750 milhão de periódicos e panfletos.

O programa de distribuição de literatura através das sociedades fez com que aumentasse a produção de livros, revistas e panfletos. Havia disponível 20 títulos diferentes de livros encadernados e mais outras 30 publicações em brochura. O principal autor da denominação era Uriah Smith, que havia escrito diversos livros, a maioria com temas ligados a assuntos proféticos. Dispunham ainda dos livros de Ellen G. White e de outros autores como J. N. Andrews, J. S. White, D. M. Canright e J. H. Waggoner. Havia também uma considerável quantidade de panfletos, passando de 50, com tamanhos variados de 8 a 32 páginas, abrangendo as principais doutrinas adventistas. Também já estava disponível literatura em língua estrangeira, preparada para atender às respectivas colônias residentes nos Estados Unidos. Outro grupo de publicações estava voltado para os temas de saúde e surgiam materiais para os jovens, crianças e para as famílias. Cada vez mais, as sociedades de tratados iam assumindo maiores responsabilidades em fazer circular a literatura adventista.

Schwarz e Greenleaf (2009, p. 149) escreveram sobre essa atividade:

Pouco a pouco, as sociedades assumiam a responsabilidade de recolher o preço da assinatura para os periódicos da igreja, bem como de persuadir dezenas de não membros da igreja a fazer assinaturas experimentais de um

dos periódicos adventistas. As sociedades missionárias e de tratados locais faziam assinaturas do *Signs of the Times* em larga escala para distribuição gratuita. Em alguns exemplos, elas até mesmo subscreviam o custo inicial dos panfletos, periódicos e pequenos livros para que um membro da igreja pudesse iniciar um trabalho de visitação pessoal para promoção de vendas. Isso levou ao surgimento de um novo grupo de obreiros adventistas – os colportores.

É interessante notar como a Igreja Adventista reagiu ao que estava acontecendo ao seu redor. Bosch (2002) descreve como o processo das sociedades missionárias nos Estados Unidos se tornou uma febre entre os protestantes, incluindo a participação das mulheres:

Redes de associações eram organizadas em distritos remotos; estas enviavam suas contribuições ao escritório central e de lá recebiam informações. Pessoas de renda e posição modestíssima doavam dinheiro e apoiavam, com suas orações, projetos que se desenvolviam a milhares de quilômetros. Houve também a participação de mulheres, exercendo funções de liderança em diversas agências, “muito mais cedo do que pudessem aparecer decentemente na maioria de outras posições sociais e profissionais”. Seu envolvimento na missão constituiu o primeiro movimento feminista da América do Norte, e com certeza, isso não se restringiu a esse país (BOSCH, 2002, p. 396).

Ainda sobre as sociedades missionárias, vale registrar que elas se tornaram um poderoso meio para implantação do adventismo nas grandes cidades americanas. O entusiasmo do Pastor Haskell em ver as sociedades organizando a distribuição de literatura, orientando a visitação aos lares e a ministração de estudos bíblicos, era tão contagiante, que em pouco tempo, já havia missões permanentes em 25 importantes cidades e ações temporárias em outras dez. Entre essas cidades estavam New York, Chicago, San Francisco e Washington, DC. Essas missões consistiam em dispor de um espaço físico, casa ou ponto comercial, bem localizado, com alojamentos para a equipe de servidores, uma sala grande para se fazer reuniões públicas e uma menor para leitura, e ainda um espaço para servir de estoque para os livros e materiais impressos. Os resultados foram impressionantes: rapidamente já se podia contar 102 servidores efetivos e outros 224 em treinamento. Eles dirigiram 3.100 reuniões evangelísticas e ministraram mais de 20 mil estudos bíblicos. Quase 600 pessoas se uniram à Igreja Adventista em resultado desses esforços, só no ano de 1886. Em relação à literatura, surgiu mais um novo método, que eram os missionários dos navios, que entregavam publicações adventistas para as tripulações dos navios que operavam em oito portos dos Estados Unidos.

Por esse tempo, Ellen G. White começou a escrever mensagens dirigidas à igreja, tentando exercer influência sobre os membros, para que se apresentassem como missionários evangelistas, dedicados a distribuir literatura. Suas declarações sobre a colportagem, descrevem uma tarefa de grande responsabilidade espiritual e largo alcance. White (s.d., p. 7) escreveu em

1880, que: “se há um trabalho mais importante do que outro, é o de colocar nossas publicações perante o público, levando-o assim a examinar as Escrituras”. Schwarz e Greenleaf (2009, p. 149) informam que “vender livros por assinatura era negócio lucrativo na América no final do século 19. Os agentes de vendas iam de porta em porta tomando encomendas para entrega posterior, a respeito de praticamente tudo”. O próprio Dr. Kellogg, médico adventista de grande renome, fez um teste com um livro de 1.600 páginas, que ele havia escrito e publicado com riquíssimas ilustrações. Ele contratou um grupo de jovens vendedores, a quem treinou pessoalmente. O livro foi um sucesso, passou por várias edições e vendeu centenas de milhares de exemplares.

Dentre esses jovens estava um canadense, chamado George A. King, que havia chegado ao Colégio de Battle Creek com o ideal de estudar e ser um pregador adventista. Seu perfil e jeito de falar, não demonstravam aptidão nenhuma para o ministério. Apesar disso, o Pastor White e outros se tornaram sensíveis com o interesse dele em ser um missionário e servir na causa da pregação. Com esse propósito em mente, o Pastor White pediu a uma família adventista que possuía uma fazenda, para receber o rapaz, dando-lhe comida e hospedagem em troca de trabalho, até que surgisse oportunidade numa atividade evangelística, onde ele pudesse ser aproveitado. Com o incentivo do irmão Godsmark, dono da fazenda, King passava seu tempo livre, treinando oratória, pregando para as cadeiras vazias da grande sala de jantar da casa. Sensibilizado com a determinação de King, Godsmark fez os arranjos necessários para que ele pudesse ser o pregador num determinado sábado, onde estariam reunidos os membros da família e alguns visitantes para o culto semanal. O sermão foi um verdadeiro desastre.

Sensibilizado e condoído pelo fracasso e decepção de King, Godsmark sugeriu que talvez fosse melhor ele desistir do sonho de ser um pastor e procurasse uma forma alternativa de envolver-se com a pregação. Quem sabe ele poderia sair visitando as famílias e vendendo livros, revistas e panfletos. Godsmark se dispôs a financiar um suprimento inicial, para que ele pudesse começar o trabalho. King, reconhecendo o fracasso que tivera, aceitou a oferta e saiu para distribuir literatura. Essa desagradável experiência, demonstra que há outros ramos da ação missionária que podem ser realizados com a mesma intensidade de propósitos e com excelentes resultados. White (s.d., p. 45) escreveu sobre isso: “Há alguns que se adaptam à obra colportoreira que podem fazer mais neste ramo do que pregando”. Esse foi exatamente o caso de King. Embora na primeira semana de trabalho, tivesse vendido apenas 62 centavos de dólar, ele não desistiu, pois parecia ter encontrado sua verdadeira vocação. Ele amou o trabalho, continuou visitando as pessoas nas casas e muito rapidamente se tornou um bem sucedido

colportor, tendo êxito em vender os livros de saúde do Dr. Kellogg. Mas, ele queria mais. Desejava um livro que apresentasse as três mensagens angélicas, um livro que pudesse mostrar ao povo as mensagens de salvação. Schwarz e Greenleaf (2009, p. 150) contam o que aconteceu:

No outono de 1880, George King, começou a pressionar os líderes adventistas. Ele sugeriu-lhes que unissem os dois livros menores de Uriah Smith, *Thoughts on Daniel* e *Thoughts on Revelation*, em um só volume. Se, fossem colocadas ilustrações impressionantes dos animais e símbolos apresentados nesses livros, ele tinha certeza de que poderia facilmente vender os exemplares. Finalmente os gerentes da casa publicadora concordaram em encadernar um número limitado dessa combinação para ver o que King iria fazer.

Chaij (1972) relata que King vendeu os 500 volumes preparados especificamente para atender seu pedido, em apenas dois meses. Com tal sucesso, os editores da *Review and Herald* decidiram preparar uma nova edição do livro de Uriah Smith, só que agora com muito mais ilustrações. Logo depois dessa nova edição ter sido finalizada, em poucos dias, ele já havia tomado várias encomendas. Assim, George A. King tornou-se o primeiro colportor adventista do sétimo dia, e foi de tal maneira vitorioso, que não apenas tinha êxito nas vendas, mas também possuía uma capacidade especial para inspirar outros a se dedicarem à colportagem. Seu sucesso contagiou vários jovens, que como ele, tornaram-se colportores de sucesso. É atribuída a ele a façanha de ter sido o primeiro missionário adventista a vir para a América do Sul. Ele esteve na Guiana Inglesa em 1887. Ele foi um fiel e dedicado colportor até sua morte em 1906.

À medida que os colportores avançavam para territórios mais afastados, pareceu-lhes mais conveniente adquirir os livros das sociedades de tratados que se achavam implantadas nessas localidades. Dessa forma, pouco a pouco, os escritórios estaduais das sociedades assumiram a responsabilidade de todas as vendas em sua jurisdição e agentes foram destacados para atuarem como recrutadores e treinadores dos colportores. Assim, “um novo meio de apresentar as crenças adventistas a uma audiência cada vez mais ampla, com pequena despesa para a igreja, tinha sido descoberto” (Schwarz; Greenleaf, 2009, p. 151). Os colportores podiam comprar os livros pela metade do preço final que vendiam ao público, e com isso, podiam obter seu próprio sustento. Não demorou muito para que os estudantes também descobrissem que a colportagem era um excelente método de treinamento evangelístico e ainda lhes oferecia recursos para pagarem seus estudos.

O trabalho que começou de forma muito modesta e tímida, quase que por acaso, cresceu rapidamente. “Por volta de 1886, as sociedades missionárias e de tratados, relataram mais de 400 colportores no campo” (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 151).

Spalding (1962, v. 3, p. 221)⁸ confirma esse sucesso e rápido crescimento:

Em 1881, George A. King persuadiu uma liderança cética de que, com uma aparência mais atraente, as vendas dos livros, no sistema de encomendas, poderiam ser mais significativas. [...] O trabalho da colportagem, assim iniciado por George King, foi laboriosamente construído até alcançar grandes proporções e grande entusiasmo, nos primeiros dez anos. Trabalhadores, isoladamente ou em grupos, foram treinados para atuar em vários Estados e muitos países. O crescimento das vendas é percebido pelo relatório de vendas que saltou de 40.000 dólares em 1880, para 734.397 dólares em 1890.

Os adventistas creem que esse sucesso esteja ligado à visão inicial de Ellen G. White, quando ela viu que as publicações seriam como torrentes de luz que circundariam o globo e que alcançariam bom êxito desde o princípio. Os fatos indicam um crescimento inegável e um programa vitorioso em conquistar seus objetivos.

A colportagem adventista sempre se caracterizou, desde seu início, por oferecer livros adventistas, publicados pelas editoras adventistas, contendo as mensagens adventistas. Isso se harmoniza com sua teologia de missão, já mencionada, e que será apresentada no capítulo seguinte, onde fica estabelecido que os adventistas sentem-se comissionados por Deus para fazer o resgate de certas verdades, sempre com um propósito escatológico. Por essa razão, que a colportagem adventista sempre se valeu dos próprios livros, que contém seus temas característicos como a mensagem de saúde, que apresenta a proposta de um estilo de vida saudável, mas também compêndios que apresentam as suas doutrinas distintivas como a crença na santidade do sábado e na breve volta de Cristo. Um aspecto que merece destaque, é a declaração de Mendonça (1995), já citada, que as sociedades missionárias, além das Bíblias, preparavam e distribuíam livros e impressos sobre temas de temperança e assuntos educativos, algo que sempre caracterizou a colportagem adventista, mas com uma diferença acentuada – ao passo que os conteúdos dos livros das sociedades bíblicas eram interconfessionais, os livros adventistas sempre tiveram como conteúdo, as doutrinas distintivas da denominação. Vale para registro, que o colporteur adventista nunca foi um vendedor de Bíblias, diferentemente dos colportores evangélicos, que, em geral, realizavam a colportagem tendo unicamente Bíblias para vender.

⁸ Then in 1881 George A. King persuades a skeptical leadership that, with more attractive output, the books could be sold by subscription. [...] The colporteur work, thus begun by George King, was sedulously built up to great proportions and great enthusiasm during the first ten years. Workers, singly, or in companies, were trained and operating in many States and many countries. The increase is represented by the figures of \$40,000 sales in 1880 and \$734,397 in 1890.

A seguir, algumas declarações de White (s.d.) sobre a colportagem escritas por ela em ocasiões distintas. Essas afirmações demonstram o valor e a importância desse ministério para os adventistas:

- 1) 1878 - Poucos, porém, tem ampla e extensa visão do que pode ser feito em alcançar o povo mediante interessado esforço pessoal numa sábia distribuição de nossas publicações (WHITE, s.d., p. 8).
- 2) 1880 - A obra missionária de introduzir nossas publicações nas famílias, conversar com elas e orar com e por elas, é uma boa obra e que educará homens e mulheres para fazerem o trabalho pastoral (WHITE, s.d., p. 7).
- 3) 1885 - A obra da colportagem é o meio de Deus para alcançar muitos que, de outro modo, não seriam comovidos pela verdade (WHITE, s.d., p. 61).
- 4) 1900 - A obra da colportagem, devidamente dirigida, é obra da mais elevada espécie e o melhor e mais bem sucedido método que pode ser empregado para colocar perante o povo as importantes verdades para este tempo (WHITE, s.d., p. 6).
- 5) 1900 - Não há obra mais elevada do que a da colportagem evangelística, porque abrange o cumprimento dos mais elevados deveres morais (WHITE, s.d., p. 12).
- 6) 1900 - Necessitamos reconhecer a importância da colportagem como um grande meio de descobrir os que estão em perigo e levá-los a Cristo (WHITE, s.d., p. 36).
- 7) 1901 - A igreja deve dispensar sua atenção à obra da colportagem. Esta é uma das maneiras pelas quais ela deve resplandecer no mundo (WHITE, s.d., p. 7).
- 8) 1902 - A colportagem com nossas publicações é um importante e muito proveitoso setor da obra evangelística (WHITE, s.d., p. 8).
- 9) 1903 - A obra da colportagem é uma obra de grande responsabilidade e significa muito, não apenas para os que nela se empenham, mas também para aqueles por quem eles trabalham (WHITE, s.d., p. 37).
- 10) 1903 - Não permitais que coisa alguma vos impeça de salvar almas. A colportagem é o meio mais bem sucedido de ganhar almas (WHITE, s.d., p. 37).

Há nessas afirmações alguns aspectos que definem o valor e o significado da colportagem para os adventistas. Antes de mais nada, ela é tida como sendo de grande valor e é um método bem sucedido de pregação. A essência dessa atividade é eminentemente espiritual, a despeito da existência de um elemento comercial no processo, pois o fator venda em nada diminui o caráter missionário da colportagem. A igreja precisa compreender e valorizar esse ramo evangelístico, para que possa devotar aos colportores, o mesmo respeito e consideração dispensados aos demais missionários. O colportor, pela natureza de sua atividade, alcança

grande extensão territorial, cumprindo assim o mandado divino de ir a todos os lugares. Os que colportam estão empenhados numa tarefa de grande responsabilidade e estão realizando a obra de Deus. São comparados aos “atalaias” que solenemente avisavam as cidades antigas da aproximação dos inimigos, pois seu papel é chamar a atenção das pessoas para o significado dos tempos atuais e apresentar-lhes a mensagem de salvação.

Outro aspecto que chama a atenção, está ligado à produção de literatura em línguas diferentes do inglês. Spalding (1962, v. 3, p. 221) escreveu sobre isso: “A literatura também se multiplicava e não apenas em Inglês, mas em francês, alemão, dinamarquês, norueguês, sueco e holandês”⁹. Ainda sobre a produção de literatura em outras línguas, encontramos a seguinte informação:

Para ajudar na obra entre os imigrantes, a Igreja Adventista do Sétimo Dia começou a publicar periódicos de língua estrangeira: o dinamarquês-norueguês *Advent Tidende* (1872); a sueca *Svensk Advent Harold* (1874); o francês *Signes des Temps* (1876) na Europa; e o *Stimme der Wahrheit* alemão (1879), mais tarde alterado para *Zeichen der Zeit* (VANDEVERE, 1998, p. 69).¹⁰

Essa informação é muito significativa para esta pesquisa, pois foram as revistas *Stimme der Wahrheit* que vieram para o Brasil, conforme veremos no capítulo três. Outra informação relevante, vem de Loughborough (2014, p. 353-54) e presta outro esclarecimento para este trabalho:

Por cortesia dos proprietários de navios, o irmão Ings foi autorizado a enviar pacotes de panfletos e periódicos gratuitamente para 80 dos principais portos da “Companhia peninsular e oriental de navios a vapor”, na África do Sul, Índias orientais e ocidentais, América Central e Ilhas da Baía [em Honduras]. Foi pela influência dessas publicações enviadas que se despertou, pela primeira vez, na ilha de Demerara, o interesse na mensagem. Recebemos esta informação por cartas escritas dessa ilha.

Ao concentrarmos nossa atenção agora sobre a figura do colporteur, encontramos na *Seventh-day Adventist Encyclopédia* (1966, p. 705-06)¹¹, a seguinte definição:

⁹ The literature also multiplied, not only in English, but in French, German, Danish-Norwegian, Swedish and Dutch.

¹⁰ To help in proselytizing among the immigrants, Seventh-day Adventist Church began to issue foreign-language periodicals: the Danish-Norwegian *Advent Tidende* (1872); the Swedish *Svensk Advent Harold* (1874); the French *Signes des Temps* (1876) in Europe; and the German *Stimme der Wahrheit* (1879), later changed to *Zeichen der Zeit*.

¹¹ An SDA who regularly sells from house to house denominational books and magazines to the public. He is considered a gospel worker whose efforts are coordinated with those worker of the other evangelistic workers of the church. His work is a sacred one, and partakes of that of a minister, a teacher, and a salesman. Going directly

É um adventista do sétimo dia que vende regularmente, de casa em casa, os livros denominacionais e revistas para o público. Ele é considerado um obreiro evangélico e seus esforços devem estar coordenados com os obreiros das demais áreas evangelísticas da igreja. Sua obra, como vendedor, é tão sagrada quanto a atividade de um ministro ou de um professor. Visitando diretamente as casas de todas as classes de pessoas, ele apresenta para seus clientes o caminho da salvação e ora com eles, na esperança de que Deus vai impressioná-los a ler e estudar os livros que ele está deixando nas casas.

A visão adventista sobre o colportor está fundamentada nas declarações de White (s.d.), escritas em diferentes ocasiões e, destaca o seu relevante papel. As descrições apontam várias características que acentuam a essência espiritual desse missionário. Ela escreveu:

- 1) 1880 - Os colportores devem ir às várias partes do campo. A importância desta obra é perfeitamente igual à do ministério. O pregador vivo e o mensageiro silencioso são ambos necessários à conclusão da grande obra que está perante nós (WHITE, s.d., p. 8).
- 2) 1900 - Lembre-se o colportor de que ele tem oportunidade de semear sobre todas as águas. Lembre-se, ao vender os livros que dão um conhecimento da verdade, que está fazendo a obra de Deus e que todo talento deve ser empregado para a glória de Seu nome (WHITE, s.d., p. 10).
- 3) 1900 - Chegou o tempo de se fazer uma grande obra por meio dos colportores. O mundo dorme e como atalaias eles devem fazer soar a campanha de advertência, a fim de despertar os dormientes ao reconhecimento do seu perigo (WHITE, s.d., p. 10).
- 4) 1900 - Ao visitar o colportor as pessoas em seu lar, muitas vezes terá oportunidade de ler-lhes a Bíblia ou os livros que ensinam a verdade. Quando ele descobre aqueles que estão buscando a verdade, pode realizar estudos bíblicos com eles (WHITE, s.d., p. 42).
- 5) 1900 - O colportor inteligente, temente a Deus e amante da verdade, deve ser respeitado, porque ocupa uma posição igual à do pastor evangélico (WHITE, s.d., p. 44).
- 6) 1900 - Os colportores precisam se converter diariamente a Deus, a fim de que suas palavras e ações sejam um cheiro de vida para vida, para que possam exercer uma influência salvadora (WHITE, s.d., p. 48).
- 7) 1902 - Pela diligência em colportar, pela fidelidade em apresentar ao povo a cruz do Calvário, o colportor duplica sua utilidade (WHITE, s.d., p. 42).
- 8) 1903 - Lembre-se o colportor que sua obra é evangelística em sua natureza e que Deus deseja que, os que por ele são visitados, sejam salvos (WHITE, s.d., p. 37).

into the homes of all classes of people, he tells his customers of the way of salvation, and prays with them, hoping that God will impress them as books he is leaving in the homes are read and studied.

9) 1903 - O colportor cujo coração é manso, modesto e humilde, pode efetuar muito bem. Saindo de dois em dois, os colportores podem alcançar uma classe que nossas reuniões campais não atingem (WHITE, s.d., p. 38).

10) 1903 - O pastor evangelista que se empenha na colportagem está realizando um serviço tão importante quanto a pregação do evangelho perante a congregação a cada sábado (WHITE, s.d., p. 45).

Na percepção adventista, como fica evidenciado, a importância do trabalho do colportor equivale ao ofício do ministério pastoral, primeiramente pela essência espiritual da colportagem, o que por sua vez, requer que o colportor também seja espiritual e dependente de Deus ao realizar sua tarefa. Para os adventistas, em nenhum momento a colportagem e o colportor são um fim em si mesmos. Esta atividade evangelística só faz sentido se estiver conectada com os ideais da missão da igreja, conduzindo pessoas ao conhecimento da Palavra de Deus e, conseqüentemente, encaminhando-as a Cristo e à igreja. Em seu trabalho, o colportor deve estar atento às oportunidades de orar e estudar a Bíblia com as pessoas. Merece destaque ainda o fato de White (s.d.) recomendar que estudantes que estão se preparando para atuar como pastores e até pastores já em exercício da atividade pastoral, deveriam se envolver na colportagem; mas nunca recomenda que colportores deixem de colportar para atuarem como pastores. A colportagem tornou-se também, para os adventistas, uma opção para novos conversos diante das dificuldades com a guarda do sábado, dando a eles uma oportunidade de envolvimento missionário e condições de manutenção própria. A seguir o testemunho de Spalding (1962) sobre o trabalho do colportor, como um tributo a esses heróis da pregação do evangelho:

O trabalho do colportor Adventista do Sétimo Dia não é um mero negócio comercial. É verdade que ele sustenta a vida de milhares de homens e mulheres, e é uma das oportunidades que a denominação oferece aos estudantes de nossas escolas para a obtenção de bolsas de estudo, totalizando milhões de dólares em vendas. Mas o seu grande objetivo é a propagação do evangelho de Jesus Cristo. [...] É muito mais o consagrado serviço evangelístico do que o sucesso financeiro, que tem revelado a força do trabalho do colportor. A maioria das atividades do colportor é essencialmente desafiadora, cansativa e exige uma boa dose de sacrifício próprio. Sob muitas condições de privação e dificuldades, em todas as terras e todos os povos, o missionário da literatura cristã vai, sob o sol escaldante dos trópicos, nas selvas, nas áridas planícies, nas estradas e pistas, nas ruas das cidades, lá está o colportor transportando as palavras de Deus. [...] Independente disso, eles permanecem com as mãos estendidas para abençoar o mundo; e, possuídos pela graça e amor de Deus, seguem adiante, como mensageiros das boas novas

e da abençoada esperança. Eles são a vanguarda da última legião de Cristo (SPALDING, 1962, v. 2, p. 88-89).¹²

Ao encerrar-se este capítulo, destacamos alguns pontos relevantes para esta pesquisa: **1)** os benefícios do invento da imprensa produziram um reavivamento da pregação da palavra e introduziram um significado especial da palavra escrita para o protestantismo; **2)** baseados na experiência que haviam testemunhado no movimento *millerita*, os adventistas sabatistas decidiram escrever e publicar desde seus primórdios; **3)** em 1849 lançaram seu primeiro periódico e em 1850, lançaram a revista, *Second Advent Review and Sabbath Herald*, até hoje o órgão oficial dos adventistas do sétimo dia; **4)** em 1851 publicaram o primeiro livro de Ellen G. White e no ano seguinte, em 1852, adquiriram o primeiro prelo manual; em 1855, mudaram para um prédio próprio em Battle Creek, Michigan, onde, em 1860, organizaram a Associação Adventista de Publicações, primeira entidade legalmente constituída da denominação; **5)** os adventistas não se veem como inventores, mas sim como continuadores daqueles que eles acreditam ter sido os originadores da colportagem, os valdenses. Assim como a colportagem foi utilizada pelo movimento da Reforma, chegou também como herança evangélica para os adventistas; **6)** logo após a organização da editora, sociedades missionárias foram fundadas e tornaram-se especializadas na distribuição de literatura, com variedade de métodos; **7)** a colportagem foi descoberta pelos adventistas em 1880 e rapidamente tornou-se num meio eficaz de comunicação da mensagem adventista; **8)** Ellen G. White fez declarações impressionantes sobre o papel das publicações, da colportagem e do colporteur, que até hoje sustentam filosoficamente essa área de atuação da igreja.

O próximo capítulo apresentará a expansão missionária adventista, a partir do contexto da expansão missionária protestante pelo mundo.

¹² The colporteur work of Seventh-day Adventist is not a mere commercial business. It is true affords a living to thousands of men and women, that it is one of the opportunities which the denomination offers to the students of our schools for the making of scholarships, that in the aggregate its sales mount into millions of dollars. But its great aim is the propagation of the gospel of Jesus Christ. [...] It is this consecrated evangelistic service, rather than financial success, that has proved the strength of the colporteur work. The lot of the colporteur is essentially hard, exhausting, and self-sacrificing. Under a thousand conditions of privation and hardship, in every land and every people, the Christian literature missionary goes, under the burning sun of the tropics, jungles, arid plains, in country lanes, on city streets, carrying the words of God. [...] But still they reach out their hands of blessing to the world, and armed with the grace and love of God, they go forth, the messengers of good news and the blessed hope. They are the vanguard of the last legion of Christ.

2 CONCEITOS DE MISSÃO E O AVANÇO MISSIONÁRIO ADVENTISTA

Neste capítulo apresentaremos as condições que levaram os adventistas a assumirem a consciência da responsabilidade de expandir sua mensagem e a se considerarem um povo inserido na pregação do evangelho a todo mundo. Antes de verificarmos como se deu o desabrochar adventista para as missões, tendo como cenário a expansão missionária protestante mundial e para a América Latina, apresentaremos breves considerações sobre a teologia de missão adventista.

2.1 O CONCEITO DE MISSÃO

O conceito de missão desenvolvido pela Igreja Adventista até o período da expansão missionária começou a se desenvolver a partir de alguns acontecimentos que tomaram lugar no início do século 19, especialmente na década de 1840, quando o clima político-religioso nos Estados Unidos era favorável ao surgimento de novos movimentos religiosos. Damsteegt (1981) relaciona os eventos religiosos desse tempo com a origem da teologia de missão dos adventistas:

No início do século 19, o protestantismo americano proveu o imediato contexto para origem da teologia de missão dos Adventistas do Sétimo Dia. Nesse tempo, existiu grande interesse no estudo da escatologia apocalíptica das Escrituras, que era geralmente interpretada por princípios hermenêutico-historicistas (DAMSTEEGT, 1981, p. 294).¹³

Na visão dos historiadores adventistas, um amplo e interconfessional movimento sobre o segundo advento se desenvolveu rapidamente nos Estados Unidos, sob a liderança do premilenialista William Miller. A partir desse movimento uma teologia de missão emergiu gradualmente, exercendo um papel importante sobre seus participantes, uma vez que acreditavam no caráter profético da tarefa que estava posta em seus ombros, isto é, preparar o mundo para o iminente retorno de Cristo à Terra. Esse sentimento produziu neles um destacado senso de responsabilidade, zelo missionário e entusiasmo. De acordo com Damsteegt (1981), a

¹³ Early 19-century American Protestantism provided the immediate historical context for origins of the SDA theology of mission. At that time there was great interest in the study of the apocalyptic-eschatology of Scripture, which was generally interpreted by historicist hermeneutical principles.

origem da teologia de missão da Igreja Adventista, está ligada à interpretação hermenêutico-historicista do início do século 19, utilizada amplamente na interpretação pré-milenialista e simbólica das profecias, conforme pregadas no Movimento *Millerita*, que anunciava o segundo advento de Cristo para 1843 ou 1844. Knight (2015) faz uma abordagem comparativa dos métodos de interpretação preterista, futurista e historicista:

Os preteristas consideram que o cumprimento profético ocorreu por volta da época em que a mensagem foi escrita. [...] O futurismo, uma segunda escola, defende que a maior parte das profecias apocalípticas acontecerá dentro de um curto espaço de tempo antes do segundo advento. [...] A terceira perspectiva, o historicismo, considera que o cumprimento das profecias iniciou no tempo do profeta, continua ao longo do espectro da história e chegará ao clímax na segunda vinda (KNIGHT, 2015, p. 16).

Como as predições do movimento falharam, os *milleritas* foram forçados a reavaliar a sua interpretação. Ao comentar sobre os círculos pré-milenialistas, Bosch (2002, p. 382) escreveu: “Quando suas profecias não se cumpriram, o movimento passou por uma crise, mas voltou a crescer significativamente depois; hoje constitui uma comunidade mundial conhecida como Adventismo do Sétimo Dia”.

Além de Bosch (2002), Ahlstron (1972) também reconhece a existência do Movimento *Millerita*, ratificando a descrição dos historiadores adventistas, mas se limita apenas a registrar historicamente os fatos, ao passo que Bosch, além disso, minimiza a importância desses acontecimentos no cenário religioso. Outro aspecto a se destacar, é que Bosch chama os continuadores desse movimento, os adventistas, de “comunidade”, sem conferir-lhes o *status* de Igreja, animosidade antiga entre protestantes históricos e adventistas. Noutra citação, Bosch (2002) reproduz um comentário que parece ser depreciativo e reafirma sua percepção da pequenez do Movimento *Millerita*: “o apocalipsismo extravagante de alguns dos recentes grupos pré-milenaristas como os *shakers* e os *millerites* – considerados malucos ou tolos em círculos ‘respeitáveis’ – fez com que qualquer tipo de visão apocalíptica se tornasse suspeita” (BOSCH, 2002, p. 386). Fica claro que o conceito do adventismo, por parte dos ‘círculos respeitáveis’, não deveria ser positivo. Mas o que significa ‘círculos respeitáveis’ e quem faria parte deles? O que o autor quis dizer com isso? São perguntas que despertam o desejo de investigação, porém respondê-las extrapolaria o escopo desta pesquisa.

Dentre aqueles que continuaram afirmando a validade de sua interpretação para a profecia do iminente retorno de Cristo à Terra, surgiram duas correntes opostas, que passaram a explicar os acontecimentos de 22 de outubro de 1844, conhecido como o dia do Grande Desapontamento, isto é, a decepção pelo não cumprimento da profecia. A opinião da maioria

era que eles estavam errados quanto ao cálculo do tempo profético, mas estavam certos quanto ao evento predito; estes passaram a crer que Cristo havia voltado espiritualmente na data profetizada. Uma minoria, ao contrário, acreditava que eles tinham se equivocado quanto ao evento, mas que o tempo calculado estava correto. Este segundo grupo concluiu que o erro estava na interpretação de alguns símbolos apocalípticos, o que os levou a optar por um diferente conceito da natureza do evento que deveria ter acontecido no cumprimento do período profético. Sua conclusão foi que o evento a ocorrer não era a segunda vinda de Cristo, mas o início da fase final do ministério sumo sacerdotal de Cristo no Santuário Celestial. Esta nova interpretação, de acordo com eles, afirmava a validade de seu método hermenêutico-historicista e provia uma explicação para o desapontamento. Damsteegt (1981, p. 295/96)¹⁴ escreveu:

Aqueles que aceitaram a nova interpretação do ministério de Cristo no santuário foram os únicos adventistas que também aceitaram o sábado (resultante da iniciativa dos Batistas do Sétimo Dia) e sobre quem esse ensinamento produziu efeitos duradouros. A partir dessa minoria, a visão da teologia de missão dos Adventistas do Sétimo Dia começou a se desenvolver gradualmente. Inicialmente a teologia de missão dos Adventistas do Sétimo Dia tinha dois pontos focais: (1) A afirmação da validade da experiência do Advento de 1844; (2) a necessidade de restauração de certas doutrinas Bíblicas negligenciadas (particularmente o Sábado) antes de ocorrer a *parousia*. Foi especialmente o aspecto da restauração que veio a desempenhar um papel cada vez mais importante na autocompreensão dos Adventistas do Sétimo Dia. A mensagem dos três anjos de Apocalipse 14, que era frequentemente designada como a terceira mensagem angélica, formou a estrutura básica de missão durante o período formativo da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Esta estrutura básica consiste da proclamação das três mensagens angélicas, de forma progressiva e inter-relacionada, no contexto da missão final de Cristo no céu e na terra, a fim de preparar a humanidade para o segundo advento.

Destaca-se na citação acima, a relação desse grupo, que era minoria, com a guarda do sábado. Embora não fossem os únicos a demonstrar interesse pelo tema do quarto mandamento, essa questão tornar-se-ia um elo de ligação entre eles, uma vez que estavam dispostos a buscar e compreender as razões de sua decepção dentro da Bíblia e restaurar certas verdades negligenciadas. Entendiam que esses dois aspectos teriam forte influência na preparação para esperar o segundo advento de Cristo.

¹⁴ Those who accepted the new interpretation of Christ' sanctuary ministry were the only Adventists on whom a current agitation on Sabbath (resulting from a thrust by Seventh Day Baptists) had any lasting effects. From this minority view the SDA theology of mission gradually developed. Initially the SDA theology mission had two focal points: (1) The affirmation of validity of the Advent experience of 1844; (2) the necessity of a restoration of certain neglected Bible doctrines (particularly the Sabbath) before the occurrence of the *parousia*. It was especially the aspect of restoration which came to play in an increasingly important role in the self-understanding of SDA. The three angels' messages of Rev. 14, which were frequently designated as the third angels' message, formed the basic structure of the theology of mission during the formative years of SDA Church. This basic structure consisting of three interrelated progressive proclamations in the context of Christ' final mission in heaven and on earth was considered to prepare man for the second advent.

A estrutura básica da teologia de missão dos Adventistas do Sétimo Dia, após 1874, veio a ser interpretada com uma ênfase mais cristocêntrica sem, no entanto, diminuir ou negar a importância escatológica. A principal autoridade adventista, a autora Ellen G. White, associou a terceira mensagem evangélica com “a mensagem da justificação pela fé”, com “a comissão evangélica” e com “a mensagem do evangelho”. (WHITE, 1890, apud DAMSTEEGT, 1981, p. 296)¹⁵. Uma comparação entre os princípios fundamentais dos adventistas dos anos de 1870 e 1970, feita por Damsteegt (1981, p. 296), “...indicou que a base apocalíptica-escatológica que motiva para a missão, não tinha mudado”¹⁶. Um dos fatores mais importantes no surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia, foi a influência do método hermenêutico-historicista, o que permitiu uma interpretação dos acontecimentos contemporâneos como sinais da segunda vinda de Cristo. Essa é a razão pela qual os adventistas puderam se desenvolver com sucesso após o fracasso de 1844, segundo Damsteegt (1981, p. 298)¹⁷:

Tornou-se claro que a consciência de missão em um contexto escatológico, não resultou necessariamente no imediato alcance em âmbito mundial. A estrutura básica da teologia de missão, emergiu lentamente para uma visão de alcance mundial. Assim, não foi até os anos de 1870, quando a teologia de missão tinha amadurecido suficientemente, que o crescente interesse na mensagem Adventista do Sétimo do Dia em outros continentes, resultou no envio de missionários para áreas fora da América do Norte.

Confirmando esse de ponto de vista, Vandevere (1998, p. 38)¹⁸ escreveu:

Enquanto estavam sistematizando suas ideias e desenvolvendo novas instituições, os Adventistas do Sétimo Dia também foram expandindo a visão da tarefa para a qual eles acreditavam que Deus os havia chamado. O fato de que Cristo ainda não tivesse vindo, forçava continuamente os adventistas a reavaliar a compreensão da sua missão. Como resultado, eles mudaram gradualmente a partir da teologia da "porta fechada", da década de 1840, para

¹⁵... the message of justification by faith”, “the gospel commission”, and “the gospel message.

¹⁶ ... indicates that the basic apocalyptic-eschatological motives for mission have not changed.

¹⁷ It has become clear that a mission consciousness in an eschatological context did not necessarily imply an immediate outreach on a world-wide scope. The basic structure of the theology of mission only slowly emerged to a view of world-wide outreach. Thus it was not until 1870s, when the theology of mission had sufficiently matured, that the increasing interest in the SDA message in other continents led sending of missionaries to areas outside of North America.

¹⁸ While they were systematizing their ideas and developing new institutions, Seventh-day Adventists were also expanding their vision of the task to which they believed God had called them. The fact that Christ had not yet come continually forced Adventists to reevaluate their understanding of their mission. As a result, they moved gradually from "Shut Door" theology of the 1840's to a recognition that they had been called to evangelize. At first it was the apocalyptic impulse - the belief that people had to be warned that the judgement hour was at hand - that propelled them into evangelistic activity. But by the mid-1870's, a non-apocalyptic emphasis on Christlikeness began receiving increasing attention, as Ellen White, particularly, called on Adventists to be selfless and sacrificial in working for the salvation of others.

o reconhecimento de que eles haviam sido chamados a evangelizar. No começo foi o impulso apocalíptico - a crença de que as pessoas tinham de ser avisadas de que a hora do juízo estava próxima - que os levou a uma atividade evangelística. Mas, em meados da década de 1870, a ênfase não apocalíptica sobre a semelhança de Cristo começou a receber cada vez mais atenção, levando até Ellen White a apelar pessoalmente aos adventistas para serem mais altruístas e a se sacrificarem mais no trabalho pela salvação dos outros.

Com esses conceitos estabelecidos, apresentaremos outras percepções da teologia de missão, que nos permitirão estabelecer uma relação com o pensamento adventista. Ao escrever sobre o tema, Müller (1995), trata do que é missão, conceituando-a da seguinte forma: **1)** difusão da fé – anunciar o Evangelho a toda criatura para formar o rebanho de Cristo; **2)** expansão do Reino de Deus – ampliar a Igreja e semear por toda parte o verdadeiro conhecimento de Deus; **3)** conversão dos pagãos – abordar pessoas que não conhecem a Cristo a fim de que se convertam; **4)** fundação de Igreja – abertura de novas comunidades eclesiais; **5)** avanço das fronteiras – baseado na universalidade do Evangelho, prevê que a igreja que não vai além de si mesma, não é igreja; e, **6)** serviço de arauto – que é o pregoeiro e deve prosseguir com a missão de Jesus Cristo, em nome dele. Praticamente todas essas caracterizações serão vistas na trajetória da expansão missionária protestante e adventista. Ao buscar definir missão, Müller (1995) cita o clássico conceito apresentado por Gustavo Warneck, com o que concordamos plenamente:

Por missão cristã entendemos a atividade conjunta da cristandade, buscando a implantação e organização da Igreja cristã entre os não cristãos. Tal atividade denomina-se *Missão*, pois baseia-se na força do envio do chefe da Igreja cristã; é realizada por *emissários* (apóstolos, missionários) e seu objetivo será atingido assim que não seja mais necessário outro envio (WARNECK, s.d., apud MÜLLER, 1995, p. 39).

Ao tratar dos elementos básicos de uma teologia de missão, Müller (1995) destacou alguns pontos que devem orientar a compreensão do tema. São eles: **1)** missão radica-se profundamente no mistério da Trindade, num Deus que se comunica e que se doa completamente; **2)** o foco da missão é a salvação, pois Deus quer livrar os seres humanos da culpa do pecado e torná-los participantes de seu reino; **3)** a missão envolve também a comunidade, pois Deus quer que os filhos dispersos formem o ‘Povo de Deus’; **4)** missão sempre está relacionada com ‘mundo’, ou seja, não existe missão no vácuo. Missão é o encontro do divino com o humano; **5)** missão preocupa-se principalmente com aqueles que não conhecem ainda o Evangelho, por isso ela é caracterizada como uma ação de ir e atravessar fronteiras; **6)** não existe a necessidade de ater-se ao termo, porque mais importante do que a palavra em si, é seu profundo sentido bíblico que não pode ser desprezado. E quando passa do

conceito para analisar o objetivo da missão, Müller (1995) relaciona os seguintes propósitos: **1)** a salvação de almas, que sempre foi um forte motivo missionário, pois o primeiro fim da missão, é a conquista do indivíduo para Cristo; **2)** a salvação integral, cujo olhar se estende para além da cura da alma, abrangendo o ser todo e o ser humano em sua realidade concreta; **3)** a salvação dos seres humanos, que é oferecida a todos em Cristo Jesus e não apenas aos eleitos. O Deus que criou a humanidade, convida a todos para salvação e ninguém está excluído. Estes aspectos condensam o pensamento de Müller.

Consideremos agora o pensamento de Comblin (1980), indicando que qualquer teologia é insuficiente se estiver desconectada de ações práticas. Ele escreveu: “a teologia é ato reflexo, realizado depois das experiências e a partir delas. O concreto da prática missionária sempre será anterior à teologia, e uma teologia que não se refere a atos concretos fala no ar, para ninguém” (COMBLIN, 1980, p. 7). Ele reconhece a necessidade de que a teologia de missão precisa ser reconstituída à luz da experiência vivida e faz uma crítica à ‘grande teologia’ que não reconheceu a ‘missiologia’, deixando-a à margem, como tarefa específica dos missionários. Após a segunda guerra mundial, surgiu uma outra perspectiva missionária provocada pela secularização da sociedade, que obrigou a teologia bíblica a destacar os temas da missão. Era a mesma igreja de sempre procurando “renovar a eclesiologia, aplicando os temas tradicionais a fins missionários” (COMBLIN, 1980, p. 9). Sua percepção da centralidade da missão é enfaticamente descrita nas seguintes palavras:

Trata-se em primeiro lugar de reconhecer que, na própria estrutura da mensagem evangélica, a missão não constitui um tema secundário ao lado de muitos outros. É o tema fundamental do qual procede o resto, e cuja luz se projeta sobre o resto. Portanto, precisamos construir uma síntese teológica em que esse fato se destaque com a devida insistência. Em segundo lugar, o tema da missão é a luz à qual é preciso submeter as questões de hoje, que são as mais radicais: qual é a função da Igreja? Para que ser cristão? Tem sentido formar Igreja? Qual é a finalidade, quais são as metas, os critérios da atuação da Igreja? Pois essas são as perguntas dos cristãos de hoje, que não se contentam com razões sentimentais, ou não querem evitar as perguntas para não perder a tranquilidade (COMBLIN, 1980, p. 10).

O conceito de missão em Comblin se resgata a partir de alguns textos bíblicos, onde Cristo fala de si mesmo e onde sua missão pode ser vista na prática. Escreveu ele que, para Jesus Cristo, “a missão significa muito mais do que uma função, uma profissão, uma tarefa; a missão é o que envolve e ocupa a totalidade dele mesmo” (COMBLIN, 1980, p. 17). Prosseguindo com essa linha de pensamento, observou que “a maioria dos textos do Novo Testamento que dizem respeito à missão, determinam ou a origem da missão ou o seu objeto.

Tudo o que Jesus Cristo faz se refere ao Pai e se deve a uma missão que procede do Pai” (COMBLIN, 1980, p. 18).

Ao chamar a atenção para os apóstolos, os enviados, o Novo Testamento dá ênfase na continuidade ou transmissão da missão. Ele afirmou: “A missão consiste em plantar a igreja em todos os povos para poder em cada um deles estabelecer os meios de salvação, abrindo centros de comunicação e distribuição da graça” (COMBLIN, 1980, p. 19). Os aspectos que ele propõe para análise envolvem o conceito de missão como: **1) movimento; 2) obediência; 3) salvação; 4) serviço; 5) força e fraqueza; e, 6) testemunho.**

Ao compararmos as informações da teologia de missão dos adventistas com os conceitos apresentados por Müller (1995) e Comblin (1980), vemos que as abordagens, apesar de diferentes convergem para pontos comuns, não havendo nada de discrepante ou conflitante entre eles. Todavia, nenhum dos dois autores abordados insere em sua teologia da missão o elemento escatológico, também defendido por Bosch (2002), nem a visão restauradora de certas verdades bíblicas, distintivas na teologia de missão adventista. E foi exatamente esse papel restaurador da sua teologia de missão, que impulsionou inicialmente os adventistas para áreas onde já havia presença cristã, principalmente protestante, chegando só posteriormente, às regiões onde o catolicismo já estava implantado ou o cristianismo não havia ainda penetrado.

Ao encerrar esse tópico, apresentamos a declaração de missão da Igreja Adventista, perfeitamente em harmonia com a visão dos escritores adventistas citados anteriormente, pois está fundamentada em princípios escatológicos baseados em Apocalipse 14:

A missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia é fazer discípulos dentre todas as pessoas, comunicar o evangelho eterno no contexto das três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12, levando-as a aceitar a Jesus como Salvador pessoal e unir-se com a Sua Igreja remanescente, discipulando-os para servi-Lo como Senhor e preparando-os para seu breve retorno (Declaração de Missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Declarações Oficiais da Associação Geral, 13 de outubro de 2009 apud KUHN (não publicado)).¹⁹

Numa corrente de pensamento muito semelhante a que vimos na Teologia da Missão em Comblin (1980), estão os teólogos contemporâneos adventistas e sua abordagem sobre missão. Trazemos aqui as reflexões de Kuhn e Dybdahl, ambos professores no Seminário de

¹⁹ The mission of the Seventh-day Adventist Church is to make disciples of all people, communicating the everlasting gospel in the context of the three angels' messages of Revelation 14:6-12, leading them to accept Jesus as personal Savior and unite with His remnant Church, disciplining them to serve Him as Lord and preparing them for His soon return” (Mission Statement of the Seventh-day Adventist Church. GC Official Statements; October 13, 2009).

Teologia da principal Universidade teológica adventista do mundo, a Andrews University, localizada em Berrien Springs, MI, USA, que além de enaltecerem os aspectos práticos da missão, apresentam uma ênfase escatológica-cristocêntrica em seus argumentos:

A missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia é levada adiante no contexto do grande conflito e da breve volta de Jesus. Sob a orientação e capacitação do Espírito Santo, os membros de todas as partes do mundo, cumprem a missão da igreja através dos seguintes quatro principais métodos: pregação, ensino, cura e discipulado. Estas metodologias globais estão subdivididas em uma multiplicidade de métodos e práticas para efetivamente "traduzir" a mensagem do evangelho a todos, na teoria e na prática e em palavras e atos (KUHN (não publicado)).²⁰

De certa forma, a encarnação de Jesus foi o método que Deus usou para "traduzir", para "contextualizar" a salvação para a realidade humana e para um mundo agonizante. Ele chegou perto de seu povo, identificando-se com aqueles que ele queria salvar. Ele tornou-se um servo, a fim de ministrar e servir àqueles a quem ele veio salvar, dando assim um exemplo para seus seguidores. Em sua vida e ministério, encontramos o melhor exemplo e os métodos mais eficazes para orientar nossas reflexões teológicas e missão prática (KUHN (não publicado)).²¹

Missão e teologia devem ir juntas. Observe as palavras de Philip Clayton: "A 'lógica' da Missiologia é central para a doutrina da igreja. Bosch, Shenk, Kirk e Haldeman, todos eles têm argumentado que igreja e missão, ecclesiologia e missiologia, são inseparáveis" (Apud, Kirk e Vanhoozen 1999: 83). A verdadeira teologia deve motivar a missão e missão prática deve justamente nos levar a teologia. No entanto, enquanto Paulo, sem dúvida, teve uma teologia (algumas ideias refletidas sobre Deus), antes de sua missão aos gentios, sua teologia, como refletida nas epístolas, sem dúvida, surgiu a partir de sua comissão de missão e sua experiência em proclamar o evangelho na Ásia Menor e na Grécia. Toda a sua teologia escrita e uma grande parte de sua teologia proclamada, nasceram por sua proclamação do evangelho. (DYBDAHL, 2005, p. 1).²²

²⁰ The mission of the Seventh-day Adventist Church is carried forward in the context of the great controversy and the soon coming of Jesus. Under the guidance and empowerment of the Holy Spirit, members from all parts of the world accomplish the church's mission. Through the following four main methods: preaching, teaching, healing, and discipling. These overarching methodologies are further subdivided in a multiplicity of methods and practices to effectively "translate" the gospel message to all in both theory and practice, and word and deed.

²¹ In a way, the incarnation of Jesus was the method God used to "translate", to "contextualize" salvation into human reality, and to a dying world. He came close to his people, identifying himself with those he wanted to save. He became a servant in order to minister and serve to those he came to save, thus setting an example to his followers. In his life and ministry we find the best example and the most effective methods to guide our theological reflections and mission practice.

²² Mission and theology should go together. Note the words of Philip Clayton: "The 'logic' of Missiology is central for the doctrine of the church. Bosch, Shenk, Kirk, and Haldeman have all argued that church and mission, ecclesiology and missiology are inseparable" (Kirk and Vanhoozen 1999:83). True theology should move us to mission, and mission rightly practiced should lead to theology. However, while Paul undoubtedly had a theology (some reflected-on ideas about God) before his Gentile mission, his theology, as reflected in the epistles, undoubtedly arose out of his mission commission and his experience of proclaiming the gospel in Asia Minor and Greece. His entire written theology and a large part of his proclaimed theology were birthed by his proclamation of the gospel.

Feitas essas considerações sobre o conceito de missão, avancemos para o tópico seguinte que abordará a expansão missionária protestante pelo mundo.

2.2 A EXPANSÃO MISSIONÁRIA PROTESTANTE PELO MUNDO

Neste tópico buscou-se retratar o cenário protestante de expansão missionária pelo mundo, sob a visão de conceituados autores que abordaram este tema. Ao escrever *A History of The Expansion of Christianity*, que cobre o período de 1800 a 1914, Latourette (1974, v. 4), considerado por Bosch (2002, p. 403/04) como um clássico, afirmou que o reavivamento espiritual ocorrido no século 19 foi algo sem precedentes na história do Cristianismo. De acordo com ele, é fato consumado também que esse movimento espiritual de renovação, fé e missão só foi possível porque nos três séculos imediatamente anteriores, o Cristianismo havia sido plantado na maioria das áreas onde ocorreu a expansão do século 19. “Ao encerrar-se o século 18, o Cristianismo estava representado nos cinco continentes. Nunca antes tinha uma religião sido plantada em tão larga proporção na face da terra” (LATOURETTE, 1974, v. 4, p. 1)²³.

Tanto Bosch (2002) quanto Mendonça (1995) reconhecem em suas obras o relevante papel do Grande Despertamento, ocorrido no fim do século 17 e início do século 18, caracterizado por um avivamento da fé e piedade cristãs, especialmente entre metodistas, presbiterianos e congregacionais, tanto na Europa como nos Estados Unidos. O que se passou no século 19 foi um avançamento tanto em lugares já penetrados como em novas áreas e regiões, resultando na entrada do Cristianismo entre quase todos os países, ilhas, povos, tribos e línguas (LATOURETTE, 1974, v. 4). Esse movimento cedeu lugar a um breve período de enfraquecimento, logo seguido de um novo avivamento conhecido como Segundo Grande Despertamento, ocorrido com grande ênfase na segunda metade do século 19.

Assim, pode-se dizer que o Grande Despertamento estabeleceu os fundamentos do movimento de expansão missionária que notabilizou o Segundo Despertamento. Nesse tempo,

²³ By the close of the eighteenth century Christianity was represented in all the five continents. Never before had any religion been planted over so large a proportion of the earth's surface.

já se percebia os efeitos do iluminismo sobre a humanidade, na ciência, na filosofia, nas artes e demais áreas da atividade humana; e o efeito de sua força se fez sentir também no pensamento religioso e de forma particular no Cristianismo. Na análise feita por Bosch (2002) sobre o impacto do iluminismo sobre a religião cristã, ele destaca quais características marcantes que o identificaram e como estas afetaram não só a teologia cristã, mas sobretudo as práticas missionárias. Escreveu ele:

Era inevitável que o iluminismo influenciasse profundamente o pensamento e a prática missionária, sobretudo se considerarmos que todo o empreendimento missionário moderno é, em grau muito significativo, produto do iluminismo. Afinal, foi a nova cosmovisão expansionista que ampliou os horizontes da Europa para além do Mediterrâneo e do Atlântico e preparou, assim, o caminho para a expansão mundial da missão cristã (BOSCH, 2002, p. 334).

Escrevendo sobre o que significou esse tempo de expansão missionária, Latourette (1974, v.4, p. 4)²⁴ afirmou: “Nunca antes o Cristianismo, ou alguma outra religião, tinha sido introduzido entre tantos diferentes povos e culturas”. E isso se deu, em grande parte, pela explosão da vida religiosa que criou um impulso missionário, intimamente associado aos movimentos migratórios, ações comerciais e às conquistas coloniais. Dentro desse contexto, Bosch (2002) constatou que uma das consequências mais destacadas desse segundo despertar evangélico, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, foi o surgimento das Sociedades Missionárias, voltadas especialmente para as missões fora da pátria.

Ahlstron (1972, p. 387)²⁵ também escreveu sobre esse tempo:

O revivalismo tornou-se uma característica constante de avanço do protestantismo ao longo do século 19 e no início do século 20. Mas o período anterior à guerra foi o grande momento de triunfo evangélico. Esses dias foram marcados pelas ações de uma “Frente Evangélica Unida”, que assumiu as causas múltiplas da renovação moral, avanço missionário e reforma humanitária - com uma pregação sobre reavivamento sempre liderando as ações. Seu objetivo era levar o evangelho a toda a América e para terras pagãs no exterior, mas, sobretudo a esperança de tornar a América um grande exemplo mundial de uma república verdadeiramente protestante.

²⁴ Never before had Christianity, or any other religion, been introduced among so many diferente peoples and cultures.

²⁵ The revivalism became a steady feature of advancing Protestantism throughout the nineteenth century and into the early twentieth. But the antebellum period was the great time of evangelical triumph. These were days above all when the "Evangelical United Front" took up the manifold causes of moral renewal, missionary advance, and humanitarian reform - with revival preaching almost always leading the way. Its aim was to bring the gospel to all America and to heathen lands abroad, but primarily it hope to make America the world's great example of a truly Protestant republic.

Outra característica das pessoas alcançadas pelos “despertares” foi a compaixão por aqueles que estavam expostos às condições de pobreza e degradação nos bairros pobres das grandes cidades e por aqueles que se encontravam encarcerados nas prisões; incluindo também as vítimas da escravidão e os que trabalhavam sob condições miseráveis. Nesse contexto, ganha prioridade a ênfase soteriológica e escatológica das pregações, que não proclamavam apenas uma melhoria temporal, mas uma vida nova na mais completa acepção da palavra. Todo esse conjunto de características serviu de postura reacionária e oposição eficaz, mas especialmente de alternativa ao iluminismo, para fazer avançar a pregação do evangelho. Bosch (2002) afirmou que fora dos círculos adventistas, também havia uma acentuada ênfase no retorno de Cristo, especialmente como motivo para a missão. Grandes missionários como K. Gützlaff e J. Hudson Taylor foram motivados por expectativas escatológicas. Durante a segunda metade do século 19, vários líderes e suas organizações missionárias, acreditavam que o retorno de Jesus Cristo dependia do êxito da tarefa missionária e que a pregação do evangelho era uma condição a ser cumprida antes que viesse o fim, de acordo com Mateus 24:14, que passou a ser o seu principal texto missionário. Um registro de Ahlstron (1972) apresenta outras características desse tempo e introduz o surgimento de alguns movimentos característicos do Segundo Despertamento, entre eles o adventismo de Miller:

Outro sinal do espírito reformador foi a ascensão de um socialismo utópico e da fundação de empreendimentos comunitários, alguns nativos, outros originários da Europa, alguns com fervor religioso, outros explicitamente seculares. Neste ambiente experimental, onde os profetas não convencionais e reformadores de igreja radicais pareciam sempre encontrar um seguimento, três contribuições memoráveis para a religião do mundo tiveram sua origem: a Restauração Cristã, liderada por Alexander Campbell; os Adventistas do Sétimo Dia, que cresceram a partir do furor millenialista despertado por William Miller; e, acima de tudo, o Mormonismo. Mas houve muitos outros movimentos sectários que se mantiveram dentro ou apenas transgrediram ligeiramente os limites do evangelicalismo (AHLSTRON, 1972, p. 387)²⁶.

É apropriado que se reproduza nesse contexto, a análise que Bosch (2002) faz sobre os motivos missionários da chamada era iluminista. O pensamento calvinista clássico “glória a Deus” que foi de Voetius até Edwards, deu lugar ao “Constrangidos pelo Amor de Cristo” no despertar missionário. O amor tornou-se a mola propulsora e a motivação dominante para o

²⁶ Another sign of the reforming spirit was the rise of utopian socialism and the founding of communitarian ventures, some native, some originating in Europe, some fervently religious, others explicitly secular. In this experimental atmosphere, moreover, unconventional prophets and radical church reformers seemed always to find a following, and three memorable contributions to world religion had their origin: Christian restorationist, led by Alexander Campbell; Seventh-Day Adventism, which grew out of the millennial furor aroused by William Miller; and above all, Mormonism. But there were many other sectarian movements which stayed within or only slightly transgressed the limits of evangelicalism.

cumprimento da missão. Mesmo um motivo tão nobre como o amor, testemunhou a introdução de uma mudança que acabou por substituí-lo por dó e condescendência. O adjetivo ‘pobre’, cada vez mais utilizado, passou a significar ‘gentio’. Escreveu Bosch (2002, p. 352): “As manifestas necessidades dos ‘pobres-gentios’ tornaram-se um dos argumentos mais fortes em favor da missão”. A glória de Deus suplantada pela ênfase no amor de Cristo, viu a deterioração de um elevado princípio transformar-se em complacência caridosa. A despeito disso, o amor aos pobres também impulsionou vigorosamente a expansão do evangelho.

Outra característica motivacional desse período expansionista pode ser encontrada naquilo que ficou conhecido como Destino Manifesto, que é “um produto do nacionalismo” (BOSCH, 2002) das nações que estavam engajadas nos empreendimentos missionários. Embora tenha surgido décadas antes, seus efeitos foram percebidos de modo direto na segunda metade do século 19. O estado nacional substituiu a santa igreja e o sagrado império. A essa ideia, se agregou o conceito de povo eleito, tão marcante no Velho Testamento. Com isso, “praticamente toda nação branca, num ou noutro ponto da história recente, considerou-se escolhida para um destino específico e dona de um carisma único” [...] Era de se esperar que o espírito nacionalista fosse, cedo ou tarde, absorvido pela ideologia missionária (BOSCH, 2002, p. 363). É interessante afirmar que Mendonça (1995) corrobora com a análise de Bosch (2002), ao reconhecer que o Destino Manifesto se fez perceber em todo o século 19, onde religião e civilização estiveram unidas, pois Deus sempre age através dos povos escolhidos, ainda mais se forem de língua inglesa, parecendo mais escolhidos do que os demais. Na compreensão de Mendonça (1995, p. 62), “o melhor e mais eficiente condutor da ideologia do ‘Destino Manifesto’ foi a religião americana, ou melhor dizendo, o protestantismo americano, com sua vasta empresa educacional e religiosa que abriu o caminho para o seu expansionismo político e econômico.”

Ligado a esse motivo do Destino Manifesto, surge a questão da relação da missão com o colonialismo. Embora a expansão colonial das nações protestantes fosse um empreendimento secular, a partir do século 19 passa a ter vieses religiosos vinculados à missão. Com a chegada do auge da era imperial, as agências missionárias, após 1880, multiplicaram-se fenomenalmente e tornaram-se cúmplices desse empreendedorismo colonial. Tal espírito também conduziu a um recorde no recrutamento missionário. Não só as igrejas enviavam missionários, geralmente escolhidos dentre a gente humilde, mas as universidades também passaram a oferecer muitos missionários voluntários, que aos poucos foram substituindo aqueles antigos, provenientes das camadas mais pobres e simples das congregações. Essa “nova força missionária, cônica de

seus recursos e imbuída do desejo de salvar o mundo, assumia o comando, naturalmente, para onde quer que fosse” (BOSCH, 2002, p. 372). Alinhado com esse pensamento, Mendonça (1995) observa que o senso de urgência na pregação protestante para salvação do mundo, tinha motivação não só puramente teológica, mas política-expansionista também. Dominado por esse espírito, o iluminismo possibilitou ao Cristianismo deixar um dos maiores legados, uma herança considerada um notável fenômeno, que foram as emergentes sociedades missionárias. Dentre os muitos fatores que se podem enumerar, aparece em posição exaltada, o espírito empreendedor do iluminismo impulsionando tanto o nascimento dessas sociedades, quanto sua surpreendente proliferação.

Mendonça (1995) também ressalta a importância das sociedades bíblicas. Cria-se que a simples leitura da Bíblia poderia incutir os necessários sentimentos cristãos nas pessoas e por isso empenharam-se tanto em produzir quanto em distribuir milhares de exemplares das Escrituras Sagradas. Na opinião de Ahlstrom (1972), as grandes coisas que marcaram a América no século 19 e contribuíram para sua ascensão, estavam intimamente ligadas ao entusiasmo evangélico provocado pelo Segundo Despertamento, mais basicamente, pelo novo tipo de instituição religiosa que surgiu entre leigos, com a criação das sociedades missionárias voluntárias com propósitos missionários, reformatórios e benevolentes. Analisando esse tempo de crescimento, Bosch (2002, p. 402-03) escreveu:

Onde quer que o “princípio do voluntariado” se tenha tornado constitutivo em missões protestantes – em sociedades não denominacionais, em projetos bem organizados e preparados ou em missões de fé, em círculos ecumênicos ou evangélicos - os pressupostos operativos eram os da democracia ocidental e do sistema da livre iniciativa. Partia-se da premissa de que a missão era uma via de mão única, conduzindo do Ocidente para o Oriente ou para o Sul. Estruturou-se um empreendimento no qual uma parte só doava e a outra apenas recebia. E isso resultava do fato de um grupo estar, segundo sua própria visão, numa posição evidentemente privilegiada e o outro, de forma igualmente clara, numa situação desvantajosa.

Embora a reação dos círculos missionários ocidentais ao iluminismo tenha sido marcadamente negativa, não há como negar que esse movimento fez com que se desencadeassem entre os cristãos uma tal energia, que conduziu os esforços missionários para além mar, mais do que em qualquer outro tempo. Atribui-se a Pierson o *slogan* “A evangelização do mundo nesta geração”, adotado em 1889 pelo Movimento Voluntário Estudantil - MVE. Este *slogan* é um poderoso refletor do efervescente otimismo missionário daqueles tempos. “Mais do que qualquer outra coisa, resumiu o espírito missionário do protestante da época: pragmático, resoluto, ativista, impaciente, seguro, franco, triunfante”

(BOSCH, 2002, p. 405). Uma descrição do significativo resultado alcançado pelo avanço das missões evangélicas, foi feita por Latourette (1974) ao avaliar o processo através do qual o Cristianismo se desenvolveu, destacando os vários ramos da atividade humana que foram impactados:

As razões para a difusão do cristianismo foram muitas. Algumas podiam ser encontradas no ar generalizado de esperança e expansão que permeou grande parte do Ocidente, notadamente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Outras vieram do grande aumento da riqueza nas terras onde o Cristianismo foi mais forte, o que proporcionou meios para o apoio aos missionários. As impressionantes melhorias na comunicação e o rápido crescimento do comércio e dos impérios dos povos ocidentais, também foram fatores importantes. A divisão das culturas não europeias sob o impacto dos povos ocidentais, enfraqueceu a resistência ao Cristianismo. Tudo isso no entanto, seria em vão se não tivesse sido acompanhado por uma explosão de nova vida dentro do próprio Cristianismo. Essa onda de vitalidade foi a principal causa da visão ousada, dos planos abrangentes, da oferta de pessoas, recursos e dinheiro, que resultou no envio de missionários para todos os quadrantes do globo, para as fronteiras avançadas da colonização europeia nas Américas, Austrália e Nova Zelândia, aos esquimós no Ártico, para as selvas e planícies da África, para as ilhas remotas do Pacífico, a todas as províncias da China, a muitos distritos da Índia e para as estepes da Sibéria. É isso que elevou a reduzida quantidade de línguas nas quais a Bíblia estava traduzida para mais de mil línguas, para a construção de hospitais e a formação de profissionais médicos, para o aumento dos sistemas de ensino para populações inteiras, e para grandes mudanças no sistema familiar e no *status* das mulheres. Diante desse quadro, tanta efusão de vida só poderia encontrar sua origem e impulso em algo tão antigo quanto o próprio Cristianismo e que veio até nós através de Jesus (LATOURETTE, 1974, v. 4, p. 45-46)²⁷.

A partir dessa visão, verifica-se que a essência motivacional da expansão missionária protestante estava construída com base na esperança, desenvolvimento e riqueza; e, constata-se também, a existência de uma elevada autoestima das igrejas cristãs ocidentais e seu senso de superioridade em relação aos povos alcançados pela missão. Mas tal descrição ufanista-

²⁷ The reasons for the spread of Christianity were many. Some of them were to be found in the general air of hope and expansion which permeated much of the Occident, notably Great Britain and United States. Some came from the great increase in wealth in the lands where Christianity was strongest and which provided means for the support of missionaries. The striking improvements in communication and the rapid growth of the commerce and the empires of Western peoples were important factors. The breakdown of non-European cultures under the impact of Western peoples weakened the resistance to Christianity. All of these, however, would have been of no avail had they not been paralleled by the burst of new life within Christianity itself. It was this surge of vitality which was the primary cause of the daring vision, the comprehensive plans, and the offering of life and Money which sent missionaries to all quarters of the globe – to the advancing frontiers of European settlement in the America, Australia, and New Zeland, to the Eskimos in the Artic, to the jungles and plains of Africa, to the remotest islands of the Pacific, to all provinces and dependencies of China, to the many district of India, and to the Siberian steppes. It is this which led to the reduction of hundreds of languages to writing and to the translation of the Bible into a Thousand tongues, to the erection of hospitals and the creation of new medical professions, to the rise of educational systems for entire peoples, and to vast changes in the family system and in the status of women. When one traces it to its source, this vast outpouring of life is found to have its origin in the impulse which was as old as Christianity itself and which came through Jesus.

triumfalista não parece encontrar sustentação e respaldo nos números de conversos e batismos ao redor do mundo, mesmo somados os esforços de todas as denominações cristãs, como muito bem observa Bonino (2002), referindo-se à América Latina, mas que muito bem pode ser aplicado às demais partes do mundo. No entanto, essa crítica, apesar de sua validade reconhecida, esbarra num outro conceito de que números, embora tenham valor referencial, não são indicativos absolutos de sucesso.

Em harmonia com a constatação de sucesso ou insucesso do cristianismo, medido apenas pelo número de conversões mundo afora, Hobsbawn (2002) faz uma crítica direta ao protestantismo, considerando o islamismo, na segunda metade do século 19, a única religião bem sucedida numericamente. Ele afirmou que “o cristianismo de todas e quaisquer denominações fracassou em tornar-se um competidor sério em relação à única religião realmente em expansão, o islamismo” (HOBSEBAWN, 2002, p. 380), que continuava a se espalhar na África e em partes da Ásia, mesmo sem o apoio de organizações missionárias e o financiamento das grandes potências ocidentais.

No tópico seguinte, trataremos do impacto que o movimento de expansão missionária mundial do protestantismo exerceu sobre a América Latina e como ela foi alcançada por essa onda.

2.3 A EXPANSÃO MISSIONÁRIA E A AMÉRICA LATINA

Pretende-se aqui, neste tópico, reconstituir alguns desdobramentos que apontam para a expansão mundial do protestantismo e seus efeitos sobre a América Latina no século 19. As condições políticas, sociais e religiosas vão aparecer estreitamente ligadas à marcha dos acontecimentos. O cenário de grandes mudanças políticas e sociais, pareceu igualmente favorável para as mudanças na ordem religiosa, até então arraigadamente estabelecida nas religiões nativas e pelo catolicismo europeu. “O século 19 trouxe mudanças revolucionárias para a América Latina. [...] Na América Latina a revolução política foi seguida pela revolução social” Latourette (1974, v. 5, p. 68)²⁸, e ainda outras mudanças poderiam facilmente ser apontadas. O que seria do destino da cristandade sob estas condições alteradas? Qual seria a

²⁸ “To Latin American the nineteenth century brought revolutionary changes. [...] In Latin America political revolution was followed by social revolution”.

resposta apropriada para essa pergunta? Apesar de não ser a intenção deste trabalho oferecer uma resposta para essa questão, interessa-nos ter suficiente compreensão dos efeitos da inserção protestante na América Latina. E é o que passamos a descrever.

Uma definição do que pode ter sido a gênese do protestantismo na América Latina, foi assim descrita por Bastian (1990, p. 27)²⁹:

Os protestantismos latino-americanos são sociedades religiosas exógenas ao continente. Foram importadas desde os tempos coloniais até nossos dias, por estrangeiros - comerciantes, marinheiros, colonizadores e missionários que procediam dos países de onde o protestantismo havia conformado uma civilização, cujas raízes econômicas, políticas e éticas se implantaram pouco a pouco na América Latina sobre um modo dependente. Ao contrário das ideias políticas e econômicas, as representações religiosas protestantes não foram trasladadas até a América Latina somente por latino-americanos, mas foram trazidas e difundidas em grande parte por estrangeiros de origem europeia ou norte-americana.

Com base nesse conceito, recordamos aqui o fato de que no século 19 a América Latina ficou conhecida nos círculos religiosos protestantes como “O Continente Abandonado”. Os primeiros a cunharem essa expressão foram os britânicos, que não admitiam o fato de se excluir a América Latina dos planos missionários (PIEDRA, 2006). Para eles, a América Latina deveria ser tratada pelas missões da mesma maneira que a África e a Ásia eram tratadas. Por outro lado, havia uma resistência das igrejas protestantes da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos em dar apoio às missões na América Latina, pois acreditavam que a forte herança católica impossibilitaria o êxito de qualquer outra atividade religiosa nesses países.

Outro argumento usado pelos protestantes para avançar rumo à América Latina, era que a religião mantida pela Igreja Católica durante séculos nesses países, não tinha mais relação com o Cristianismo real e nem era suficientemente bíblica, por isso deviam fazer esforços para incluir esse território como campo de missão. Embora o método de se utilizar denúncias contra os católicos tenha sido muito usado a princípio, percebeu-se que tais acusações contra os defeitos da igreja romana não era razão suficiente para atrair apoio. Então, os defensores da causa protestante na América Latina mudaram de estratégia e optaram por exaltar as vantagens

²⁹ Los protestantismos latino-americanos son sociedades religiosas exógenas al continente. Fueron importadas desde la Colonia hasta nuestros días por extranjeros comerciantes, marineros, colonizadores e misioneros que provenían de los países donde el protestantismo había conformado una civilización cuyas raíces económicas, políticas y éticas se implantaron poco a poco en América Latina sobre un modo dependiente. Ao contrario de las ideas políticas e económicas, las representaciones religiosas protestantes no fueron trasladadas hasta América Latina solo por latino-americanos, sino que fueron traídas y difundidas en gran parte por extanjeros de origen europeo y norteamericano.

econômicas que esses países poderiam representar para as nações que apoiassem a evangelização.

Na continuidade de uma análise com viés mais econômico, pode-se perceber que as sociedades missionárias começaram a reconhecer que essa tarefa ultrapassava os limites de seus recursos, pois o interesse e as demandas do trabalho missionário na África e na Ásia impossibilitavam qualquer ação adicional na América Latina. Piedra (2006, v. 1, p. 20-21) afirmou que “isso foi o começo de um desencanto, que foi crescendo cada vez mais. [...] Por isso as grandes sociedades missionárias dos Estados Unidos e da Europa estiveram de acordo em concentrar sua atenção nos países não ocidentais”. Outra percepção aponta para a ideia de que a América Latina já possuía o conhecimento do Cristianismo, realidade essa que desanimou os primeiros missionários. Outra reação estava ligada ao fato de que no início do século 19, várias sociedades missionárias protestantes esforçaram-se para introduzir o protestantismo na Espanha e, o fracasso desses esforços explica, em grande medida, o pouco interesse que demonstraram as missões europeias e norte-americanas pela América Latina. Outro ponto de resistência estava relacionado à posição de não questionamento às conquistas coloniais entendidas como uma bênção de Deus para os seus conquistadores. Todavia, as críticas feitas pelos protestantes aos espanhóis, era a incapacidade deles em não usarem as faculdades coloniais para introduzir uma visão correta do Cristianismo.

Os congressos protestantes, depois da segunda metade do século 19, demonstraram uma gradual mudança e um lento, mas crescente interesse na implementação de um programa missionário de alcance mundial, que incluísse a América Latina. Embora nos congressos anteriores a 1910 (Edimburgo) não houvesse a intenção deliberada de isolar qualquer continente dos programas missionários, suas decisões não provocaram maior incidência de ações missionárias na América latina, pois mantiveram um caráter mais informal e fraterno. Piedra (2006) fez um registro desses congressos missionários e sua repercussão, que apresentamos a seguir de maneira sintética: **1)** Nova York, 1854 – interesse das igrejas norte-americanas pela ação missionária. **2)** Liverpool, 1860 – um breve relatório apresentado pela SAMS - South American Missionary Society, sobre a situação religiosa da América Latina. **3)** Londres, 1888 – um maior interesse foi demonstrado pela América Latina, que passou a ser considerada parte do mapa das missões protestantes como tentativa de colocá-la em condição de igualdade com a África e a Ásia. **4)** Nova York, 1900 – pela primeira vez participaram obreiros de organizações que trabalhavam na América Latina. Relatórios foram apresentados e constatou-se o grande desafio de se atuar nessa região, como em qualquer outra que não tivesse a presença do

Cristianismo. Essa situação atingiria seu apogeu nos congressos seguintes, especialmente, o ocorrido no Panamá em 1916, quando as sociedades missionárias norte-americanas assumiram definitivamente a América Latina como seu campo de missão. Afirmou Bonino (2003, p. 13): “a historiografia protestante mais recente coincide em situar no Congresso do Panamá, 1916, um momento decisivo na autoconsciência do protestantismo latino-americano”.

A tentativa dos Estados Unidos de manter a Europa fora do continente americano teve repercussões na situação religiosa da América Latina e passou a ser conhecida como Doutrina Monroe, cujo coração surgiu de uma frase proferida pelo presidente James Monroe (quinto presidente norte-americano e último do grupo fundador dos Estados Unidos a ocupar a presidência), em agosto de 1823: “A América para os Americanos”. Essa postura teve repercussões inibidoras nas sociedades missionárias europeias e promoveu a confirmação de que a América do Norte articulava um programa de evangelização de grande alcance para a América Latina. De acordo com Bonino (2003), a Doutrina Monroe significava a reivindicação da América Latina como um espaço de segurança, controle político e hegemonia comercial dos Estados Unidos. Piedra (2006, v. 1, p. 33) também opinou sobre este tema ao escrever que “mesmo diretamente a Doutrina Monroe não procurou eliminar ou restringir a presença religiosa europeia na América Latina; contribuiu para que as maiores sociedades missionárias desse continente não dessem muita atenção à evangelização desses países”.

A declaração de Piedra (2006, v. 1, p. 33): “A história da expansão do cristianismo católico e protestante em culturas não-cristãs esteve estreitamente ligada à exploração do Terceiro Mundo pelos poderes coloniais e neocoloniais”, permite que se considere aqui um outro ponto de vista, diferente, mas não contraditório, defendido por Bonino. Reproduzindo o pensamento de Jean-Pierre Bastian, ele descartou a chamada “hipótese conspiratória” e assim se expressou:

[...] as missões protestantes não teriam sido outra coisa a não ser ‘a ponta de lança’, ‘o acompanhamento ideológico’ ou ‘a legitimação religiosa’ da penetração econômica, política e cultural dos Estados Unidos na América Latina: em todo caso, um instrumento consciente e deliberado do projeto neocolonial. [...] Excluindo as coincidências no tempo, muito poucas evidências respaldam tal teoria. [...] Em todo caso, é antes, à influência e pressão britânicas desde as guerras de independência que se deveria atribuir (para o bem ou para o mal) a abertura do panorama religioso no continente (BONINO, 2003, p. 10).

Fica claro que Bonino assumiu abertamente a defesa da “hipótese associativa” igualmente proposta por Bastian, por considerá-la muito melhor fundamentada:

Portanto, a razão de ser das sociedades protestantes na América Latina durante essas décadas tinha menos a ver com o ‘imperialismo norte-americano do que com as lutas políticas e sociais internas ao continente e que se resumia no confronto entre uma cultura política autoritária e essas minorias que buscavam fundar uma modernidade burguesa baseada no indivíduo redimido de sua origem de casta e, portanto, igualado numa democracia participativa e representativa, esperando com isso pôr fim aos privilégios plurisseculares (BASTIAN, 1990, p. 187)³⁰.

Isso não impediu Bastian (1990) e nem o próprio Bonino (2003, p. 11) de reconhecerem que o “surgimento dos protestantismos de maneira sistemática a partir da segunda metade do século 19 encontra sua explicação na expansão do modelo de produção capitalista, em escala continental”. Bonino (2003, p. 9) ainda declarou que de qualquer ponto de vista que se considere esse tema, apesar de existirem avaliações diferentes, todos “parecem coincidir, porém, no reconhecimento da existência de uma relação histórica e ideológica entre o protestantismo latino-americano, o projeto liberal modernizador de setores políticos latino-americanos e a influência norte-americana”.

A diferença na compreensão de Piedra (2006) e Bonino (2003) está na aceitação da hipótese associativa e do fato deste reconhecer que a entrada do protestantismo se explica basicamente por uma situação muito mais interna à América Latina, isto é, a luta política em busca de uma modernização liberal. Assim, é compreensível que se apoiasse a queda do poder colonial com a consequente ascensão de governos locais liberais que desejavam ver o poder e a influência da Igreja Católica diminuído sobre o povo. Não há dúvida que o protestantismo contribuiria decisivamente para esse fim. Bonino (2003, p. 32) observou que, terminada a guerra civil norte-americana em 1865, “o país entrou numa era de otimismo que contagiou também o evangelicalismo. Os Estados Unidos apareceram como um modelo destinado a inspirar o mundo inteiro: o despertar evangélico, os avanços sociais e a educação se apoiaram e se sustentaram mutuamente”.

É nesse ponto que o protestantismo norte-americano se alia com setores latino-americanos para impulsionar esse projeto, principalmente com as associações libertárias, como lojas maçônicas, associações de operários, intelectuais e outros. Mendonça (1995, p. 62) escreveu: “a expansão missionária das igrejas americanas no último terço do século XIX foi produto do sentimento nacional expansionista combinado com motivos teológicos”. Em se

³⁰ Por lo tanto la razón de ser de las sociedades protestantes em América Latina, durante estas décadas tenía menos que ver con el “imperialismo norteamericano” que con las luchas políticas y sociales internas al continente que se resumía em la confrontación entre uma cultura política autoritária y estas minorias que buscaban fundar uma modernidade burguesa basada em el individuo redimido de su origen de casta y por lo tanto igualado em una democracia participativa y representativa esperando con eso mismo poner fin a los privilegios pluriseculares.

aceitando a hipótese associativa, Bonino (2003, p. 11) faz a seguinte pergunta: “quem são esses protestantes que assumem essa associação?” Considerando o fim do século 19, que é o período mais importante para este tema, ele mesmo respondeu: são “alguns missionários vinculados a igrejas mais ‘liberais’ (metodistas, presbiterianos e alguns batistas) e a alguns intelectuais, (alguns dos quais são ex-sacerdotes dissidentes) que ingressaram cedo no protestantismo”. E ainda este mesmo autor ampliou suas percepções ao declarar:

Cabe supor que a associação tenha ocorrido com base numa coincidência em afirmar uma sociedade democrática – para a qual o modelo norte-americano atraía a todos – e, provavelmente mais ainda, na necessidade missionária de conseguir uma abertura para a liberdade de consciência e culto. [...] Não me parece exagerado suspeitar que tenhamos aí mais uma convergência de interesses do que uma semelhança de idéias (BONINO, 2003, p. 12).

Aqui temos um ponto de convergência entre Bonino (2003) e Piedra (2006), que parecem concordar quanto aos interesses norte-americanos e a expansão protestante para a América Latina:

A ideia das instituições missionárias protestantes como sustentadoras do colonialismo foi bem expressa por líderes missionários na América do Norte. A partir dessa ótica se interpreta a oportunidade que significou o fim da guerra entre Espanha e Estados Unidos, em 1898, como o momento adequado para a promoção do protestantismo. Os protestantes aceitaram o neocolonialismo não só por causa das vantagens em si que isso representava econômica e geopoliticamente para seu país. [...] Além disso, consideraram que as grandes nações tinham a responsabilidade de velar pela segurança do mundo; em consequência acolheram o argumento de seus governantes, que acreditavam que a expansão e intervenção em assuntos estrangeiros eram simplesmente um assunto normal (PIEDRA, 2006, v. 1, p. 37).

Ao abordar o Destino Manifesto, Piedra (2006) afirma categoricamente que essa ideologia apregoava a mistura de fins políticos, econômicos e religiosos, por um bem maior da humanidade; e foi vista claramente na América Latina, onde as intervenções militares norte-americanas mostravam a relação estreita que existia entre os interesses políticos e religiosos. Um claro exemplo disso, citado por Piedra (2006) aconteceu na sétima assembleia da Conferência de Missões Estrangeiras da América do Norte, realizada em 1898, e revelou a responsabilidade que as instituições missionárias protestantes sentiam por ganhar espaços em áreas sob o controle político dos Estados Unidos. Sobre essa questão, Mendonça (1995, p. 59) também oferece uma importante contribuição:

As lutas políticas e religiosas na Europa que tinham impulsionado os “pais peregrinos” para a América na segunda década do século XVII ainda marcavam os ideais do protestantismo americano do século XIX. Uma civilização cristã segundo o modelo protestante era a meta. Já foi visto como a teologia dos calvinistas foi ao encontro das peculiaridades de uma sociedade

que buscava seus caminhos e como tudo isso foi construindo o que se pode chamar de “espírito do protestantismo americano”. A esperança e a possibilidade aberta de se construir uma civilização cristã modelo e que pudesse desbordar-se para além das fronteiras americanas tomou corpo após a Independência e vai servir de base para a empresa missionária.

Outro motivo para a chegada do protestantismo à América Latina pode ser visto nas virtudes civilizadoras trazidas pelo protestantismo. Essa conexão protestantismo-civilização fazia parte central da forma de pensar e agir das grandes sociedades missionárias protestantes do século 19. As razões apontadas para sustentar a evangelização como civilização e vice-versa, eram que as instituições missionárias viam os habitantes dos locais de missão como selvagens e bárbaros e os missionários como santos. Em segundo lugar, a razão de ser das sociedades missionárias ajudou a criar a imagem dos latino-americanos como pagãos e perdidos. E ainda uma terceira razão, aponta para a convicção de que só descrevendo os latinos dessa maneira é que as sociedades poderiam conseguir que seus conterrâneos valorizassem seu trabalho. Quanto pior fosse o cenário, melhor lhes era para obterem apoio econômico. Piedra (2006, v. 1, p. 49) afirmou que:

Alguns missionários orgulhavam-se de que seu trabalho na América do Sul tinha civilizado os habitantes. [...] Nesse sentido, pregou-se aos habitantes um ‘evangelho cultural’ em que a conversão na prática significou uma ‘ocidentalização’ de sua maneira de ver o mundo”.

Com tantos argumentos, estudos e registros, poder-se-ia imaginar que a presença protestante na América Latina tivesse um peso muito maior do que seu número, embora tal peso seja reivindicado apenas por autores protestantes. Quando trabalhos históricos de autores seculares são procurados, “mostram uma ausência quase total de referências à presença protestante. Nenhum papel é atribuído aos protestantes como sujeitos, nem mesmo em processos que discutiam a problemática religiosa da época” (BONINO, 2003, p. 12). É verdade que o Cristianismo protestante tornou-se muito maior na América Latina do que nas igrejas orientais. Quando os países da América Latina alcançaram sua independência, muitas restrições foram flexibilizadas, possibilitando a adesão de muitos novos conversos (LATOURETTE, 1974). Mesmo assim, um senso datado de 1903, apontou a existência de menos de 120.000 protestantes na América Latina, apesar de não serem contados os protestantes dos locais de fala inglesa do Caribe. Nem mesmo esses números provenientes do início do século 20, podem apequenar a importância do impacto sócio-político, histórico e religioso que foi a chegada do protestantismo à América Latina e nem do que lhe estaria reservado ao longo dos anos futuros. Após essas considerações sobre a expansão missionária protestante na América Latina, o próximo tópico trará as considerações sobre a expansão missionária adventista.

2.4 O DESPERTAMENTO ADVENTISTA PARA A EXPANSÃO MISSIONÁRIA

Os primeiros adventistas tinham entusiasmo para várias coisas, menos para o avanço missionário, muito provavelmente por conta da doutrina da porta fechada, herdada de William Müller, que ensinava que a porta da graça (salvação) estaria fechada para todos aqueles que não houvessem aceitado a Jesus Cristo como Salvador até o fatídico dia 22 de outubro de 1844. Mas, os pioneiros do advento foram amadurecendo e ampliando a compreensão acerca de vários temas bíblicos, especialmente, sobre as questões relacionadas à salvação, à volta de Cristo e ao sábado como dia de guarda. Curioso é verificar como não percebiam o paradoxo da estranha crença da porta fechada com a mensagem dos três anjos de Apocalipse 14, que promove, entre outras coisas, a pregação do evangelho eterno a todo mundo e que se tornara uns dos textos da base estrutural de sua teologia de missão, como já foi mencionado no primeiro tópico deste capítulo.

Apesar do clamoroso equívoco, de certa forma esse erro contribuiu para que o pequeno grupo, sem acréscimo de novos irmãos, tivesse condição e tempo de estruturar sua base doutrinária e seus fundamentos teológicos. “A ‘utilidade’ do período da porta fechada consistiu em conceder tempo para os sabatistas formarem um fundamento doutrinário e desenvolver um conjunto de membros. Somente depois de completarem essas tarefas é que ficaram prontos para dar o próximo passo em sua missão profética” (KNIGHT, 2000, p. 47). E o passar do tempo foi permitindo a transformação necessária, acompanhada da expansão, tanto da visão quanto das ações, para as quais os adventistas acreditavam que haviam sido chamados por Deus.

James S. White, esposo de Ellen G. White, foi considerado pelos historiadores adventistas como sendo possuidor de uma visão à frente de seus companheiros. Ele estava na vanguarda de muitos temas, inclusive no que se referia ao avanço missionário. Maxwell escreveu que, numa reunião campal ocorrida em agosto de 1874, ao defender o envio de missionários para o resto do mundo, James White disse: “nossa missão abrange o mundo” (1982, p. 175). Sua compreensão e posicionamento foram decisivos para a igreja pôr os pés de vez no campo missionário. Sobre esses dias de mudança e avanço, Vandevere (1998, p. 58)³¹ escreveu:

³¹As their theological motive for mission changed, they also enlarged the geographical scope of their work. Whereas in the 1850s Seventh-day Adventists believe that they fulfilling God's command to teach all nations by preaching in North America, a land of immigrants, by the 1860s they were realizing that this was not enough.

Como sua motivação teológica para a missão mudou, eles também alargaram o âmbito geográfico do seu trabalho. Na década de 1850, os Adventistas do Sétimo Dia acreditavam que eles estavam cumprindo o mandamento de Deus de ensinar todas as nações por meio da pregação apenas na América do Norte, uma terra de imigrantes; mas, por volta de 1860 eles já tinham percebido que isso não era mais suficiente. Estimulados em parte pelo sucesso que as missões protestantes estavam tendo no exterior, e em parte pelo sucesso dos contatos que os imigrantes convertidos na própria América, tinham com suas famílias em seus países de origem, os Adventistas do Sétimo Dia reconheceram que possuíam uma tarefa a nível mundial.

Mas até que o dia de enviar um missionário para fora da América chegasse, um pioneiro extraoficial das missões mundiais entrou em cena. Antes do primeiro missionário adventista ser enviado em 1874, Michael B. Czechowski, ex-padre católico de origem polonesa e convertido ao adventismo nos Estados Unidos, pediu, em 1858, para ser enviado como missionário para a Europa. Devido a um conjunto de fatores, ele não recebeu apoio da liderança da igreja. Decepcionado com a negativa adventista, ele buscou patrocínio da *Advent Christian*, principal entidade de adventistas guardadores do domingo. Knight (2000, p. 82) relata que, ao ele chegar a Europa, “promoveu seu trabalho por meio de evangelismo público, publicação de um periódico e preparo e circulação de folhetos. Apesar de algumas instabilidades pessoais, ele deixou plantadas sementes que germinariam em vários países europeus.

Enquanto isso, a Igreja Adventista apesar de toda a relutância que ainda encontrava em seu meio, deu em 1868, um importante passo que significou um grande avanço nas questões missionárias - enviaram dois pastores para a ‘distante’ Califórnia, Daniel T. Bourdeau e John N. Loughborough. Na verdade, a igreja não resistiu ao apelo de alguns irmãos emigrantes que haviam se mudado para o oeste. E foi assim que o trabalho começou, primeiramente na cidade de San Francisco e depois ao sul da Califórnia e, em seguida, em outros Estados da costa oeste. Knight (2000, p. 83) escreveu sobre esse período:

A partir daquele começo providencial, a obra cresceu rapidamente na Califórnia e nos Estados vizinhos. É interessante notar que a Califórnia estabeleceu o padrão para as Missões adventistas ao redor do mundo. Após reunir uma pequena base populacional, os adventistas estabeleceram uma editora (a Pacific Press) e um periódico (o *Signs of the Times*), em 1874; um sanatório em Santa Helena, em 1878; e uma academia/escola em Healdsburg, em 1882. Essa base institucional seguiu realmente o exemplo da experiência de Battle Creek e permanece no coração da estratégia missionária adventista até os dias atuais”.

Prompted partly by the success that Protestantism missions were having abroad, but even more by the contacts converted immigrants in America had with their families in their countries, Seventh-day Adventists recognized that they had a worldwide task.

Outra declaração sobre essa fase favorece a compreensão acerca da motivação que os adventistas tiveram para avançar em direção ao oeste norte-americano. Além das razões espirituais que apresentavam fortes indícios de crescimento, havia também uma questão de ordem pragmática, como se pode ler:

A primeira estratégia de expansão adotada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, foi o chamamento para se reproduzir no oeste, o padrão de exploração geral ocorrido nos estados do leste, com uma campanha agressiva para ir além das montanhas Allegheny. Eles escolheram fazer isso porque as pessoas no leste geralmente não queriam ouvir mais nada acerca do iminente advento de Cristo, enquanto que os do lado oeste, separados de suas relações tradicionais, aceitavam participar de todas as reuniões possíveis - de qualquer espécie (VANDEVERE, 1998, 58-59).³²

Mas o grande ano que marcou definitivamente o ingresso adventista no mundo das missões foi 1874. Em janeiro foi lançada a *True Missionary*, a primeira revista missionária do adventismo. Porém, foi no dia 14 de agosto, que a Associação Geral tomou o tão esperado voto de enviar John Nevins Andrews para a Europa, reconhecido por seus pares o pioneiro mais brilhante e intelectual da denominação, ao lado dos dois filhos, Charles com 17 anos e Mary com 12. A esposa Angelina falecera em 1872 (MAXWELL, 1982). Sua partida deu-se a 15 de setembro, um mês depois do voto ter sido tomado, juntamente com Albert F. Vuilleumier, seu intérprete para o francês. Vandereve (1998, p. 70-71)³³ escreveu:

Devido ao valor que os americanos deram para experiência na Europa, os adventistas selecionaram seu ministro e escritor mais erudito para representar a Igreja na missão da Europa Central: John Nevins Andrews, o autor de *The History of the Sabbath and First Day of the Week*. O viúvo Andrews, junto com seu filho Charles, sua filha Mary e seu amigo Albert Vuilleumier, partiu para a Europa em 15 de setembro de 1874. Nos dez anos seguintes, apesar de ter sido privada pela morte e eficiência de Andrews em 1882, a missão prosperou moderadamente bem na estratégica Suíça - em Tramelan, Basel e outros lugares. Também surgiram adeptos à Igreja na Alemanha, França, Itália e Romênia.

³² At first strategy of church expansion adopted by Seventh-day Adventists called for a general holding pattern in the eastern states and aggressive campaigning beyond the Allegheny Mountains. They chose to do this because the people in the older East generally wanted to hear nothing more of an imminent Advent of Christ, whereas those in the never West, torn from their traditional relationships, wanted to attend all meetings possible - of whatever sort.

³³ Because Americans gave deference to European learning, the Adventists selected their most scholarly minister and writer to represent the church in the Central European mission: John Nevins Andrews, the author of *The History of the Sabbath and First Day of the Week*. Widower Andrews, along with his son Charles, his daughter Mary, and their friend Albert Vuilleumier, left for Europe on September 15, 1874. In ten years thereafter, though it was deprived of the kills and efficiency of Andrews after his death in 1882, the mission prospered moderately well in strategic Switzerland - at Tramelan, Basel, and elsewhere. Companies and churches of adherents in German, France, Italy, and Rumania also appeared.

Nesse mesmo ano, a igreja abriu as portas do Battle Creek College, em Battle Creek, MI, onde já operavam a Casa Editora e o Sanatório. Essa conjugação de oferecer preparo para os missionários e depois enviá-los aos campos nacionais e estrangeiros estabeleceria um padrão de conduta para os adventistas, válido até os dias atuais. Sobre esse importante período Knight (2000) observou que os anos de 1874 a 1878 foram muito importantes, pois o trabalho adventista se estabeleceu em alguns países da Europa, na Austrália e na África do Sul. Mesmo com esses avanços, a visão adventista ainda estava vinculada a um propósito missionário restrito ao contato com outros cristãos protestantes e nenhuma ação era organizada para alcançar os não-cristãos ou mesmo pessoas de origem católico-romana. De igual forma ao período marcado pela aceitação da doutrina da porta fechada, essa visão de ação institucional integrada, porém de alcance restrito, permitiu aos adventistas formarem bases populacionais e organizacionais, que serviriam mais tarde de importante e estratégico apoio para um avanço missionário significativo. Ainda sobre esses períodos formativos, em plena concordância com Knight (2000), Damsteegt (1981, p. 292)³⁴ escreveu:

O período 1850-74 foi um tempo de gradual expansão da visão da tarefa missionária. Foi um período de transição da ideia da um iminente Segundo Advento para a percepção de que antes do retorno de Cristo, a terceira mensagem angélica teria que ser pregada a todo mundo.

Pouco depois, no início da década de 1880, os adventistas começaram a ser confrontados através dos artigos escritos por dois jovens pastores, Ellet J. Waggoner e Alonzo T. Jones, que escreviam para a revista *Signs of the Times* (periódico adventista editado na costa oeste dos Estados Unidos) a respeito de temas que colocavam em dúvida posições até então inquestionáveis, como algumas interpretações proféticas do livro de Daniel e, sobretudo, os temas relacionados à salvação pela graça e justificação pela fé. Essa crise teve seu ponto alto na Assembleia Geral realizada entre outubro e novembro de 1888 e contou com o apoio aberto e explícito de Ellen G. White. Os dois jovens pastores foram objeto das mais ásperas e duras críticas, dando a ela a oportunidade de perceber que muitos dos irmãos tradicionalistas que acreditavam na obediência à lei como requisito para salvação, precisavam do amor de Jesus Cristo no coração. Insistiam que a mensagem da salvação pela fé em Cristo, não era uma mensagem nova e sim a própria essência do Evangelho. Knight (2000, p. 93) afirmou que:

A importância das reuniões de 1888 reside no fato de terem batizado o adventismo no cristianismo. Os adventistas – pelo menos alguns deles – compreenderam finalmente toda a mensagem do terceiro anjo. Desse ponto

³⁴ The period 1850-74 was a time of gradual expansion of the view of the missionary task. It was a period of transition from the idea of the iminente Second Advent to a realization that before Christ could return the third angels' message had to proclaimed worl-wide.

em diante, eles podiam pregar uma mensagem completa, que ensinava as doutrinas distintamente adventistas dentro do contexto da obra salvadora de Cristo. Os adventistas receberam finalmente a mensagem completa do terceiro anjo, mensagem que precisavam pregar “a cada nação, e tribo, e língua e povo” antes da grande colheita de Apocalipse 14, no Segundo Advento. A década seguinte viu o adventismo não somente crescer no conhecimento da verdade cristã vital, mas também expandir-se mundialmente como a denominação que havia compreendido afinal a extensão de sua tarefa missionária.

Como até então a igreja achava que sua missão consistia em converter outros cristãos à mensagem adventista, a assembleia da Associação Geral em Minneapolis, no ano de 1888, foi um grande divisor de águas na história do adventismo, marcando o tempo em que a negligência da pregação havia atingido proporções alarmantes e o início de um novo tempo para a Igreja havia começado (KNIGHT, 2000). Os efeitos da assembleia se fizeram sentir de várias maneiras, a começar pela renúncia do então presidente da Associação Geral, George I. Butler, fiel às tradições legalistas. Outro efeito, agora de caráter positivo, é que seus sucessores, Ole A. Olsen (1888-1897) e George A. Irving (1897-1901), reagiram de forma positiva à mensagem dos dois jovens pastores, que continuavam escrevendo e pregando por todo os Estados Unidos com pleno apoio de Ellen G. White. Os próprios escritos dela passaram a ter uma ênfase mais cristocêntrica, pois foram nos anos posteriores a Minneapolis que ela escreveu os livros *Caminho a Cristo* (1892), *O Maior Discurso de Cristo* (1896), *O Desejado de Todas As Nações* (1898) e *Parábolas de Jesus* (1905). Outro notável avanço foi a expansão da educação adventista, que contava apenas com 16 escolas no ano de 1888 e viu esse número crescer para 245 no final da década de 1890.

Em 1891, a Associação Geral resolveu promover vários cursos para o ministério adventista cujo conteúdo dos ensinamentos baseava-se na centralidade da fé em Cristo e na missão do adventismo. Em julho desse ano, William W. Prescott, primeiro líder da área de educação na Associação Geral, resolveu convidar também os professores do sistema adventista de educação para participarem das reuniões. Elas ocorreram em Harbor Springs, MI, entre julho e agosto de 1891, com Alonzo T. Jones pregando sobre a carta aos Romanos e Ellen G. White falando sobre a necessidade de uma relação pessoal com Cristo. Knight (2000, p. 96) registra que “Prescott declarou perante a assembleia da Associação Geral em 1893, que Harbor Springs havia marcado a virada da educação adventista. Desde essa convenção, observou ele, o ‘elemento religioso’ se tornou fundamental para as escolas adventistas”. Em íntima relação com o reavivamento e expansão da educação adventista, surge também o avanço e rápido crescimento das missões adventistas ao redor do mundo. As escolas preparavam os estudantes

que se tornavam missionários para suprir as necessidades dos Estados Unidos e também dos campos missionários. Knight (2000) percebe uma relação entre o envio do primeiro missionário adventista John N. Andrews, para a Suíça e o surgimento da primeira escola adventista, ambos em 1874, da mesma forma como existiu uma relação do reavivamento das escolas adventistas, seguido da expansão missionária na década de 1890.

Os anos que se seguiram, foram de rápida expansão missionária em forte contraste com os anos formativos em que os adventistas foram missionários relutantes. Knight (2000) divide em quatro fases a maneira como os adventistas se envolveram com a missão. A primeira, de 1844 a 1850, foi por ele classificada como antimissão ou período da porta fechada. Esse foi o tempo em que a igreja trabalhou no desenvolvimento de suas doutrinas. O segundo período chamado por ele de porta parcialmente aberta, vai de 1850 a 1874 e corresponde ao tempo em que a igreja construiu suas bases na América do Norte, que sustentaria o avanço missionário que estava para vir. A terceira fase vai de 1874 a 1889 e é marcada pelo trabalho em favor das nações protestantes, preparando o caminho para a implantação do adventismo na Europa, Austrália e África do Sul. O quarto período denominado era do reavivamento, reforma e expansão, foi de 1888 a 1900.

A despeito de que tinham muito para crescer e avançar, “a infraestrutura fora lançada, e o adventismo estava pronto para tornar-se, na década de 1890, uma igreja verdadeiramente mundial” (KNIGHT 2000, p. 99), visto que desde o começo da década de 1880, a igreja já demonstrava um compromisso crescente com as missões. Vários líderes da denominação visitaram a missão europeia. O primeiro foi Stephen N. Haskell em 1882, seguido do presidente da Associação Geral, George I. Butler em 1884 e de Ellen G. White acompanhada de seu filho William C. White, de 1885 a 1887. Mas, sem dúvida o mais forte indicador de que a Igreja Adventista estava alargando suas fronteiras e sua visão missiológica, veio em 1886, quando foi publicado o primeiro livro adventista sobre missões estrangeiras, *Historical Sketches of the Foreign Missions of the Seventh-Day Adventists*. Um outro passo grandioso veio no início de 1889, quando a igreja enviou Stephen N. Haskell e Percy T. Magan para uma viagem missionária ao redor do mundo, a fim de fazerem uma prospecção dos campos estrangeiros para definição das futuras missões adventistas.

Segundo Knight (2000), eles visitaram partes da África, Índia e o Oriente. À medida em que prosseguiram em seu roteiro, enviavam relatórios para a revista *Youth's Instructor*, que inspirava a juventude adventista com os ideais da missão, em perfeita consonância com o que acontecia no mundo protestante norte-americano, onde milhares de jovens aceitavam o

chamado para os campos missionários e onde se haviam formado diversas sociedades de cunho missionário como a Young Men's Christian Association - YMCA, conhecida no Brasil como Associação Cristã de Moços e o MVE. Um passo a mais ainda exerceria grande influência no despertar missiológico dos adventistas – a criação em 1889, do Comitê de Missões Estrangeiras, para administrar a obra missionária estrangeira. Esta importante decisão “proclamava que os adventistas estavam finalmente prontos para levar a sério a incumbência missionária de Apocalipse 14:6” (KNIGHT, 2000, p. 101).

Sobre essa expedição de reconhecimento missionário, Percy T. Magan (1890) registrou algo parecido com um diário de viagem, usado como fonte para escrever os artigos que foram publicados na Revista *Youth's Instructor*, cujo público alvo era preferencialmente a juventude da igreja. Os artigos foram escritos com objetivo de atrair os jovens adventistas e despertar neles o sonho de se engajarem nos futuros projetos de missão. Esses artigos estão no setor de arquivos documentais na sede mundial da Igreja Adventista (Adventist Archives) e se acham disponíveis via internet. Ele enviou notícias da África do Sul, costa e interior; da costa do Ceilão; da Índia, onde são mencionadas as seguintes localidades: Baía de Bengala, Calcutá, Bombaim, Agra e Délhi; Tibet, com a cordilheira do Himalaia; costa de Hong Kong e China; e finalmente Japão. Nesses artigos ele descreveu os detalhes da viagem, as características geográficas dos lugares, o tipo de gente encontrada, nativos e estrangeiros, os costumes e questões econômicas, sociais e religiosas. A seguir apresenta-se parte de dois desses artigos dos muitos escritos por Percy T. Magan; o primeiro sobre a África do Sul e o segundo sobre Calcutá, na Índia.

Os Zulus são de longe a melhor raça de todas as tribos da África do Sul. No físico, eles são em média muito mais avançados do que os americanos ou europeus e a sua força é maravilhosa. Eles podem pegar uma caixa com um peso aproximado de 90 quilos, colocar na cabeça e trotar com isso como se não pesasse nada, e eles podem carregar esse peso por uma milha ou mais sem parar para descansar. Eles são muito orgulhosos e altivos, e nas maneiras e nos costumes eles diferem mais dos nativos que estão mais para o sul. Um Zulu completamente vestido, veste um “*moucher*” ou tanga que geralmente são feitos de pele; os tornozelos e os braços são cobertos por pulseiras e eles decoram o pescoço abundantemente com miçangas. O cabelo é retorcido com tranças, filetado com miçangas ou pequenos pedaços de penas, dando uma notável aparência. Um buraco é perfurado no lóbulo de uma orelha e preenchido com um objeto espesso como o indicador de um homem e com três centímetros de comprimento. Sob tratamento amável eles são de bom de coração e prestativos, e tornam-se muito ligados a seus mestres (MAGAN, 1890, p. 89-90)³⁵.

³⁵ The Zulus are by far the finest race of all the South African tribes. In physique they are much in advance of the average American or European, and their strength is something marvelous. They will take a box weighing nearly

Não há nenhuma cidade mais famosa em todo o Oriente e nos anais da história, ou mais conhecida para o comércio da Índia Oriental, que a Calcutá moderna, assim chamada em homenagem a Kali, a deusa hindu. Situa-se cerca de cem quilômetros da cabeceira da Baía de Bengala, nas margens do rio Hooghly, um ramo do sagrado Ganges, e é igualmente reverenciada pelos seguidores de Brahma. É a capital do império da Índia, e é a residência do vice-rei, ou, como um asiático diz o "Burra Sahib", que significa o "grande homem". Calcutá têm tido muitos governantes, mas a cidade finalmente caiu nas mãos dos ingleses em 1860, e o local memorável onde Job Charnook primeiramente hasteou a bandeira real da Grã-Bretanha, ainda pode ser visto na rua Clive. [...] Calcular a população é uma questão difícil. Há entre 14.000 e 15.000 pessoas que falam inglês, mas o número de nativos é quase infinitesimal. Há provavelmente cerca de um milhão deles. Para o oeste da praça Dalhousie, o melhor da cidade, e ao norte do magnífico edifício dos correios recentemente erigido, há um espaço de cinco metros e meio em cada sentido, coberto com fileiras de pedras. Ele marca o lugar temível onde ficava a masmorra conhecida como "Buraco Negro de Calcutá." Foi em 1750 que Siraj-ud-Dowllah, o nativo vice-rei de Bengala, com um exército de 50.000 homens, tomou posse do velho Forte William. Depois da rendição ter sido feita na noite de 20 de junho, toda a guarnição de 146 homens foi amontoada nessa prisão miserável. Foi uma das noites mais quentes e mais abafadas do ano, e os prisioneiros infelizes logo se tornaram frenéticos com o calor sufocante e com sede insuportável. Um por um se afundaram nos braços da morte e, quando a porta foi aberta na manhã seguinte, apenas um jovem de vinte e três anos saiu vivo. Isto exemplifica bem a desumanidade da Índia Oriental. Como um povo eles são cruéis ao extremo e não sabem o que significa misericórdia e, afirma-se que na língua bengali não há uma única palavra com o significado de "gratidão" (MAGAN, 1890, p. 110)³⁶.

two hundred pounds, place it on their heads, and trot off with it as if the weight were nothing, and they will carry this for a mile or more without stopping to rest. They are very proud and haughty, and in manner and customs differ considerably from the natives further south. A Zulu in full dress wears a "moucher," or loin cloth, which is generally made of skins, the ankles and arms covered with bangles, and the neck profusely decorated with beads. The hair is twisted into small pig-tails, which are often threaded over with beads, or little pieces of quill, giving a remarkable appearance to the wearer. A hole is punched in the lobe of one ear, and in this is stuffed a snuff-box about as thick as a man's index finger, and three inches in length. Under kind treatment they are good-hearted and obliging, and become greatly attached to their masters.

³⁶ There is no city in all the Orient more famous in the annals of history, or better known to East Indian commerce, than the modern Calcutta, so named after Kali, the Hindu goddess. It is situated about one hundred miles from the head of the Bay of Bengal, on the banks of the Hooghly River, a branch of the sacred Ganges, and is equally revered by the followers of Brahma. It is the capital of the empire of India, and is the residence of the viceroy, or, as an Asiatic would express it, the "Burra Sahib," meaning the "great man." The rulers of Calcutta have been many, but the city finally fell into the hands of the English in 1860, and the memorable spot where Job Charnook first hoisted the royal standard of Great Britain can still be seen on Clive Street. [...] To estimate the population is a difficult matter. Of English-speaking people there are between 14,000 and 15,000, but the number of natives is almost infinitesimal. There are probably about a million of them. To the west of Dalhousie Square, the finest in the city, and just north of the magnificent post-office building lately erected, is a space eighteen feet each way, covered with stone flags. It marks the spot where once stood that fearful dungeon known as "the Black Hole of Calcutta." It was in 1750 that Siraj-ud-Dowllah, the native viceroy of Bengal, with an army of 50,000 men, took possession of old Fort William. After the surrender had been made, on the evening of June 20, the entire garrison of one hundred and forty-six men were crammed into this wretched prison. It was one of the hottest nights of the most sultry season of the year, and the unhappy prisoners soon became frantic with suffocating heat and unsufferable thirst. One by one they sank into the arms of death, and when the door was opened in the morning, only twenty-three came out alive. This well exemplifies East Indian inhumanity. As a people, they are cruel to a degree, of mercy they know

O significado da consolidação do despertar adventista para a expansão missionária, foi enfatizado pelo historiador Spalding (1962) que também percebeu a importância dos acontecimentos da assembleia de Minneapolis e dos fatos que se sucederam nos anos seguintes e que destacaram o firme compromisso dos adventistas com o cumprimento da missão:

Mas os anos oitenta e noventa viram o reavivamento e renovação dos adventistas no poder da indispensável e principal doutrina do Cristianismo – que a justificação e santificação são possíveis unicamente através da aceitação de Cristo na vida. Então, ensinar isso era extremamente necessário; e mesmo que enviadas através de canais imperfeitos, esta tornou-se uma mensagem inspirada que salvou e protegeu a igreja do perigo do legalismo e abriu mentes para o sublime alcance do evangelho. A última década do século viu o desenvolvimento da igreja, através desse evangelho, tornar-se uma organização preparada para o completo cumprimento da missão dada por Deus” (SPALDING, 1962, v. 2, p. 302-03)³⁷.

É relevante destacar como os eventos adventistas dessa fase de expansão missionária se coadunam com os marcantes acontecimentos protestantes do Segundo Grande Despertamento. Os vários episódios destacados na expansão missionária protestante, se repetiram na prática adventista, resguardadas as devidas proporções, visto ser a Igreja Adventista na época, uma recém-nascida e ainda bem pequena igreja. Antes das similaridades, vale mencionar que os autores, teólogos e historiadores adventistas, praticamente não fazem registros explícitos e nem indireta identificação das ações adventistas com a Doutrina Monroe, Destino Manifesto e colonialismo. Não há registros nos relatórios e atas da organização a qualquer fato alusivo a tais conceitos, nem mesmo que elas tenham sido a força promocional de qualquer avanço missionário ou que ainda tenham exercido qualquer influência nas suas ações de missão. Todas as realizações aparecem tendo como fonte as motivações espirituais e bíblicas, isentas de qualquer conexão com fatores políticos ou sociais. Com exceção de Spalding (1962), não foram encontrados nesta pesquisa, outros autores adventistas que fizessem declarações que reconhecessem a face imperial dos Estados Unidos. Escreveu ele:

No entanto, é de conhecimento comum que a América do Norte, particularmente, os Estados Unidos, já avançaram muito e estão numa posição dominante entre as nações da terra. Sua energia para os negócios, sem dúvida, tem superado sua cultura; na cortesia e diplomacia social tem ofuscado seus

nothing, and it is stated that in the Bengalee language there is not a single word having the significance of "gratitude".

³⁷ But the eighties and nineties saw the revival and restatement in power of indispensable, prime doctrine of Christianity, that justification and sanctification are through the reception of Christ in the life. That teaching was sorely needed then; and even though sent through imperfect channels, it became in a inspiring message which rescued the church from the danger of legalism, and opened minds to the century saw the church developing, through this gospel, into a company prepared to fulfill the mission of God.

vizinhos do sul. Essas características são em parte uma herança um traço da rudeza teuto, que contrasta com a suavidade latina (SPALDING, 1962, v. 4, p. 44).³⁸

Fica aqui um objeto para ser estudado e para o qual não temos respostas esclarecedoras e convincentes. Alguns indícios se podem perceber de forma subliminar, como a prolongada presença de estrangeiros, especialmente norte-americanos e europeus nas funções de liderança e gerenciamento financeiro dos campos penetrados em missão. Porém não há admissão explícita do senso de superioridade dos missionários em relação aos nativos. Nos relatos de Magan, em uma ou outra frase, igualmente ele deixa transparecer a superioridade americana, como escreveu a respeito dos zulus: “sob tratamento amável, são de bom coração e tornam-se muito ligados a seus mestres”. Isto estabelece um contraste marcante com a posição do protestantismo que assume sua inserção no mundo e na América Latina, pela combinação de fatores teológicos com motivos nacionalistas.

A seguir apresentamos alguns fatos de similaridade entre o Segundo Grande Despertamento e a expansão missionária adventista, que estão aqui inseridos sem hierarquia de importância: **1)** preocupação com a centralidade da mensagem da salvação e tom soteriológico da pregação; **2)** ênfase escatológica da mensagem; **3)** senso de responsabilidade com a pregação da mensagem a todo mundo; **4)** investimento no preparo educacional de jovens para enviá-los como missionários; **5)** preocupação com a auto sustentação da missão, avançando paulatinamente também para áreas habitadas por não cristãos, como África, Ásia e Oriente; **6)** espírito de empreendedorismo visando estabelecer primeiramente uma base populacional de membros e posteriormente buscando o enraizamento do trabalho através do estabelecimento de escolas, produção de periódicos em língua local e serviços médicos; **7)** a criação de um Comitê de Missões Estrangeiras para organizar e acompanhar o trabalho no campo missionário; **8)** o recrutamento e mobilização de jovens para a missão; **9)** entrada em muitos países e lugares, anteriormente impensáveis de serem alcançados, pois até o fim do século 19, em praticamente 25 anos de missão, a Igreja Adventista estava presente em todos os continentes; **10)** apesar do respeitável avanço geográfico a quantidade de conversos no início das ações missionárias e nos primeiros anos de atuação da igreja nos novos lugares, foi igualmente pequena em números, assim como os resultados das ações protestantes.

³⁸ Yet it is common knowledge that North America, particularly the United States, has forged ahead until it stands in a dominant position among earth's nations. Its business energy doubtless has outmatched its culture; in courtesy and social diplomacy it is outshone by its southern neighbors. These qualities are in part heritages, the rude Teuton facing suave Latin.

Como já observado, os anos da década de 1890 foram marcados pelo explosivo crescimento das unidades educacionais adventistas, pela consolidação das atividades na área da saúde e um avanço sem precedentes na expansão missionária ao redor do mundo. Essa realidade, entretanto, apontou para outra necessidade que seria igualmente dolorosa para os adventistas, assim como foi o período de seu ajustamento doutrinário. Com todo esse desenvolvimento, percebeu-se a inadequação da sua estrutura organizacional, logística e financeira, criada na década de 1860. Ajustes precisavam ser feitos para que igreja continuasse a crescer (SCHWARZ, 1998). E foi o que aconteceu nos anos seguintes, culminando com a assembleia da Associação Geral de 1901, quando as novas proposições para organização foram finalmente votadas. Enquanto isso, os ideais da expansão missionária continuavam permitindo que a igreja avançasse, apesar da escassez de recursos financeiros e da necessidade constante de pessoas preparadas. E dessa forma, planos diferentes seriam feitos para que a América do Sul, de alguma forma, fosse incluída nos projetos missionários adventistas.

Ao encerrar este capítulo, destacamos alguns aspectos que serão importantes nas análises que nos conduzirão a uma melhor compreensão dos objetivos desta pesquisa: **1)** a teologia de missão adventista foi estruturada sobre dois pilares, um escatológico, com a afirmação da validade da fé no segundo advento de Cristo e, outro, por assumirem o papel de resgatadores de certas verdades bíblicas, em especial a guarda do sábado; **2)** os efeitos do Segundo Despertamento e do iluminismo como fatores para impulsionar o avanço missionário mundial; **3)** a combinação dos conceitos Destino Manifesto e colonialismo, como elementos determinantes na expansão missionária; **4)** a influência da Doutrina Monroe e o papel assumido pelos Estados Unidos em expandir um protestantismo norte-americano como modelo desejável para os demais países do continente americano; **5)** a Igreja Adventista seguiu numa trajetória progressiva desde uma postura antimissão, até atingir o seu amadurecimento para assumir plenamente responsabilidades missionárias amplas; **6)** em 1868, com o avanço dos adventistas rumo ao oeste norte-americano, a igreja estabeleceu um padrão que serviria de base estrutural para futuras ações de missão – abertura de uma casa editora, de um sanatório e de uma escola; **7)** o ano de 1874 marca o envio do primeiro missionário adventista para fora da América e a abertura da primeira escola adventista dentro dos Estados Unidos; **8)** em 1888, com a assembleia da Associação Geral de Minneapolis, os adventistas se cristianizaram completamente ao aceitarem que a salvação decorre da graça de Cristo e não da obediência aos mandamentos e, em consequência disso, dão o último passo que faltava para assumirem plenamente sua responsabilidade na expansão missionária mundial; **9)** em 1889 foi criado o

Comitê de Missões Estrangeiras para gerir as questões das missões mundiais e a Associação Geral aprova uma viagem de dois anos, para Haskell e Magan fazerem um mapeamento do campo missionário mundial. A América do Sul não constou desse roteiro.

O próximo capítulo tratará da chegada do protestantismo ao Brasil e como o adventismo entrou em território brasileiro, por meio da literatura e do trabalho dos colportores nas colônias de imigrantes alemães. Ao tratarmos desse tema, buscou-se conhecer e refletir sobre a saga de uma igreja de origem norte-americana e expressão inglesa, que foi introduzida num território de fala portuguesa, através de comunidades de origem e língua germânica.

3 A CHEGADA ENTRE OS ALEMÃES E A INSERÇÃO DA MISSÃO ADVENTISTA NO BRASIL

Antes de tratarmos do tema do capítulo, que é o objeto principal desta pesquisa, apresentaremos dois tópicos que vão abordar, de forma concisa, a chegada do protestantismo ao Brasil e as conexões existentes entre a imigração alemã e a chegada dos adventistas em nosso país. Dessa forma, espera-se completar a moldura que nos permitirá estabelecer com mais propriedade, o papel das publicações e dos colportores na inserção do adventismo no Brasil.

3.1 A CHEGADA DO PROTESTANTISMO AO BRASIL

Ao se analisar o período anterior ao estabelecimento das missões estrangeiras no Brasil, verifica-se que durante muito tempo, nada realmente foi feito para divulgar e expandir os ensinamentos e doutrinas protestantes. Léonard (2002, p. 47) escreve que, no Rio de Janeiro foram abertas “duas capelas pertencentes às colônias estrangeiras dos anglo-saxões nos últimos anos do regime português e a dos alemães em 1837”. Seus comentários continuam informando que o bispo do Rio na época, D. Caetano da Silva Coutinho, respondeu de forma irônica a um questionamento do núncio pontifical, que era contra a existência dessas capelas, que ele não necessitava se preocupar, pois jamais alguém se reunia ali. Por outro lado, a partir da Independência, Bíblias foram distribuídas, primeiramente pela Sociedade Bíblica Britânica e depois pela Americana, que se valiam das viagens dos comerciantes para deixar exemplares das Escrituras Sagradas à disposição de quem as desejasse.

Quando o protestantismo chegou ao Brasil, no século 19, encontrou aqui a religião católica firmemente arraigada. Não era apenas a religião do Estado, mas era acima de qualquer coisa, a religião do povo brasileiro. O perfil do protestantismo brasileiro com suas características e peculiaridades diferentes em relação às suas origens, está diretamente relacionado à maneira como precisou enfrentar e lidar com o catolicismo. “A visão que o protestantismo tradicional foi construindo do catolicismo no Brasil, estruturou sua estratégia missionária” (MENDONÇA, 1995, p. 81). Segundo esse mesmo autor, a luta por um espaço religioso dos protestantes na sociedade brasileira, aconteceu nos níveis polêmico, educacional e proselitista. Como o catolicismo era o adversário a ser combatido, além de conhecê-lo muito

bem, os protestantes estabeleceram a polêmica como estratégia, desde o início de suas atividades e a mantiveram por décadas. Na questão educacional, surgiram os grandes colégios protestantes e as escolas paroquiais com o objetivo de ajudar o proselitismo e a manter o culto protestante. Já o proselitismo deu-se na forma de confronto direto com o catolicismo, ao se apresentar uma alternativa para substituição de alguns princípios de fé e práticas.

Mendonça e Velasques Filho (1990, p. 22) fazem a seguinte avaliação sobre a história do protestantismo no Brasil e a forma como é abordado por historiadores:

A história da inserção do protestantismo no Brasil já está estudada de certo modo. Há, no entanto, um curioso descompasso entre historiadores em geral e historiadores eclesiásticos. [...] O capítulo sobre protestantismo no Brasil independente tem sido exclusividade de historiadores eclesiásticos, sociólogos e antropólogos interessados em religião. O descompasso a que nos referimos reside no fato de que, enquanto historiadores em geral silenciam, os eclesiásticos produzem textos sobre o protestantismo no Brasil desvinculados da realidade social.

Esses mesmos autores afirmam que “Há uma correspondência histórica entre as invasões protestantes no Brasil e as tentativas de rompimento da hegemonia latino-católica por parte do mundo anglo-saxão protestante” (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 23). Todavia, esse rompimento não aconteceu de forma abrupta; ocorreu aos poucos, vindo a consolidar-se apenas no século 19, referente aos aspectos políticos e econômicos, porém, o mesmo não se verificou quanto à religião e à cultura. Em consequência, o protestantismo histórico de origem missionária continua resistindo até agora, apesar de ser um corpo estranho na sociedade brasileira. Mendonça e Velasques Filho (1990) sugerem algumas prováveis causas para essa resistência: **1)** o forte apelo do protestantismo resultante do incentivo individual da piedade e da independência para se obter a salvação; **2)** o fato de o protestantismo ter se organizado e crescido respaldado por liderança leiga; **3)** a energia vinda da influência anglo-saxônica, representada pelos Estados Unidos.

Tem sido aceita como ponto de partida do protestantismo de origem missionária no Brasil, a chegada da *American Board of Commissioners for Foreign Missions* (Comitê Americano de Comissários para Missões Estrangeiras) em 1810, inicialmente uma organização interconfessional e, posteriormente congregacional. “Em seguida, foram surgindo outras organizações missionárias: entre 1814 e 1821, batistas, metodistas e episcopais; em 1837, o *Board of Foreign Missions*, dos presbiterianos e, em 1893, a *Foreign Missions Conference of North America*, interconfessional” (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 31). Com a virada do século 19, a expansão colonial elevou o movimento missionário pelo mundo. Muitos

pesquisadores acreditam que a expansão missionária para a América Latina esteja ligada à intuição norte-americana de transferir para os “irmãos” do continente sul, o sonho do estilo americano de vida, baseado em patriotismo, racismo e protestantismo.

A inserção do protestantismo foi classificada por esses autores, entre protestantismo de imigração e protestantismo de missão. Os imigrantes alemães estão entre os pioneiros da implantação do protestantismo no Brasil. “Esse pioneirismo tem como marco inicial a comunidade de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, fundada em 1824 pelo pastor Friedrich O. Sauerbronn, com 334 imigrantes evangélicos alemães” (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 27). Nesse mesmo ano, outra comunidade surgiu no Rio Grande do Sul, no vale do Rio dos Sinos, com 43 imigrantes que recebeu o nome de São Leopoldo em homenagem à Imperatriz Leopoldina. E assim, as comunidades foram se sucedendo nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. Fundaram diversos sínodos, que foram unificados em 1938 e, em 1949, criaram uma Federação de Sínodos.

Léonard (2002) apresentou interessante contribuição relacionada à pessoa do Imperador D. Pedro II, em cujo início de reinado, apareceriam as missões estrangeiras. Embora fosse respeitador da religião, observava as práticas católicas sem muito entusiasmo. Esse autor escreveu:

Essa atitude já positivista, de pretender servir-se da igreja no terreno social, sem um grande interesse por sua mensagem espiritual, deveria proporcionar grandes facilidades aos primeiros missionários protestantes, apreciados por D. Pedro II pelos seus conhecimentos e serviços práticos que poderiam prestar. O proselitismo religioso desses missionários, não muito interessante aos olhos do Imperador, não representava, entretanto, para os direitos do Estado o mesmo perigo que o catolicismo, fervoroso, mas ultramontano, dos padres vindos da Europa. Por outro lado, era dos países protestantes que ele esperava a imigração, grandemente necessária ao Brasil na realização do magnífico programa de civilização, do seu primeiro ministério (LÉONARD, 2002, p. 54).

Comentando sobre os primórdios, Léonard (2002) apresenta a pessoa do Reverendo Daniel Parish Kidder, anglicano, que chegou ao Brasil acompanhado de sua esposa em 1847. Sabedor de que o Brasil não estava preparado para assimilar os métodos tradicionais de evangelização, dedicou-se quase que exclusivamente à missão de divulgar as Escrituras Sagradas, numa tradução de Figueiredo, que era aprovada pela hierarquia católica. Ao empreender suas viagens, ele sempre estava atento às possibilidades para fundação de um novo depósito e à busca constante para encontrar alguém que se dispusesse a receber exemplares das Escrituras e garantir a sua distribuição. Suas tentativas envolveram a distribuição de Bíblias nas

escolas. Ele tentou convencer educadores e políticos, mas sem sucesso, sobre a importância da utilização do livro religioso para fortalecimento do currículo escolar, prática comum no mundo protestante da época. Bittencourt Filho (2003, p. 111) também ofereceu sua contribuição ao escrever que houve uma boa receptividade para a distribuição de Bíblias no Brasil, “por conta dos anseios de alfabetização abraçados por um círculo crescente de pessoas que consideravam este um caminho aconselhável para incorporar as “massas ignoras” ao processo de modernização cultural [...]”. Em sua percepção, a difusão das Escrituras Sagradas, deveria contribuir para instruir a população e, ao mesmo tempo, fazer avançar o Cristianismo brasileiro.

Tanto Mendonça e Velasques Filho (1990) como Léonard (2002), concordam em apresentar a figura de Robert Reid Kalley, a quem se atribui a fundação da primeira igreja evangélica no Brasil, em 1855. Médico e missionário autônomo de origem escocesa, ele foi “uma personalidade curiosa, característica desses propagandistas anglo-saxões, aristocratas ou burgueses ricos que, por motivos culturais, tornam-se grandes viajantes, e que utilizavam fortuna e turismo na difusão da fé protestante” (LÉONARD, 2002, p. 56). Juntamente com sua esposa, Sarah Poulon Kalley, deu início à Igreja Congregacional do Brasil. Sua obra, “além de ser pioneira do protestantismo de missão no Brasil, insere-se no grupo de igrejas missionárias norte-americanas pela sua atividade teológica, a mesma dos avivamentos que ocorreram na Inglaterra e se transferiram para os Estados Unidos [...]” (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 34).

Julgando insuficiente a distribuição de Bíblias, ele deu início a era da evangelização no Brasil, confiando esse papel aos portugueses, fato este paradoxal na história do protestantismo brasileiro. Adotou uma postura cautelosa, procurando aproximar-se o quanto possível das autoridades. Em Petrópolis, alugou a casa do embaixador dos Estados Unidos, que era vizinha ao palácio de D. Pedro II, onde muitas vezes recebeu o imperador, que apreciava ouvir suas histórias acerca das viagens que fizera para a Terra Santa. Os missionários que vieram depois dele, julgaram excessiva a sua prudência. Foi assim que “Robert Kalley trouxe para o Brasil o congregacionalismo, ramo calvinista das igrejas livres da Inglaterra, distinto das presbiterianas por praticar a democracia direta e por afirmar a autonomia das igrejas locais” (MENDONÇA; VELASQUES, 1990, p. 34). Por sua vez, Léonard (2002, p. 57) relata que “em 11 de junho de 1858 foi batizado o primeiro brasileiro que pertenceu a uma igreja protestante, Pedro Nolasco de Andrade. Esse dia é considerado a fundação da Igreja Evangélica, chamada mais tarde Fluminense, primeira comunidade protestante do Brasil”, que contava com 14 membros, sendo 13 estrangeiros e um único brasileiro.

Em seguida surgem os presbiterianos. Enviado ao Brasil pela grande Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, chegou em 12 de agosto de 1859 na cidade do Rio de Janeiro, o Reverendo Ashbel Green Simonton, vindo de Dauphin, Pensilvania, com apenas 26 anos de idade. Em 1862 fundou a primeira igreja. “Foi a denominação que mais se expandiu no século XIX principalmente na Província de São Paulo, na qual seguindo a trilha da expansão do café, foi favorecida pela pregação de José Manuel da Conceição, ex-padre convertido ao presbiterianismo...” (MENDONÇA; VELASQUES, 1990, p. 35). Sua postura foi notoriamente prudente, nunca se referindo explicitamente à Igreja Católica. “Os sermões de Simonton mostram um bom escritor, orador e ainda arguto observador da sociedade do Rio de Janeiro de seu tempo” (MENDONÇA, 1995, p. 83). Ele viveu no Brasil de 1859 até 1867, ano de sua morte, período em que pastoreou a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, que ele mesmo havia fundado.

José Manoel da Conceição tornou-se o primeiro pastor protestante brasileiro e que abriria o protestantismo no interior do Brasil, conquistando tanto pessoas isoladas, como famílias extensas e sólidas. Nascido em São Paulo, em 1822, tornou-se padre em 1845, após brilhantes estudos realizados em Sorocaba, onde seu tio-avô era cura no seminário diocesano. “As relações que teve bem cedo com estrangeiros protestantes, o gosto pela leitura da Bíblia [...] e de uma História Sagrada do Antigo e Novo Testamento [...] valeram-lhe a alcunha de padre protestante” (LÉONARD, 2002, p. 64). Esta situação também lhe valeu a desconfiança da autoridade diocesana, que o transferia de pouco em pouco tempo de paróquia, para evitar algum tipo de influência sobre seus paroquianos. Mas, “em setembro de 1864, por carta enviada ao bispo D. Sebastião Pinto do Rego, abandonava o sacerdócio e a Igreja Católica e no mês seguinte era batizado pelo missionário rev. A. L. Blackford, no Rio de Janeiro. Em dezembro foi ordenado pastor evangélico ...” (MENDONÇA, 1995, p. 85).

Outras igrejas vieram na trilha dessas ações missionárias pioneiras. Os batistas, por sua vez, “tiveram seu início histórico no Brasil com a chegada dos missionários William Bagby e Zacarias Taylor, em 1881 e, fundaram a primeira Igreja Batista em 1882, na Bahia. Atingiram primeiramente alguns Estados do Nordeste e depois o Rio de Janeiro” (MENDONÇA; VELASQUES, 1990, p. 42). À semelhança dos metodistas, se fixaram mais nas áreas urbanas, onde a presença católica dificultou um crescimento mais expressivo. Mas, a partir do início do século 20, começaram a apresentar um crescimento surpreendente, ultrapassando os presbiterianos e todas as demais igrejas de origem missionária.

Já “os metodistas, após tentativa frustrada em 1836, no Rio de Janeiro, estabeleceram-se no Brasil em 1886 com os missionários Junius E. Newman, John J. Ransom, J. W. Koger e James L. Kennedy. O crescimento inicial foi lento porque se estabeleceram em cidades [...]” (MENDONÇA; VELASQUES, 1990, p. 40). A expansão dos metodistas aconteceu quando a influência de seus colégios se encontrou com a ascensão da burguesia das cidades, embora seu crescimento tenha sido menor que o dos presbiterianos e batistas. A inserção mais tardia de todas as igrejas tradicionais de origem missionária, foi a Episcopal. Ela “surgiu em 1898, no Rio Grande do Sul, de onde se expandiu para o Rio de Janeiro em 1908 e para São Paulo e Santa Catarina em 1920” (MENDONÇA; VELASQUES, 1990, p. 45). Seu crescimento tem sido lento, talvez pela semelhança litúrgica com a Igreja Católica. Os missionários Lucien L. Kinsolving e James W. Morris foram os primeiros a chegarem aqui em 1889.

Assim, com essa breve visão focalizada nas igrejas consideradas dentro do protestantismo de missão, registramos a iconformação de terem alguns grupos religiosos sido renegados e excluídos desse estudo, entre esses os adventistas do sétimo dia. Passemos à visualização da imigração alemã com seu protestantismo de imigração e sua conexão com a entrada do adventismo no Brasil.

3.2 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ E A IGREJA ADVENTISTA NO BRASIL

A inserção de um tópico que trata da imigração alemã nesta pesquisa, tem como propósito estabelecer as conexões desse movimento migratório com a inserção do adventismo no Brasil, uma vez que a gênese da Igreja Adventista neste país deu-se entre algumas colônias de imigrantes alemães. A maioria dos pesquisadores crê que a imigração germânica no Brasil, tenha sido uma sugestão da Imperatriz Leopoldina, filha do Imperador Francisco I, da Áustria, em função de que o convite às nações possuidoras de colônias, como Espanha, França, Holanda e Inglaterra, não parecia ser nada interessante (DREHER, 2003). Essa imigração aconteceu durante décadas, a partir de 1815, indo até à primeira guerra mundial. A maioria dos alemães foram para a América do Norte e apenas uma pequena parte veio para o Brasil, estimada em aproximadamente 300.000 pessoas. De acordo com Santana (2010, p. 238), aqui em nosso país, três quartos dos imigrantes instalaram-se no extremo Sul, sendo que o Rio Grande do Sul abrigou mais de 50 por cento deste total e Santa Catarina 20 por cento. Os outros estados com

uma expressiva imigração teuta foram Paraná, São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Eles começaram a chegar a partir de 1824 (WIRTH, 2005), instalando-se predominantemente no sul do país, mas com presença também em alguns outros Estados do sudeste brasileiro. Dreher (2003, p. 26) nos oferece as principais razões para a chegada dos alemães em nossa pátria: “da perspectiva do Império, foram essencialmente dois motivos que levaram o governo brasileiro a fomentar a imigração: a exigência da abolição da escravidão e a posse de porções em litígio do território nacional”. O perfil desses imigrantes foi assim definido:

Portanto, os luteranos que aqui se estabelecem procedem predominantemente das camadas populares da sociedade. São os excluídos dos processos de transformação social na Europa que buscam na emigração as condições de sobrevivência perdidas na sociedade de origem: jornaleiros, trabalhadores braçais, pequenos agricultores, operários etc. Isso não significa, contudo, a total ausência de imigrantes socialmente mais bem situados, que via de regra ocupam-se de atividades comerciais e da manufatura e, mais tarde, serão precursores da emergente industrialização nas regiões de imigração (WIRTH, 2005, p. 70).

Outro aspecto a destacar-se na imigração alemã, foi a sua contribuição para o surgimento e consolidação da sociedade brasileira. Dreher (2003, p. 27) observou que: “ela forneceu a base para o surgimento da classe média brasileira e pode ser vista como o elemento que preencheu o vácuo existente entre senhores e proletários”. Já do ponto de vista religioso, sabe-se que a maioria desses imigrantes era evangélica, mas o significado desse termo deve ser considerado da perspectiva deles em seu país de origem, o que “poderia indicar a pertença a uma igreja de rito tanto luterano, quanto calvinista ou até a um dos grupos dissidentes da Reforma, como os anabatistas, ou ainda a movimentos de renovação espiritual, como os pietistas moravianos” (WIRTH, 2005, p. 71). Schünemann (2003, p. 30) também comentou sobre a religião dos imigrantes:

A religião dos imigrantes era, predominantemente, protestante, embora tenham vindo para o Brasil, alemães católicos. [...] Boa parte dos imigrantes tinha uma prática religiosa ligada ao pietismo, movimento que ainda tinha muita influência na religiosidade popular alemã.

Comentando sobre o perfil dos imigrantes, Dreher (2003, p. 51-53) observou:

Os evangélicos emigrados da Alemanha ingressaram em um país em que existia apenas a Igreja católica romana. O que os levava a emigrar não eram motivos essencialmente religiosos, como fora o caso nas emigrações para os EUA ou para Austrália. Por isso, havia o perigo de que viessem a desaparecer no catolicismo brasileiro. Tal, porém não ocorreu. Eles permaneceram fiéis à sua fé evangélica, não só por motivos de tradição. [...] Havia neles autêntica piedade de fé. [...] Nas regiões em que os imigrantes foram assentados, surgiram algumas comunidades evangélicas. A migração interna, também

proporcionou o surgimento de novas comunidades. Nessas comunidades, nos primeiros anos, atuavam alguns pastores que haviam emigrado para o Brasil. Depois outros pastores foram engajados. Essas comunidades (antes dos sínodos) eram bem independentes e o contato entre elas era mínimo. Os pastores não eram tão respeitados, pois estavam sós diante das comunidades; parecia que eles não tinham muito o que ensinar.

Os primeiros imigrantes organizaram-se em comunidades de fé pouco estruturadas e autônomas, sem vínculos hierárquicos e independentes de qualquer autoridade, sem presença constante de líderes religiosos, pois havia bem poucos pastores com formação teológica. “Concretamente a autonomia expressou-se no surgimento de uma série de associações eclesiais, encarregadas de cuidar da demanda religiosa na sociedade emergente a partir de um princípio associativista também verificável em outros espaços da convivência social” (WIRTH, 2005, p. 72).

A segunda corrente migratória foi direcionada para os centros agroexportadores, especialmente para São Paulo, a fim de substituir a mão-de-obra escrava, no chamado sistema de parcerias, principalmente após a proibição da importação de escravos, a partir de 1850. Santana (2010) confirma a divisão dos imigrantes e aponta a existência ainda de um terceiro grupo:

A história da colônia germânica no Brasil, do século XIX aos primeiros anos do século XX, tem sido dividida em três grandes períodos que diferenciam os grupos de imigrantes entre si. O primeiro período se dá em 1824 com a chegada de famílias de agricultores e camponeses. O segundo grupo chega ao país em meados do século XIX, com o fracasso das revoluções de 1848 e 1849. Seus integrantes eram militantes liberais e representantes da intelectualidade de alguns estados alemães e da Áustria, que haviam partido em busca de novas perspectivas no Novo Mundo. Neste segundo grupo, podemos incluir também a chegada de turmas de reemigrantes na década de 70. Este grupo teve uma participação especial nos movimentos e aspirações dos demais imigrantes, por terem conhecido o processo de nacionalização alemã. A terceira leva de imigrantes é composta de artesãos e operários forçados a sair da Europa em razão das crises do começo do século. Mesmo que vindos de estados diferentes, estes imigrantes tinham em comum a identidade germânica. Contudo, apesar das suas inclinações funcionais e intelectuais, estes grupos eram diferentes também na sua condição de alemães, fosse pelo lugar de origem, fosse pelo momento histórico original ou mesmo pelo grau de inserção na sociedade brasileira. Foram exatamente estas peculiaridades que acabaram por determinar as convergências e os conflitos dentro da própria comunidade alemã, quando junto aos brasileiros (SANTANA, 2010, p. 235).

Unindo as declarações dos autores que já pesquisaram esse tema, tentar-se-á traçar o perfil dos alemães que foram alcançados pela mensagem adventista, que é o interesse desta pesquisa. Dreher (2003, p. 35-37) faz um comentário acerca da origem desses imigrantes:

Quando perguntamos pela origem dos emigrantes, deparamo-nos com um quadro multicolor, pois podemos encontrar mais tarde no Brasil imigrantes de todas regiões da Alemanha. Se pudéssemos fazer uma análise mais detalhada dos anos em que se deu a imigração, também chegaríamos facilmente aos motivos pelos quais estes ou aqueles grupos emigraram. [...] O local de origem dos imigrantes nos mostra que se trata de um grupo bastante heterogêneo. [...] Não podemos, contudo, falar de uma imigração em massa dos alemães. No total, os números não devem ter sido superiores a 300.000. Destes, pouco mais da metade eram protestantes.

Utilizando as informações fornecidas por Dreher (2003), sobre locais de origem e datas de emigração, relacionadas com as localidades onde surgiram as primeiras Igrejas Adventistas, encontramos o seguinte: **1)** Brusque, Santa Catarina, chegaram a partir de 1860, vindos de Bade, Oldemburgo, Renânia, Pomerânia, Schleswig-Holstein e Braunschweig. **2)** Santa Leopoldina, Espírito Santo, vieram a partir de 1857, da Pomerânia. **3)** Teófilo Otoni, Minas Gerais, a partir de 1847. Não indicação de que região este último grupo veio.

Se o chamado primeiro grupo de imigrantes preenche as características dos colonos encontrados pelos adventistas, as datas de sua emigração parecem não se harmonizarem. Há indícios da existência de outras razões para isso, como a presença de outros perfis nos grupos de emigração e a migração interna. Uma investigação mais profunda para oferecer outras respostas, fica como um tema a ser explorado em futuros estudos. As características do segundo grupo foram assim definidas por Santana (2010, p. 237):

O segundo grupo de imigrantes era formado pelos chamados 1848 Kinder (filhos de 1848), e tinha um perfil diferente dos primeiros colonos. O fracasso das revoluções de 1848 e 1849 fez com que muitos militantes liberais de estados alemães e da Áustria fugissem para o Brasil e aqui logo fossem reconhecidos como elite pela comunidade germânica. Apesar da identidade comum, eram heterogêneos como grupo e dividiam-se entre conservadores e liberais.

O que há de relevante nessas citações, é que esse chamado segundo grupo, parece apresentar características culturais mais aprimoradas e abertas do que a primeira leva de imigrantes, composta por pessoas que vinham das aldeias prussianas, que era “formada por comunidades coesas, mais ou menos autossuficientes e resistentes a culturas e influências externas ao seu grupo. Possuíam também uma organização social bastante fechada, de modelo patriarcal e mentalidade tradicionalista” (SANTANA, 2010, p. 236). De acordo com a pesquisa de Dreher (2003) sobre a cronologia, local de origem e destino dos alemães, aqueles que, dentre esses, viriam a se tornar adventistas, encaixam-se no chamado segundo grupo. Todavia, as características do perfil predominante parecem não se harmonizarem conforme já foi observado. Mas, Schünemann (2003, p. 32) é categórico ao afirmar que:

O perfil destes primeiros conversos era formado por uma camada simples da sociedade rural. É interessante que as colônias alemãs no sul do país ou no Espírito Santo composta de protestantes e pequenos proprietários rurais eram semelhantes ao perfil do Adventismo do sétimo dia nos Estados Unidos, por ocasião de sua formação.

Para reforçar seu argumento, o mesmo autor acrescenta outro fator relevante, ao fazer uma alusão à recepção do adventismo na Alemanha:

Na fase inicial da expansão mundial o país mais receptivo à pregação adventista do sétimo dia foi a Alemanha. Esta expansão notável foi motivada, por um lado, pelos esforços do alemão Louis Richard Conradi, que imigrara para os Estados Unidos, onde havia entrado em contato com adventistas do sétimo dia, convertera-se para a nova fé, e após algum tempo de trabalho na IASD dos Estados Unidos voltou para a Alemanha, e por outro, pelas condições de rápidas transformações sociais produzida pela intensa industrialização alemã (SCHÜNEMANN, 2003, p. 28).

Outro comentário do mesmo autor identifica a presença de imigrantes europeus nos Estados Unidos como sendo a primeira contribuição do fenômeno migratório para o adventismo. A Igreja Adventista foi organizada no Estado de Michigan, na região dos Grandes Lagos, que foi ocupada pelas imigrações predominantemente oriundas da Escandinávia e da Alemanha. “Muitos desses imigrantes conheceram o adventismo e aceitaram seus ensinamentos. Aconteceu algo interessante que foi o desejo de alguns desses imigrantes retornarem ao seu país de origem para difundir a doutrina adventista para seus compatriotas” (SCHÜNEMANN, 2009, p.154).

Schünemann (2003) reforça seu argumento, ao ressaltar as semelhanças das colônias alemãs no sul do país e no Espírito Santo, com os alemães que emigraram para os Estados Unidos. Os imigrantes que chegaram ao Brasil eram compostos “de protestantes e pequenos proprietários rurais semelhantes ao perfil do adventismo do sétimo dia nos Estados Unidos, por ocasião de sua formação” (SCHÜNEMANN, 2003, p. 32). Embora nem todos alemães fossem protestantes, é entre estes que o adventismo faz sua inserção e expansão. Schünemann (2003) destaca que provavelmente a formação religiosa pietista de boa parte desses imigrantes, conduziu a uma afinidade natural com o adventismo, que foi fundado, em grande parte, por ex-metodistas, também influenciados pelo pietismo alemão.

Ao analisar a realidade da inserção do adventismo com um olhar um pouco além do Brasil, Schünemann (2003, p. 33) afirmou:

A inserção em um ambiente com proximidade cultural àquela encontrada nos Estados Unidos, pode ser observada também na inserção do adventismo nos demais países do Cone Sul. Isto pode explicar talvez, porque inicialmente o adventismo progrediu mais nas partes "europeias" da América do Sul, como na Argentina e no sul do Brasil. No entanto, esta vantagem inicial do adventismo na "Neo-Europa" Sul-americana demonstra ser um fator limitante

do crescimento do adventismo no Brasil. Em primeiro lugar, a comunidade alemã não era numerosa e de um modo geral as mais antigas colônias, por onde o adventismo começou estavam longe do eixo produtivo do país e em regiões de pouca expressão econômica e política. A única exceção, o Rio Grande do Sul, no período bem inicial da inserção do adventismo estava ainda se recuperando da “guerra civil” ocorrida após a Proclamação da República.

Quando o olhar se volta para o país de origem desses imigrantes, a Alemanha, é interessante notar que a Igreja Adventista também estava em expansão ali e havia sido iniciada não muito antes do que a inserção no Brasil. No entanto, o crescimento lá ocorreu de forma muito mais significativa e acelerada. A descrição apresentada pela Encyclopedia Adventista (1966) sobre a igreja na Alemanha nos dá impressão de uma comunidade crescente e com influência em todo o Leste e Sudeste Europeu e até na Rússia. Schünemann (2003, p. 34) acredita que “talvez, devido ao clima de grande confiança na superioridade germânica, os conversos ao adventismo viam uma harmonia de duas eleições: a nacionalista e a religiosa, fundidas em um dever soberano”. O que o autor está ressaltando aqui, “é a fusão de aspectos da mentalidade germânica com a mentalidade adventista do sétimo dia no Brasil” (SCHÜNEMANN, 2003, p. 34).

Valendo-nos das informações utilizadas pelos diversos autores pesquisados e, em especial, das percepções de Schünemann (2003) que abordou o tema buscando a ligação da imigração alemã em conexão com os adventistas, constatamos que o isolamento da comunidade alemã em relação aos brasileiros, pode ter se constituído numa barreira ao longo do tempo. Isso pode explicar o porquê das comunidades alemãs em Santa Catarina e no Espírito Santo, predominantemente rurais, “terem apresentado um pequeno crescimento numérico, ao passo que no Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo, onde a comunidade alemã era mais urbana, a IASD conseguiu uma melhor expansão, mas mesmo assim esta expansão foi lenta” (SCHÜNEMANN, 2003, p. 35). Pode ser também que esse isolamento cultural da comunidade alemã no Brasil tenha contribuído para moldar um adventismo com sentimentos de exclusivismo e superioridade. Esse mesmo autor entende que “a associação do adventismo com os alemães foi um fator importante para o estabelecimento da Igreja Adventista no Brasil [...] e que a cultura pietista de boa parte dos imigrantes alemães forneceu o elo básico para o adventismo lançar suas raízes no Brasil” (SCHÜNEMANN, 2003, p. 38).

Nos primeiros momentos da Igreja Adventista no Brasil, ela valeu-se da presença das colônias alemãs para implantar sua mensagem no território nacional. Como já foi observado, “é importante destacar que o perfil predominante dos primeiros conversos adventistas no Brasil foi de famílias já estabelecidas no país. As colônias alemãs estavam de um modo geral distante de regiões de recursos e receberam pouco ou nenhum apoio do governo brasileiro”

(SCHÜNNEMANN, 2009, p. 159). Esse mesmo autor observa que até mesmo a Igreja Luterana na Alemanha, não demonstrou preocupação para atender as comunidades alemãs no Brasil e que foi somente após a conversão de alguns colonos ao adventismo, que se manifestou a intenção de prover mais assistência espiritual aos colonos. Embora o número de conversos tenha sido pequeno, foi suficiente para causar preocupação entre os líderes religiosos. Unidos por valores pietistas, pode ser que a aceitação da mensagem adventista, por parte dos colonos, seja uma demonstração do reconhecimento de uma oportunidade para revigorar antigos ideais. A pregação adventista estava próxima à mentalidade desses primeiros conversos, não representando uma ruptura, mas levando-os à aceitação de uma mensagem que revivia ideais comuns e abraçava novas verdades (SCHÜNNEMANN, 2009).

Outro aspecto importante que pode ter facilitado a aceitação da mensagem adventista, parece ter sido a presença rara e não frequente de uma liderança religiosa nas comunidades alemãs. Muito embora a mensagem adventista fizesse críticas ao protestantismo de seus dias, apresentavam-se com a reivindicação de serem os verdadeiros continuadores da Reforma. De modo que, o surgimento de uma pregação que anunciava uma doutrina resgatadora de crenças comuns e antigas, adicionada de algumas verdades “novas”, foi realmente atrativa. Ainda sobre a presença de pastores nessas colônias, Dreher (2003, p. 69) fez a seguinte observação:

O maior problema com o qual os pastores agora se viam confrontados era ativação da vida eclesiástica nas colônias alemãs. No longo período em que as congregações haviam estado sem atendimento espiritual regular, a vida eclesiástica empobrecera. Dessa maneira os pastores inicialmente tinham que conquistar a confiança de suas congregações para poder ter alguma influência sobre seus paroquianos. Para dificultar mais a situação, os pastores com formação acadêmica, via de regra, só permaneciam seis anos no país, e, como nesse período ainda trocassem uma ou duas vezes de congregação, não se pode falar de uma atividade continuada.

Assim, inserção do adventismo no Brasil e imigração alemã estão ligados por laços inseparáveis. A despeito dessa mesma ligação parecer ter retardado o crescimento explosivo da Igreja Adventista no Brasil em seus primeiros anos de vida, por outro lado, seu desenvolvimento foi seguro e firme, proporcionando o alicerce consistente para sua posterior expansão. No próximo tópico, as evidências dessa ligação entre imigrantes e adventistas ficará demonstrada, especialmente ao revisitarmos os locais, os personagens e os passos da chegada do adventismo a este país.

3.3 A ENTRADA DO ADVENTISMO NO BRASIL POR MEIO DAS PUBLICAÇÕES E DOS COLPORTORES

Durante sua existência de pouco mais de 50 anos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia prosseguia travando suas próprias batalhas. Eles lutaram bastante para compor seu corpo doutrinário e muito maior foi a luta para superarem a aversão a qualquer tipo de organização. Quando finalmente se organizaram, criaram uma denominação capaz de gerar outras estruturas institucionais, como editoras, sanatórios e escolas. Tiveram que lidar com uma crise sem precedentes, quando se depararam com a mensagem da justificação pela fé, em 1888; apesar das divergências e da intensidade das discussões, mantiveram a unidade e saíram dessa crise cristianizados. Os primeiros adventistas eram, de uma forma geral, pessoas simples e desprovidas de recursos financeiros; não havia na igreja membros ricos, mas o grupo era composto de pessoas determinadas e comprometidas. Economizaram cada centavo possível a fim de iniciarem um programa de missão, para assim poderem participar do movimento de expansão missionária que dominava o mundo protestante na segunda metade do século 19 e serem coerentes com seus ideais de pregar o evangelho a todo mundo. Escreveu Greenleaf (2011, p. 21):

Essa foi a igreja que voltou seu olhar para a América do Sul, à medida que o século 19 chegava ao fim. A Igreja Adventista havia aprendido a equilibrar o senso premente de missão com técnicas administrativas disciplinadas. Essa mistura não era desprovida de defeito, e, às vezes, até um pouco desajeitada, mas funcionava. [...] Pouco tempo depois de sua chegada à América do Sul, os adventistas descobriram o enorme efeito que as características da terra e do povo teriam sobre seu trabalho. [...] Para marcar seu caminho, deixaram igrejas, escolas, hospitais, fábricas de produtos alimentícios, casas publicadoras e lanchas médicas. A eles pertence uma história fascinante.

O Brasil não foi o primeiro país sul-americano a receber a presença de adventistas. Fatos simultâneos acontecidos na Argentina, Chile e Guiana Inglesa, dificultam o estabelecimento de uma ordem cronológica plenamente confiável. O fato é que a literatura adventista e os colportores chegaram antes dos pastores ordenados, marca exclusiva dos adventistas quando comparados ao protestantismo de origem missionária. Em quase todos os países do continente sul-americano, mesmo antes dos primeiros colportores aqui chegarem, o adventismo já se fazia presente na vida de algumas famílias através das publicações adventistas. Por questão de foco e pela definição do objeto desta pesquisa, trataremos apenas da chegada do adventismo ao Brasil e não abordaremos os demais países da América do Sul, a não ser por alguma referência e apenas quando isso for estritamente necessário. Greenleaf (2011) faz menção à provável

presença de adventistas vindos da Rússia para Rio dos Cedros, Santa Catarina, em 1880. Menciona também a presença da família de Friedrich W. Kämpell, que chegou em 1892 e se instalou num local que ficou conhecido como Boa Vista do Guilherme, Rio Grande do Sul. Entre os membros dessa família estava Helena Kämpell que teria sido batizada na Alemanha, em 1866, como sabatista e, posteriormente, tornou-se adventista do sétimo dia.

Antes de narrar os fatos que marcaram a chegada do adventismo ao Brasil, torna-se relevante relembrar pelo menos três eventos descritos no primeiro capítulo e que se acham ligados aos acontecimentos que tiveram lugar aqui em nossa pátria. O primeiro deles está relacionado à determinação que os pioneiros adventistas tiveram para escrever e publicar. As publicações foram as protagonistas dessa história e ocupam um lugar central na narrativa. Outro aspecto está ligado às sociedades missionárias que foram estabelecidas, logo após a organização formal da igreja e se espalharam por todo os Estados Unidos e, ocuparam-se de forma especial, da distribuição de literatura. Esse fato tem também ligação, ainda que de maneira indireta, aos eventos ocorridos no Brasil, por conta das ações em portos e navios. E, por fim, a organização da colportagem, que passou a exercer um papel estrategicamente importante para o cumprimento da missão adventista, e que foi, de forma especial, na América do Sul, o método missionário de inserção em quase todos os países.

Outra decisão relevante, tomada pela igreja, foi destacada por Loughborough (2014, p. 301), pioneiro e testemunha ocular de muitos fatos da história adventista desde seu início: “À medida que a mensagem avançou, as seguintes organizações gerais foram formadas, cujos oficiais eram eleitos nas sessões ordinárias da Associação Geral: [...] A Junta de Missões Estrangeiras – para supervisionar e expandir o trabalho missionário...”. Schwarz e Greenleaf (2009, p. 253) completam a informação:

Em 1889 [...] os delegados estabeleceram outra organização semi-independente, a Junta das Missões Estrangeiras, que incluía entre outros membros, os membros da Comissão da Associação Geral. Esse novo grupo, assumia a responsabilidade de dirigir as missões denominacionais fora da América do Norte.

Knight (2000) confirma a criação da Comissão de Missões Estrangeiras em 1889 e acrescenta que nesse mesmo ano foi lançada a revista *Home Missionary* (Missionário Denominacional), com o objetivo de promover as ações adventistas de missão. O mesmo autor acrescenta:

A criação da Comissão das Missões Estrangeiras foi mais do que simbólica. Proclamava que os adventistas estavam finalmente prontos para levar a sério a incumbência missionária de Apocalipse 14:6; 10:11 e Mateus 24:14. Eles

pregariam a tríplice mensagem angélica – inclusive as grandes verdades evangélicas recuperadas em 1888 e as doutrinas adventistas distintivas, a cada “nação, e tribo, e língua e povo” para que o fim pudesse vir. Nunca mais os adventistas do sétimo dia voltariam a ser relutantes nas missões estrangeiras. Ao contrário, tornaram-se conhecidos por seus esforços em alcançar todo o mundo com sua mensagem. Durante o processo, estabeleceram editoras, instituições médicas e educacionais por onde passavam. No final da década de 1890, o adventismo estava estabelecido em todos os continentes e em muitos arquipélagos. Foi nesse período de missões adventistas, que a denominação estabeleceu o alvo de alcançar os “pagãos”, os católicos romanos e os protestantes ao redor do mundo (KNIGHT, 2000, p.101-02).

Com esse contexto estabelecido, passamos a narrar os fatos que marcaram a inserção do adventismo no Brasil. Com o intuito de se estabelecer com segurança os eventos que aqui serão apresentados, é relevante frisar que:

Os livros adventistas procuram apresentar a história da IASD no Brasil, como tendo um início providencial, antes de qualquer iniciativa da Associação Geral nos Estados Unidos [...] Este episódio contudo, não foi documentado. As narrativas foram passadas oralmente pela tradição e há algumas diferenças entre elas, mas conservam uma matriz comum (SCHÜNEMAMM, 2002, p. 155).

À declaração desse autor, pode-se acrescentar como fonte adicional, a sua própria tese doutoral, bem como a tese doutoral de Greenleaf (2011) transformada em livro; ambos os trabalhos constam da bibliografia desta pesquisa. Além disso, alguns outros autores servirão de suporte para a sustentação dos argumentos, entre eles, Meyers (s.d.), que liderou o departamento de publicações da Divisão Sul-Americana da IASD de 1923 a 1927 e, provavelmente, tenha sido um dos primeiros a documentar as narrativas, depois de ouvi-las diretamente dos próprios protagonistas da história. Sua iniciativa resultou num livro que também serve como fonte bibliográfica para esta pesquisa. Comprovando o que acaba de ser declarado, ele escreveu o seguinte, pouco antes de visitar a comunidade de Gaspar Alto:

Amanhã vamos visitar a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia organizada no Brasil, como resultado do envio de alguns poucos exemplares de literatura, por parte de uma pessoa da América do Norte. Espero também, ao estar nessa igreja, ouvir a história de alguns dos mais importantes e interessantes acontecimentos, diretamente daqueles que participaram deles, com o propósito de escrever alguns parágrafos, e fornecer, pelo menos, um pouco dessa história admirável do início da obra no Brasil. Aqui estão os detalhes que foram fornecidos a mim por alguns dos primeiros crentes (MEYERS, s.d., p. 3-4).³⁹

³⁹ Mañana hemos de visitar la primera iglesia adventista del séptimo día organizada en el Brasil como resultado del envío de esas pocas páginas de literatura por parte de una persona de Norteamérica. Asimismo espero recoger en esa iglesia, directamente de quienes tuvieron parte en ellos, el relato de algunos de los sucesos más interesantes, a fin de poder añadir unos párrafos, y proporcionar, a lo menos, en parte esta admirable historia de los comienzos de la obra en el Brasil. He aquí los detalles que me fueron proporcionados por algunos de los primeros creyentes.

Costuma-se aceitar que o adventismo chegou ao Brasil, quando um pacote de literatura, vindo dos Estados Unidos, chegou para Carlos Dreefke, residente na vila de Brusque, Santa Catarina. O pacote continha dez exemplares de *Stimme der Wahrheit* (Voz da Verdade), um “periódico publicado por Louis R. Conradi em Battle Creek, Michigan” (GREENLEAF, 2011, p. 25). O embrulho chegou num estabelecimento comercial pertencente a Davi Hort, que além de mercearia e bar, servia também de entreposto para os Correios. Um tanto desconfiado, Dreefke, incentivado por Hort, decidiu abrir o pacote. Ao constatar que se tratava de algumas revistas em alemão, em seguida as distribuiu para as pessoas que estavam ali testemunhando a cena. À medida que o tempo passava, novas remessas chegavam. Preocupado em ter que pagar pela encomenda não solicitada, Dreefke desistiu de retirar o material enviado. Então, um professor por nome Chikiwidowsky, propôs-se a continuar recebendo os pacotes de literatura, mas logo perdeu o interesse. Foi quando um outro morador do local, de origem alemã e dado a consumir bebida alcoólica, percebeu nessa situação uma excelente oportunidade para custear seu vício, retirando e vendendo as publicações que eram enviadas. Segundo Borges (2001), tratava-se de um tal Frederick Dressler, que trocava a literatura por bebida na própria venda de Hort. Meyers (s.d., p. 4-5)⁴⁰ acrescenta alguns detalhes sobre esse personagem:

É a respeito deste terceiro homem, encarregado da recepção da literatura, que se menciona muitas vezes como sendo o bêbado que distribuiu a primeira literatura que chegou ao Brasil. Ele foi realmente um bêbado miserável, não obstante ser filho de um pastor. Pouco depois, ele escreveu pedindo mais revistas, as quais recebeu e trocou por bebida. As informações dão conta que muitos vieram a desenvolver grande interesse e esperavam ansiosamente a remessa seguinte de literatura. O Sr. Dressler, atento apenas ao seu ganho pecuniário, abusou desse interesse, fazendo pedidos urgentes de mais revistas para a América do Norte, pelo que prometia pagar mais tarde. Os encarregados pela Sociedade Internacional de Tratados dos Estados Unidos, sem dúvida, encorajados por esse suposto interesse, fizeram várias remessas de literatura, incluindo certa quantidade de livros grandes. Isso agradava a Dressler, porque os livros lhe renderam um bom lucro. Muitas revistas foram dadas em pagamento ao dono da mercearia e usadas para embrulhar mercadoria. A conta

⁴⁰ Es a este tercer hombre encargado del recibo de la literatura, a quien se hace alusión a menudo como el borracho que distribuyó la primeira literatura que llegó al Brasil. Era, realmente, un bebedor miserable, no obstante el hecho de ser hijo de un pastor. Poco después escribió pidiendo más periódicos, los que recibió y cambió por bebida. Se nos refiere que llegó a desarrollarse mucho interés, y, que muchos eran los que esperaban ansiosos la siguiente remesa de literatura. El Sr. Dressler, atento sólo a su ganancia pecuniaria, abusó de este interés, haciendo urgentes pedidos de periódicos a Norteamérica, por los que prometia pagar más tarde. Los encargados de la Sociedad Internacional de Tratados, de los Estados Unidos, animados, sin duda, por el interés de que se les daba cuenta, hicieron grandes envíos de literatura, en los que hasta incluyeron cierta cantidad de libros grandes. Estocomplacia lo indecible a Dressler, porque los libros le rendían grandes beneficios. Muchos periódicos fueron dados en pago a los almanaceros, y usados para envolver mercadería. La cuenta de toda esta literatura, que nunca fué cancelada, alcanzó, finalmente a varios centenares de dólares.

de toda essa literatura que nunca foi acertada, alcançou, finalmente, várias centenas de dólares.

Outro questionamento acerca dessa história, diz respeito à chegada dos dez primeiros exemplares de *Stimme der Wahrheit* ao porto de Itajaí e depois a Brusque. Como teriam sido direcionados para Dreefke? Quem teria fornecido seu nome e endereço? De forma cautelosa, mas concordando com os demais autores, Greenleaf (2011) reproduz o que se costuma comumente aceitar como sendo a verdade desses fatos. A narrativa envolve um enteado de Dreefke por nome Borchard, que teria se envolvido numa briga. Achando que tivesse matado seu oponente, ele fugiu e embarcou como clandestino num navio em Itajaí, com destino a Europa. Em algum ponto de sua viagem ou mesmo depois de chegar ao seu destino, ele teria fornecido o nome e endereço de seu padrasto a missionários adventistas que distribuíam literatura. Esse mesmo autor apresenta o que supõe ter acontecido:

Infelizmente para os registros, ninguém documentou de forma conclusiva essa parte da história e, ao longo dos anos, sua frequente repetição deu origem a muitos detalhes improváveis, como a suposição de que os missionários adventistas estavam a bordo do mesmo navio que levou Borchard do Brasil ao outro lado do Atlântico. A data que os pesquisadores atribuem para a chegada do primeiro pacote com *Stimme der Wahrheit* varia de 1879 a 1884, mas, as melhores evidências apoiam a conclusão de que Dreefke começou a receber as publicações até 1880 (GREENLEAF, 2011, p. 25).

Por mais obscuros, estranhos e improváveis que esses fatos possam parecer, a verdade é que as publicações adventistas chegaram ao Brasil e encontraram pessoas que se interessaram por elas e seu conteúdo. De certa maneira, não é de se estranhar um encontro envolvendo missionários adventistas com Borchard, num ambiente portuário, pois como vimos, essa foi uma das práticas desenvolvidas pelos adventistas, quando as sociedades missionárias de tratados foram organizadas. Perde relevância garantir se todos os detalhes conferem com o que realmente aconteceu. O mais relevante, no entanto, é revisitar os resultados que essa literatura produziu e harmonizá-los com a convicção adventista de pregar através dos livros e revistas. White (s.d., p. 151) definiu muito bem o valor dos impressos para os adventistas:

Devemos tratar como sagrado tesouro cada linha de matéria impressa que contém a verdade presente. Todo fragmento de um folheto ou de uma revista deve ser considerado como de valor. Quem pode estimar a influência que uma página arrancada, contendo as verdades da mensagem do terceiro anjo, pode ter sobre o coração de algum pesquisador da verdade? [...] Cada página é um raio de luz do Céu a brilhar nos caminhos e sebes, iluminando a trilha da verdade. [...] A verdade de Deus, ao ser transmitida, multiplicar-se-á grandemente.

Os adventistas creem que, apesar dos acontecimentos de Brusque terem ocorrido há tantos anos, servem como fonte de confirmação do propósito estabelecido para as publicações

adventistas, declarados no primeiro capítulo deste trabalho. Eles acreditam que as afirmações de White (s.d.) a respeito das folhas soltas das publicações, descrevem aquilo que de fato aconteceu. As páginas da revista *Stimme der Wahrheit*, ao serem arrancadas por Hort, para embrulhar os produtos vendidos em sua mercearia, é interpretado por eles, como providência divina para difusão das verdades adventistas.

É válido registrar que Adolfo Hort, filho de Davi Hort, o dono da mercearia, onde as revistas chegaram, era apenas uma criança com uns nove anos, quando os pacotes de literatura chegaram ao comércio de seu pai. Ele foi testemunha ocular dos acontecimentos já narrados e veio a tornar-se adventista do sétimo dia, juntamente com a mãe, Anna Dorothea, após o falecimento de seu pai. Logo após o casamento com Emma Kräfft, o casal sentiu a necessidade de fortalecimento espiritual e procurou um pastor luterano para esclarecimento de certas dúvidas doutrinárias, especialmente, quanto à questão da guarda do sábado. Não ficando satisfeitos com as respostas do ministro, decidiram estudar sozinhos a Bíblia, mas sentiram-se isolados e desprezados em seus objetivos espirituais. Optaram por mudar para Blumenau e, pouco depois, foram batizados na Igreja Adventista. Depois de mudarem-se para Jaraguá do Sul, onde foram pioneiros da igreja nessa cidade, foram para Corupá e repetiram a ação de fundarem a primeira Igreja Adventista da cidade. Borges (2001), que registra esses acontecimentos, faz menção aos herdeiros da família Hort permanecendo fieis à fé adventista até os dias atuais. Adolfo Hort faleceu em 1944, firme nos princípios da mensagem adventista. De igual modo, os adventistas usam esse fato, como fonte motivacional para os colportores avançarem sempre com ânimo e não deixarem de realizar o trabalho, mesmo que não vejam pessoas convertidas imediatamente. De acordo com White (s.d.), muitos resultados da leitura dos livros adventistas serão conhecidos apenas no futuro, quando algum acontecimento especial, trazer à memória do leitor as porções anteriormente lidas. Esta tem sido a principal motivação dos colportores. O trabalho deles envolve distribuir os livros e revistas para milhares de pessoas na esperança de que as publicações, a seu tempo, iluminem a vida dessas pessoas e que elas cheguem ao conhecimento da salvação e se preparem a vida eterna.

Guilherme Belz, imigrante alemão residente nas proximidades de Brusque, teve contato com a literatura adventista, primeiramente através das folhas soltas de *Stimme der Wahrheit* que embrulhavam os produtos que comprava na mercearia de Hort e, depois, quando em visita à casa de seu irmão Carl, ao descobrir que ele possuía o livro *Gedanken über das Buch Daniel* (Pensamentos sobre o Livro de Daniel), uma tradução para o alemão, da obra de Uriah Smith, *Thoughts on Daniel*, que muito provavelmente teria chegado ao Brasil da forma como foi

mencionado por Meyers (s.d.). O capítulo sobre o sábado chamou sua atenção imediatamente. “Ao reconhecer a semelhança entre a leitura do livro e o que lera em *Stimme der Wahrheit*, pediu o livro emprestado, levou-o para casa e o estudou mais a fundo. Logo, ele e a esposa Johanna, aceitaram os ensinamentos adventistas. Eles são considerados os primeiros conversos a guardar o sábado no Brasil” (GREENLEAF, 2011, p. 25). Além de confirmar essa declaração, Meyers (s.d.) acrescenta a informação que eles começaram a guardar o sábado em 1890. A respeito desse momento inicial, Peverini (1988, p. 33) informou que “nenhuma das dez primeiras famílias em cujas mãos caíram as primeiras dez revistas abraçaram a fé adventista”⁴¹, embora outras famílias da vizinhança tenham chegado às mesmas conclusões que Belz. O casal Belz formou uma pequena comunidade de observadores do sábado, junto com as famílias Olm e Thrun. Logo enfrentaram a oposição dos luteranos da região de Brusque, o que os influenciou a mudar para Gaspar Alto (Borges 2001).

Deixemos os fatos de Brusque e Gaspar Alto congelados e nos adiantemos até ao tempo da chegada dos primeiros missionários adventistas no Brasil, a fim de verificarmos como esses acontecimentos irão se cruzar e como cooperaram para a realização dos primeiros batismos e o estabelecimento das primeiras igrejas adventistas no Brasil. Com raras exceções, os eventos que a seguir estão narrados, foram registrados a partir de relatos transmitidos pelos protagonistas da história, mas mesmo assim, podem ter sofrido alguma alteração na precisão de seus detalhes. Começemos com uma declaração de Greenleaf (2011) que procura estabelecer a razão da opção pela colportagem como método de inserção do adventismo no Brasil. Ele afirma que:

A colportagem era a maneira óbvia de os adventistas seguirem o conselho dado por Percy T. Magan, de trabalhar primeiro nas colônias de imigrantes. Os adventistas dos Estados Unidos publicavam relativamente pouco em outras línguas além do inglês. Entretanto como havia grandes grupos anglófonos na América do Sul, alguns vendedores de livros aventureiros decidiram tentar transformar esse território em alvos da literatura adventista. Os colportores não eram ordenados, nem recebiam salário, ou seja, sobreviviam a partir dos lucros obtidos em suas vendas (GREENLEAF, 2011, p. 29-30).

Apresenta-se aqui, um ponto de interessante contraste entre o método adotado pelos adventistas para prática de suas ações missionárias e aqueles utilizados pelos protestantes em missão, que sempre enviaram ministros para os eventos de inserção de sua confissão. Assim, está diante de nós, o tema a ser estudado neste trabalho, objeto principal da pesquisa que se

⁴¹ Ninguna de las diez primeras familias em cuyas manos cayeron las primeras diez revistas abrazô la fe adventista.

realiza. Excetuando-se os esforços feitos pelos protestantes em favor da distribuição de Bíblias, o que por si só e por diversas razões, não é possível comparar ao que caracteriza a colportagem adventista, parece não haver paralelos na história das missões e não haver outros eventos que se comparem ao que foi adotado pelos adventistas aqui na América do Sul e de forma especial no Brasil.

O primeiro registro da presença de colportores na América do Sul, se dá com a chegada de Albert B. Stauffer, Clair A. Nowlen e Elwin W. Snyder, à cidade de Montevideu, Uruguai, a 10 de dezembro de 1891. Chegaram com uns poucos dólares e algumas caixas de livros adventistas em inglês e alemão. Assim que avaliaram as condições de trabalho e perceberam as dificuldades que teriam que enfrentar, decidiram ir para Buenos Aires. Segundo Greenleaf (2011) a decisão da escolha desse destino havia sido do Comitê de Missões Estrangeiras, como adaptação de um outro plano, que previa a presença de mais colportores vindo para a América do Sul. Ao chegarem a Buenos Aires, Stauffer seguiu em direção ao norte argentino à procura das colônias de imigrantes alemães, enquanto Nowlen e Snyder permaneceram inicialmente na capital. Stauffer posteriormente retornou ao Uruguai, provavelmente no fim de 1892 (PEVERINI, 1988) e “por volta de 1893, se dirigiu para o norte, rumo às colônias alemãs do sul do Brasil. Com isso, foi o primeiro obreiro adventista a pisar nesse país” (GREENLEAF, 2011, p. 32). Quanto ao tempo exato da entrada de Stauffer no Brasil, Meyers (s.d.) é mais preciso ao afirmar que deu-se no mês de maio de 1893. Schünemann (2002) registra que Stauffer, a partir do Rio Grande do Sul, seguiu em busca das colônias de imigrantes alemães chegando a percorrer cidades nos Estados de São Paulo e Espírito Santo.

Embora não sejam encontrados os votos referente ao envio dos primeiros colportores para a América do Sul nas atas do Comitê de Missões Estrangeiras, foram localizadas algumas cartas escritas por esses missionários, publicadas na revista *Home Missionary*, que confirmam as informações mencionadas e ainda apresentam alguns detalhes adicionais da viagem, chegada e primeiras impressões da América do Sul:

Agindo com pressuposição de que as bases de nossos colportores vão se interessar em saber alguma coisa da nossa experiência na abertura do trabalho neste campo distante, aproveitamos a oportunidade para apresentar uma breve descrição do progresso do nosso trabalho até o momento presente. Deixamos Nova York em 31 de outubro e chegamos em Liverpool depois de uma travessia segura de sete dias. Os quatro dias de intervalo até a data da nossa viagem para a América do Sul, deu-nos a oportunidade para nos reunirmos com os irmãos em Londres e tomarmos as providências para acertar alguns assuntos como transferência de livros, etc. A viagem durou vinte e oito dias de Liverpool até a boca do rio La Plata, e nós desembarcamos em Montevideu,

na quinta-feira, 10 de dezembro de 1891 (SNYDER; NOWLEN, 1892, p. 91).⁴²

Em uma carta de E. W. Snyder, escrita a partir de Buenos Aires, ele diz: "Nós chegamos em Montevideú, quinta-feira, dia 10 de dezembro e paramos num lugar baixo que nos obrigava a olhar para cima. Nós descobrimos que, na cidade, havia apenas cerca de 400 pessoas que podiam falar e ler em inglês, e que não havia outras pessoas que poderíamos alcançar além dos alemães, dos quais há vários milhares. Decidimos que o melhor que tínhamos a fazer, era ir a Buenos Aires, onde temos 5.000 pessoas que falam inglês só na cidade e muitos outros mais na Província, além de vários milhares de alemães, escandinavos e franceses. A perspectiva aqui é bastante favorável no presente. Uma coisa que nos coloca em desvantagem é não saber falar o espanhol; temos que ter um intérprete em todos os lugares que vamos. De tudo o que podemos perceber até agora, o campo é bem favorável, quase que exclusivamente só para nós, pois como os livros aqui são vendidos apenas através de distribuidores, os preços ficam muito elevados. As provisões aqui são geralmente mais caras do que em casa, sendo a carne o único artigo mais barato. As coisas mais baratas que temos aqui são as tarifas de bonde, tarifas ferroviárias e selo postal. Sentimo-nos muito em casa ao ver as carruagens para passageiros que são feitas em Wilmington, Delaware, como quase tudo o mais que vemos aqui é de produção americana. As locomotivas vêm de Baldwin, Filadélfia. Estamos todos bem e com bom ânimo." Recordem-se que C. A. Nowlen é da Associação do Pacífico Norte e A. B. Stauffer da Associação da Pensilvânia, e eles estão em companhia do irmão Snyder (SNYDER, 1892, p. 46).⁴³

Chama-nos a atenção o fato de que a viagem de Nova Iorque para Montevideú tenha durado ao todo 39 dias, sendo 35 de navegação e quatro de espera. Os colportores, apesar de reconhecerem as dificuldades naturais, fazem questão de demonstrar ânimo e entusiasmo, pois a despeito de não falarem nada em espanhol, já haviam identificado um bom público de fala

⁴² Acting on the presumption that the rank and file of our canvassers will be interested to learn our experience in opening the work in this distant field, we take opportunity to give a brief outline of the progress of our work to the present time. Leaving New York City, October 31, we arrived, in Liverpool after a safe passage of seven days. The four days intervening until the sailing date of our steamer for South America, gave us an opportunity to meet with the brethren in London, and make arrangements for the shipment of books, etc. A voyage of twenty-eight 'days from Liverpool, brought us to the mouth of the La Plata, and we landed at Montevideo, Thursday, Dec. 10, 1891.

⁴³ In a letter from E. W. Snyder, written from Buenos Ayres, S. A., he says: "We landed in Montevideo, Thursday, December, 10, and gave the place a thorough looking over. We found there only about 400 English speaking and reading people, and there being no other people we could reach besides the Germans, of whom there are several thousand, we all voted that the best thing for us to do would be to go to Buenos Ayres, where we have 5,000 English-speaking people in the city and as many more in the province, besides several thousand Germans, Scandinavians, and French. The outlook here is quite favorable at present. One thing that puts us at a disadvantage is not knowing the Spanish here; we have to have an interpreter about everywhere we go. " From all that we can learn, the field is ours almost exclusively, as books are only sold through the dealers. Books come quite high here at present. "Provisions here are generally higher than at home, meat being the only article that is cheaper. The cheapest things we have here are tram fares, railway fares, and postage." It seems very much like home to see the passenger coaches which are made in Wilmington, Delaware, as nearly all we see here are. The locomotives come from the Baldwin Works of Philadelphia. We are all well and of good courage." It will be remembered that C. A. Nowlen, of the North Pacific Conference, and A. B. Stauffer, of the Pennsylvania Conference, were in company, Brother Snyder

inglesa e um grupo maior ainda de pessoas que falavam alemão, o que lhes alimentava a expectativa de boas vendas, uma vez que os preços dos livros na cidade eram bem caros. Percebe-se ainda, mesmo que discretamente, uma certa satisfação e até um orgulho disfarçado, ao identificarem a presença da indústria americana em quase todo cenário argentino.

É importante registrar um fato ocorrido em 1894, ano seguinte à entrada de Stauffer no Brasil. Sentindo a necessidade da presença de um pastor na Argentina, para batizar os recém conversos, Jorge Riffel, morador de Entre Rios, solicitou insistentemente à Associação Geral, que lhes fosse enviado um pastor adventista. A direção mundial da igreja decidiu atender aos apelos vindos dos irmãos argentinos, e tomou a decisão de enviar o Pastor Frank H. Westphal para a América do Sul, definindo que sua base inicial deveria ser na Argentina. Depois de descrever em detalhes o início de sua viagem, Westphal (1927, p. 10) escreveu: “Até agora, em nossa jornada tivemos a prazerosa companhia do irmão da Sra. Westphal e sua esposa, Sr. e Sra. W. H. Thurston, que tinham sido enviados para trabalhar no Brasil, como missionários de sustento próprio”.⁴⁴ A chegada de William H. Thurston marca um importante passo para o avanço da colportagem no Brasil, pois além de colportar para se manter, ele foi encarregado de abrir e cuidar de um depósito de livros na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de dar suporte e facilitar a vida dos colportores. Ele permaneceu sete anos aqui como missionário (SDA Encyclopedia, 1966). Aqui está mais um ponto do valor que os adventistas davam às publicações. Embora no Brasil não tivesse nenhuma igreja adventista e apenas um único colportor estivesse em atuação, um depósito de livros foi estabelecido para dar suporte a essa atividade. O mais interessante é que o salário do responsável pelo entreposto estava em caixas de livros que ele mesmo deveria vender, a fim de garantir seu sustento.

O Pastor Westphal e família viajaram para o Brasil em companhia do casal Thurston, sendo William, irmão de sua esposa Mary. Ele faz uma breve descrição da cidade do Rio de Janeiro em 1894:

A cidade do Rio de Janeiro tinha nesse tempo quase um milhão de habitantes. Entre eles, a febre amarela era muito comum, pois não era sabido que a doença é transmitida de uma pessoa para outra, a partir da picada de um certo tipo de mosquito. O irmão Thurston contraiu essa doença e ficou muito mal; mas finalmente ele se recuperou e foi um instrumento nas mãos do Senhor para abrir o nosso trabalho na república do Brasil (WESTPHAL, 1927, p. 11).⁴⁵

⁴⁴ Thus far on our journey we had enjoyed the company of Mrs. Westphal's brother and his wife, Mr. and Mrs. W. H. Thurston, who had been sent to labor as self-supporting missionaries in Brazil.

⁴⁵ The city of Rio de Janeiro had at time nearly a million inhabitants. Among them yellow fever was very common, for it was not then known that disease is carried from one person to another by the bites of a certain kind of

Esse registro, além de apresentar a população estimada do Rio de Janeiro com um milhão de habitantes, apresenta um grave problema de saúde pública, a febre amarela, que vitimou muitos missionários. Confirmando a descrição de Westphal (1927), Léonard (2002) afirma que a quantidade de ministros que vieram para o Brasil na última parte do século 19 foi considerável. “Mas as perdas que eles aqui sofreram pela fadiga, por moléstia e, especialmente, por febre amarela, foram muito grandes” (LÉONARD, 2002, p. 87).

Meyers (s.d., p. 22)⁴⁶ confirma as informações a respeito de Thurston e acrescenta alguns dados adicionais sobre o êxito que tiveram os colportores aqui no Brasil. Escreveu ele:

Em 1894, o irmão W. H. Thurston veio para o Rio de Janeiro com um caixote ou dois de livros e revistas, vindo dos Estados Unidos. Assim foi criada a primeira sociedade de tratados no Brasil. O irmão Thurston era seu secretário, bem como colportor. Mas sem conhecer a língua do país e tão pouco não possuindo literatura nessa língua, suas vendas foram tão escassas, que, por vezes, não podia sequer comprar comida suficiente para sua família. Até 10 anos depois, as vendas de literatura no Brasil não chegavam a 2 mil dólares por ano. Dez anos depois, as vendas eram dez vezes maiores, e hoje, outros dez anos mais tarde, as vendas são quase dez vezes maiores do que eram há dez anos.

Essa avaliação de Meyers (s.d.) parece compatível com a argumentação de Schünemann (2003) que o trabalho entre os alemães, por um lado apresentou um aspecto de solidez e segurança, por outro, modelou o crescimento para um ritmo lento e gradual.

Algumas informações adicionais são acrescentadas por Greenleaf (2011), que destaca o caráter de Thurston e demonstram o compromisso que os pioneiros tiveram com a missão, ao aceitarem vir para uma pátria estranha e não dispor, sequer, das condições mínimas para se empreender o trabalho que se requeria deles. Apesar disso, superando todos os entraves e barreiras, perseveraram. Esse autor escreveu:

Quando Frank e Mary Westphal partiram de Nova York para a Argentina em julho de 1894, o irmão de Mary e sua esposa, a família W. H. Thurston, os acompanharam com o propósito de começar a vender literatura denominacional no Rio de Janeiro. Esse acontecimento atendia apenas parcialmente os pedidos de Stauffer, pois Thurston era um obreiro de sustento

mosquito. Brother Thurston contract this disease and was very ill; but finally recovered, and he was the instrument in the Lord's hands of opening up our work in the republic of Brazil.

⁴⁶ En 1894 el hermano W. H. Thurston llegó a Rio de Janeiro con un cajón o dos de libros y revistas, procedente de los Estados Unidos. Así se creó nuestra primera sociedad de tratados en el Brasil. El hermano Thurston era su secretario, como también el colportor. Pero desconociendo la lengua del país y no poseyendo tan poco literatura en ese idioma, sus ventas fueron tan escasas que a veces no podían aun comprar el alimento suficiente para su familia. Hasta diez años más tarde las ventas de literatura en todo Brasil no alcanzaban \$2000 anualmente. Diez años más tarde las ventas fueron diez veces mayores, y hoy, otros diez años más tarde, las ventas son casi diez veces mayores de lo que fueran hace diez años.

próprio, não ordenado. Mais tarde, relatou numa assembleia da Associação Geral que, a princípio, os líderes da igreja o haviam chamado para ir ao Brasil, mas retiraram o apoio financeiro no último momento e o aconselharam a permanecer nos Estados Unidos. Se ele escolhesse ir de qualquer modo, seria por conta própria. Naquele instante, ele e a esposa já estavam de malas prontas e nada poderia detê-los. Por fim, a Associação Geral pagou a passagem do casal e, depois de alguns meses, votou a concessão de credencial missionária para eles. Contudo, no momento da partida, não tiveram nenhum apoio oficial (GRENLEAF, 2011, p. 33-34).

Outro episódio acontecido na cidade do Rio de Janeiro marcaria definitivamente a história da chegada do adventismo ao Brasil. Borges (2001, p. 74) relata que: “Elwin W. Snyder veio ao Brasil logo depois de Stauffer. Não há registros disponíveis para se obter os detalhes dessa viagem que Snyder empreendeu ao Rio de Janeiro, onde conheceu Albert Bachmeyer, jovem marinho alemão, que poucos meses antes havia aceitado a fé evangélica em Liverpool, na Inglaterra. Não há indicações de que Snyder tenha permanecido por muito tempo no Brasil e nem que tenha estado em outro lugar além do Rio de Janeiro. Mas, sua vinda foi providencial, pois por sua influência, Albert Bachmeyer aceitou a mensagem adventista e foi treinado por Snyder para ingressar na colportagem. Mesmo sem ser batizado, ele começou a colportar, primeiramente acompanhando Stauffer, provavelmente no Estado de São Paulo, para aprender o ofício. Mas “por volta de 1894, estava trabalhando em Santa Catarina. Foi ele quem descobriu as famílias que guardavam o sábado em Brusque e Gaspar Alto e que formariam posteriormente, o primeiro núcleo do adventismo no Brasil” (GREENLEAF, 2011, p. 33). Não foram deixados registros sobre a maneira como Bachmeyer encontrou a família Belz e as demais famílias que já estavam guardando o sábado. Mais uma vez, os adventistas destacam aquilo que White (s.d., p. 37) declarou ser o papel do colportor: “Lembre-se o colportor de que sua obra é evangélica em sua natureza e que Deus deseja que, os que por ele são visitados, sejam salvos. [...] São necessários colportores evangelistas para caçar e pescar almas”. Bachmeyer verdadeiramente cumpriu o que dele se esperava e o resultado desse encontro estabeleceu um fato de extrema relevância para os adventistas, pois esse grupo de alemães em Santa Catarina, viria a se tornar parte da primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia organizada no Brasil. Quando o colportor trabalha com o foco na salvação de almas, sua atividade cumpre seu mais alto desígnio. Os adventistas creem que este aspecto, é o ponto de maior peso na motivação para os colportores.

Os colportores, sempre que possível, apresentavam relatórios de seu trabalho, enviando comunicações para os órgãos oficiais da igreja nos Estados Unidos. A seguir, reproduziu-se parte de uma dessas notas enviadas por A. B. Stauffer:

RELATÓRIO DO BRASIL

Com o retorno do Irmão Snyder para a Argentina, foi deixado todo o trabalho desse país nos meus ombros. Eu me sinto impressionado para apresentar as necessidades desse campo, da forma mais completa possível, perante nossos irmãos e irmãs. Como nós estamos aqui em meio a risco de guerra e impedidos por policiais revoltosos, percebemos, como nunca antes, o fato de que estamos anos atrasados em dar a mensagem de advertência ao mundo; e o que nós deveríamos ter feito em tempos de paz e sob circunstâncias calmas e favoráveis, agora temos de fazer em tempos difíceis e com muito mais dificuldades. Quatro semanas atrás eu fui para o Rio de Janeiro com o propósito de receber a transferência de nossos livros, que nos tem sido enviados de Nova York, pelo navio a vapor "Wordsworth", devendo chegar a este porto dentre alguns dias; mas, devido a proibição imposta pela frota rebelde, de os navios não descarregarem suas cargas, eu fui incapaz de obter os livros; e, como consequência, estamos novamente muito atrasados em nossas entregas. Os Irmãos Halstein e Bachmeyer estão esperando ansiosamente pelos seus livros e aqui estou eu, sem poder chegar até eles. Nós suplicamos a todos os queridos filhos de Deus para virem em nosso auxílio com as suas orações, para que Deus abra o caminho para nós. Mas queridos irmãos e irmãs, não pensem que estamos sem coragem. Não, nós estamos grandemente encorajados. Como poderíamos estar diferentes, quando Deus nos dá tantas ricas e imerecidas bênçãos vindas de sua santa presença, a despeito de que temos entristecido seu Espírito por tanto tempo e pecado contra ele vezes sem conta? (STAUFFER, 1894, p. 4).⁴⁷

Pode-se destacar nesse relato de Stauffer alguns aspectos que demonstram a grande identificação dele com os propósitos mais elevados da colportagem. Há um senso de urgência em se pregar a mensagem, um forte indicativo do aspecto escatológico da teologia de missão adventista. Isto se reforça com o reconhecimento do “atraso” na proclamação. Ele estava lidando com uma crise portuária que retinha os livros dificultando o trabalho dele e de dois outros colportores, Bachmeyer e o irmão Halstein, um personagem desconhecido, sobre quem não há outras menções. Compreendendo a natureza espiritual de seu trabalho, ele pede orações e faz questão de afirmar que não está desanimado, embora reconheça que há dificuldades. Ele

⁴⁷ REPORT FROM BRAZIL

As Brother Snyder's return to Argentina leaves the work in this country on my shoulders. I feel impressed to bring the needs of this field more fully before our brethren and sisters. As we are here in the midst of the perils of war, and hindered by these political revolts, we realize as never before the fact that we are years behind in giving the warning message to the world; and what we might have done in time of peace and under quite favorable circumstances, we have now to do in troublous times and with much difficulty. Four weeks ago I came to Rio de Janeiro for the purpose of receiving and reshipping our books which have been sent us from New York by the steamship "Wordsworth", arriving in this port a few days later; but owing to vessels being prohibited by the rebel fleet from discharging their cargoes, I have been unable to get the books, and as a consequence we are again greatly delayed in our deliveries. Brethren Halstein and Bachmeyer are anxiously waiting for their books and here I am, and cannot get them. We beseech all God's dear children to come to our aid with their prayers, that God may open the way for us. But, dear brethren and sisters, do not think we are discouraged. No, we are greatly encouraged. How can we be otherwise, when God is giving us such rich yet undeserved blessings from his holy presence, seeing we have grieved his Spirit so long, and sinned against him times without number?

demonstra fé que as preces irão fortalecer e abrir o caminho, pois reconhece que as bênçãos de Deus são ricas e imerecidas. Os adventistas acreditam que esse componente de fé e confiança na providência divina, seja marcante no trabalho dos colportores, razão de seu êxito quando associado ao esforço humano (White, s.d.).

Quando pensamos na imensidão do Brasil e como esses homens, sem as facilidades de comunicação e transporte, obtiveram os resultados que hoje podem ser constatados, isso promove respeito e admiração por aquilo que empreenderam. White (s.d., p. 39) escreveu: “Nossos colportores devem ser evangelistas e ir de casa em casa, em lugares fora de mão, abrindo as Escrituras aos que encontrarem. Acharão os que estão ansiosos para aprender...”. Confiados nessas declarações e amparados por tais orientações, Stauffer, Bachmeyer e Thurston faziam o trabalho da colportagem, distribuindo literatura adventista aqui em território nacional. Pode ser que houvesse outros colportores, uma vez que Stauffer em seu relato para a Review, menciona um tal Halstein, acerca de quem nada se sabe. Por isso, não se contentavam em permanecer apenas nas grandes cidades. “A partir do Rio, Thurston foi para o interior e para o sul do país, enquanto Stauffer colportava nas colônias não portuguesas, vendendo livros em inglês, bem como obras em alemão que haviam sido impressas na Alemanha” (GREENLEAF, 2011, p. 34). Stauffer, ora acompanhado por Bachmeyer, ora sozinho, vendeu livros adventistas em várias cidades do Estado de São Paulo, como Indaiatuba, Rio Claro, Piracicaba; e o mesmo se deu no Espírito Santo, em Santa Maria do Jetibá, entre outras. Como ele sempre buscava as colônias de imigrantes alemães, vendeu em Piracicaba, um exemplar do livro *Der Grosse Kampf* (O Grande Conflito) na casa de uma família por sobrenome Krähenbühl. Um fator de grande satisfação para os colportores é perceberem-se agentes usados por Deus na grande obra de salvação de almas, por isso apreciam e muito, vender os livros com os grandes temas distintivos da mensagem adventista. Tal é o caso do livro O Grande Conflito, que trata de questões e temas escatológicos.

Quando o jovem Guilherme Stein Jr., logo depois de formado, mudou de Campinas para Piracicaba em 1893, a fim de trabalhar, foi morar na casa da família Krähenbühl, que era metodista. Stein começou a frequentar a igreja com eles e tornou-se ardoroso estudioso da Bíblia. Vendo o interesse dele em aprofundar seu conhecimento nas questões religiosas, Maria, filha da família que o hospedava e com quem Stein viria a se casar, contou-lhe que sua avó havia adquirido um livro de dois homens. O entusiasmo dele ao ler a obra de autoria de Ellen G. White foi tamanho, que ao encontrar no próprio livro o endereço postal do escritório da sociedade de tratados que ficava no Rio de Janeiro, solicitou mais literatura. Thurston, ao

perceber o interesse dele, enviou-lhe mais livros adventistas e, ao mesmo tempo, escreveu para o cunhado, Pastor Westphal, solicitando a vinda dele urgente para o Brasil, a fim de que pudesse conhecer pessoalmente o progresso missionário que estavam fazendo através da colportagem (BORGES, 2001).

O relato que transcrevemos a seguir, foi escrito pelo próprio Westphal (1927) e diz respeito à sua única visita ao Brasil. No prefácio da sua obra *Pioneering in the Neglected Continent* (Pionerismo no Continente Negligenciado), concluída logo após retornar para os Estados Unidos, depois de pouco mais de 30 anos de serviços prestados na América do Sul, Westphal (1927, p. 7)⁴⁸ escreveu:

Desde o meu retorno para os Estados Unidos, depois de trinta anos de trabalho missionário na América do Sul, muitos têm me questionado sobre os primórdios de nosso trabalho naquele continente. Eles estavam, até certo ponto, familiarizados com a história da Missão Indígena do Lago Tititaca e seus desdobramentos – um trabalho tão maravilhoso que se constitui num verdadeiro milagre das missões modernas – que tem se tornado muito mais amplamente conhecido do que o trabalho realizado por missões adventistas do sétimo dia entre os outros povos do Continente Negligenciado. Tive o privilégio de ser o primeiro ministro ordenado Adventista do Sétimo Dia a trabalhar na América do Sul; batizei os primeiros conversos, com a exceção de uns poucos batismos feitos de forma irregular; organizei as primeiras igrejas e testemunhei o estabelecimento e crescimento de nossa obra em várias partes do continente, desde o seu início e durante os anos que se seguiram. Esta narrativa não pretende ser uma história completa do nosso trabalho nesse campo, mas apenas um esboço das experiências pessoais e daquelas que chegaram ao meu conhecimento. Seu propósito é transmitir alguma noção da maneira pela qual Deus, por Suas providências, abriu o caminho diante dos Seus servos.

Vale acrescentar aqui um breve comentário sobre o título que Westphal (1927) deu à sua obra “*Pioneering in the Neglected Continent*”. Provavelmente Westphal não estivesse reproduzindo apenas uma convicção pessoal de suas observações como testemunha ocular das condições da evangelização neste continente, ou mesmo reagindo à postura adventista a essa região. A noção de que a América do Sul era uma área negligenciada está presente nas

⁴⁸ Since my return to the United States, after thirty years of missionary labors in South America, many have questioned me regarding the beginnings of our work in that continent. They were to some extent familiar with the story of Lake Tititaca Indian Mission and its off-shoots, for this - a work so wonderful as to constitute a veritable miracle of modern missions - has become much more widely known than the far more extensive work accomplished by Seventh-day Adventist missions amongst the other peoples of Neglected Continent. It was my privilege to be the first ordained Seventh-day Adventist minister to labor in South America; baptized the first converts, with the exception of a newly baptized irregularly; to organize the first churches; and to witness the establishment of our work in various parts of the continent, as also its growth during the ensuing years. This narrative is not intend to be a complete history of our work in that field, but merely a sketch of personal experiences and those that have fallen immediately under my notice. Its object is to convey some idea of the manner in which God has, by His providences, opened tne way before His servants.

descrições dos diversos autores que escreveram sobre o tema. Entre esses, mencionamos o que escreveu Piedra (2006, p. 17): “Durante esse tempo, a América Latina era conhecida em círculos religiosos protestantes, principalmente na Europa, como ‘o continente abandonado’. Esse termo identifica, por si só, o desinteresse que as grandes sociedades missionárias tinham mostrado pela América Latina”. Chama atenção a convicção de Westphal, de que todas as coisas que aconteceram eram resultado da providência divina.

Os acontecimentos que se seguem, foram descritos por Westphal (1927) e são alusivos à única visita que ele fez ao Brasil, em decorrência do apelo feito por seu cunhado Thurston e também pelo fato de o Brasil, a princípio, fazer parte de sua jurisdição ministerial, juntamente com Argentina, Uruguai e Paraguai. Essa imensa área de atuação, para a qual ele foi designado Superintendente, pela Associação Geral, recebeu a designação de Missão da Costa Leste da América do Sul. Depois dos primeiros seis meses de sua chegada à Argentina e após ter visitado o Uruguai, Westphal sentiu ser seu dever visitar nosso país. Ele embarcou para o Brasil em fevereiro de 1895, chegando no mês de abril, na cidade do Rio de Janeiro, onde se encontrou com Thurston, cujo trabalho, apresentava encorajadores resultados. Depois de alguns dias, Westphal seguiu em companhia de Stauffer, para o que ele chamou de “interior do Brasil” (WESTPHAL, 1927, p. 29), a fim de realizar o primeiro batismo adventista brasileiro. Eles foram em direção a Piracicaba, SP, onde residia Guilherme Stein Jr. Westphal não oferece muitos detalhes de como se deu essa viagem do Rio de Janeiro a Piracicaba, mas registra que tiveram que percorrer um trecho de 60 quilômetros a pé, sob um sol escaldante e utilizaram um trem para chegarem ao destino.

Quando finalmente chegaram a Piracicaba, Westphal afirma ter encontrado uma pessoa fiel e que já estava vivendo em harmonia com a mensagem adventista por algum tempo. Seu entusiasmo era tão expressivo, que já havia feito a tradução para o português do livro *Caminho a Cristo*, da autoria de Ellen G. White. A cerimônia batismal foi assim descrita por Westphal (1927, p. 29)⁴⁹:

Para o batismo, nós escolhemos um lugar onde havia uma pequena extensão de terra que se projetava para a água. Temendo que essa projeção pudesse ser funda, nós combinamos que o irmão Stauffer seguraria com uma das mãos um galho de árvore e com a outra mão seguraria meu casaco, enquanto eu cuidava do candidato. Dessa maneira, nós entramos na água e realizamos o batismo.

⁴⁹ For the baptism we chose a place where a little extension of land projected into the water. Fearing that this projection might cave in, we arranged that brother Stauffer hold with one hand a limb of tree and with the other hold me by coat, while I cared for the candidate. In this manner we entered the water and carried out the baptism.

Seis crentes mais foram batizados em Indaiatuba; ao que tudo parece indicar, eram membros da família Stein, pois residiam nessa cidade. Acerca de Stein, Borges (2001, p. 87), escreveu: “Stein Jr. desempenhou papel importante na Obra Adventista do Brasil como colportor, evangelista, professor, administrador, redator e editor”.

Na visão adventista, a colportagem deve ser levada a efeito através de livros que contenham as mensagens distintivas dos adventistas, evidente contraste com a colportagem feita somente com Bíblias, em geral uma ação interconfessional. Esse foi o caso do livro *Der Grosse Kampf*, que Stein leu e através do qual se despertou para o adventismo. Acerca dessa obra, sua autora, White (s.d., p. 127-28) escreveu: “O Grande Conflito deve alcançar ampla circulação. Ele contém a história do passado, do presente e do futuro. Em sua exposição das cenas finais da história desta Terra, dá ele um poderoso testemunho em favor da verdade”. E mais: “Aprecio o livro O Grande Conflito mais que prata ou ouro e desejo grandemente que vá perante o povo”. O fato de Stauffer estar colportando e vendendo esse livro, está em plena harmonia com que se esperava que a colportagem fizesse: “Devem os colportores ser encorajados a empenhar-se nesta obra, não para vender livros de história, mas para levar perante o mundo, os livros que contém a verdade essencial para este tempo” (WHITE, s.d., p. 122). E como resultado, não se poderia esperar nada diferente: “Nossas publicações estão agora semeando a semente do evangelho e são instrumentos em levar a Cristo tantas almas quantas a palavra pregada” (WHITE, s.d., p. 150).

De Piracicaba e Indaiatuba, o Pastor Westphal, dirigiu-se para Santa Catarina, provavelmente em companhia de Stauffer, onde iria encontrar o grupo dos primeiros guardadores do sábado no Brasil. Antes de chegar em Brusque, passou por Joinville, onde encontrou alguns guardadores do sábado e ali deixou uma Escola Sabatina⁵⁰ organizada com aproximadamente 30 pessoas. Então rumou para Brusque, a fim de encontrar-se com os primeiros conversos ao adventismo em nosso país. Em seu livro, Westphal (1927) descreve com riqueza de detalhes como se deu esse encontro, a começar pela visita que fez ao lar de Guilherme Belz, o primeiro entre os primeiros conversos. Este lhe contou que desde a infância, na Pomerânia, Alemanha, a sua atenção já havia sido chamada para a questão do sábado, através da leitura da Bíblia; mas, desmotivado por sua mãe e seu pastor, ele deixou o assunto de lado. Porém, ao encontrar o livro *Pensamentos sobre Daniel e Apocalipse*, em casa de seu irmão Carl,

⁵⁰ A Escola Sabatina é um programa regular da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que acontece geralmente antes dos cultos e é destinada ao estudo sistemático e dirigido da Bíblia, em pequenos grupos, divididos por faixa etária. Tem um caderno trimestral próprio e seu escopo, prevê também a motivação para os membros realizarem ações missionárias

a chama sobre a guarda do sábado novamente se acendeu em seu coração. E Belz continuou contando em minúcias a Westphal a decisão que ele tomou de confessar seus pecados a Deus e como fez a promessa de servir ao Senhor daquele dia em diante e de guardar fielmente o sábado. Em resposta, ele sentiu grande paz em seu coração. O Pastor Westphal encontrou outras pessoas e relata ter ouvido também a história e o testemunho de Augusto Olm e esposa. Estavam entre os primeiros guardadores do sábado, as famílias Belz, Olm e Thrun.

Escreveu Westphal (1927, p. 34)⁵¹: “Não menos maravilhosa é a história de como o grupo de crentes na cidade de Brusque havia surgido”. Então ele faz um resumo da narrativa que, provavelmente, ouviu daquela comunidade e que confirma os relatos que já foram inseridos neste trabalho, acerca de como as revistas *Stimme der Wahrheit* chegaram até eles. O significativo aqui está no fato desse relatório ter sido ouvido por Westphal, diretamente dos próprios protagonistas, que viveram a realidade do que se passou. Para reunir o grupo de crentes, organizar a igreja, ministrar a Santa Ceia, eles não conseguiram alugar nenhum imóvel, por conta das pressões dos outros grupos religiosos e tiveram que cancelar a reunião que já estava marcada para acontecer num sábado, pois o proprietário do imóvel que lhes havia alugado o salão e inclusive já recebido o aluguel, desistiu do negócio e devolveu o dinheiro. Por causa disso, fizeram as reuniões ao ar livre, às margens do rio Itajaí-Mirim. Westphal (1927, p. 36-37)⁵² escreveu:

Então, todos nós nos reunimos na hora marcada, na quinta-feira seguinte. O Senhor graciosamente velou o sol escaldante, com nuvens, protegendo-nos, assim, do calor excessivo, e tivemos um serviço abençoado. Oito conversos foram batizados nesse dia e quinze no outro domingo. E ali, às margens do rio, formamos o primeiro grupo organizado dos Adventistas do Sétimo Dia no Brasil, celebramos a cerimônia da humildade e a Ceia do Senhor.

Antes de registrar os eventos que marcaram a sua viagem de retorno para a Argentina, Westphal (1927, p. 37) declarou: “Nunca tive o privilégio de voltar a Brusque, mas dizem-me que novos membros foram adicionados rapidamente ao grupo de lá, e logo tornou-se uma igreja de duzentos membros”.⁵³ Dentre os conversos que foram batizados por Westphal, estava Albert

⁵¹ No less wonderful than this is the story oh how the company of believers in the city of Brusque itself was rise up.

⁵² So we all gathered there at the appointed hour, the next Thursday. The Lord graciously veiled the blazing sun with clouds, thus protecting us from excessive heat, and we had a blessed service. Eight converts were baptized, that day and fifteen the next Sunday. There on the banks of river we formed the first organized group of Seventh-day Adventists in Brazil, and celebrated the ordinance of humility and the Lord's Supper.

⁵³ It has never been my privilege to revisit Brusque, but I am told that new members were added rapidly to the company there, and it soon developed into a church of two hundred members.

Bachmeyer, o colporteur que saiu do Rio de Janeiro para encontrar as famílias guardadoras do sábado em Brusque. Seu nome consta do rol de membros, registrado no livro da igreja de Gaspar Alto (BORGES, 2001). Que alegria deve ter sido para eles receberem juntos, a confirmação de sua fé, pela experiência do batismo. De um lado, o colporteur que os encontrou, de outro lado as famílias que foram encontradas por ele. Ao se despedirem do Pastor Westphal, sem a certeza de um novo encontro, pode-se imaginar o sentimento daquela primeira comunidade de crentes adventistas e do pastor que os batizou.

Muito provavelmente, a segunda igreja organizada no Brasil, tenha sido na cidade do Rio de Janeiro, onde estava sediada a Sociedade de Tratados brasileira, que servia de entreposto de livros para abastecer os colportores. É bem provável que por ser o secretário da sociedade e também atuar como colporteur, essa congregação tenha surgido como resultado dos esforços de Thurston e sua esposa. Greenleaf (2011, p. 83) escreveu:

Poucos meses depois que essa primeira congregação se formou, Thurston calculava a existência de cinco Escolas Sabatinas, mas antes de 1895 terminar, Graf organizou uma outra igreja no Rio de Janeiro e uma terceira congregação em Santa Maria do Jetibá, parte do município de Leopoldina, Espírito Santo. Thurston, sempre interessado na distribuição de literatura, observou que novos conversos surgiam em lugares onde os colportores haviam vendido livros e revistas.

A observação de Thurston é impressionante e confirma a eficácia do método adventista adotado como estratégia de inserção do adventismo no país. Os conversos e as igrejas surgiam nos lugares onde passavam os colportores. Onde a literatura adventista era vendida, surgiam interessados na mensagem adventista e posteriormente aconteciam os batismos e se formavam as igrejas. Essa foi a ordem das coisas nos primeiros passos da Igreja Adventista no Brasil.

Como Stauffer estendeu suas viagens até o Estado do Espírito Santo, em busca das colônias alemãs, seria natural que os frutos de sua ação missionária também surgissem ali. Da mesma forma como em São Paulo, ele vendeu o livro *Der Grosse Kampf* na colônia alemã de Santa Maria do Jetibá, pertencente na época, ao município de Santa Leopoldina. A chegada da mensagem adventista a esse lugar através do colporteur Stauffer, resultou na realização de um batismo oficializado no dia 14 de dezembro de 1895, pelo Pastor Huldreich F. Graf, que havia sido comissionado pela Associação Geral para atender as necessidades do campo brasileiro, ficando o Pastor Westphal liberado desse encargo, razão pela qual ele não necessitou mais retornar ao Brasil. Foram batizadas 23 pessoas, membros das famílias Denz, Storch, Radünz, Grünevald e Völz. Nesse mesmo dia, foi organizada a Igreja Adventista do Sétimo Dia de Santa

Maria do Jetibá (BORGES, 2001; PEVERINI, 1988), sendo esta a terceira congregação em nosso país, igualmente fruto direto do trabalho de um colportor.

Meyers (s.d., p. 13) menciona outros colportores que pisaram em solo brasileiro e que chegaram aqui ainda antes do fim do século 19: “Entre esses estão também os irmãos, A. J. e L. F. Berger, que chegaram ao Brasil em julho de 1895 e, trabalharam anos e anos em meio a constantes dificuldades e contratempos, em muitas partes deste vasto campo”.⁵⁴ Deve-se a esses dois irmãos colportores, Alberto e Frederico Berger, o início do trabalho adventista entre os alemães residentes em Alto Jacinto, região de Teófilo Otoni, Minas Gerais, onde foi organizada a quarta Igreja Adventista do Brasil. Ao chegarem ao Brasil depois de passarem por colônias alemãs de Santa Catarina e do Espírito Santo, decidiram ir para Minas Gerais. Relata Borges (2001) que eles começaram suas atividades visitando a família de Eduard Thomas, na região do Alto Jacinto onde chegaram à sua propriedade e o encontraram na lavoura de café. Os dois colportores, sem pestanejar, arregaçaram as mangas, pegaram no cabo da enxada e ajudaram Thomas nos trabalhos da roça. Isso conquistou-lhe a simpatia e garantiu aos colportores um convite para tomarem uma refeição e pernoitarem. Quando lhes perguntou sobre a razão da visita, disseram que estavam vendendo um livro religioso e apresentaram *Gedanken Über das Buch*, a mesma obra lida por Guilherme Belz, em Santa Catarina.

Thomas não somente adquiriu a obra, mas pediu que eles ficassem ali mais alguns dias para que ele e sua família pudessem conhecer mais daquelas mensagens. Depois, com seu apoio, os dois colportores venderam muitos livros para os vizinhos e não demorou para que surgissem os primeiros interessados nos ensinamentos adventistas, dentre as famílias Doehler, Braun, Hirle, Schultz, Krüpfer e Claus, em casa de quem passaram a se reunir. Escreveu Borges (2001, p. 103) que “além de corações suscetíveis à mensagem, Frederico e Alberto encontraram algo mais: as irmãs Amanda e Leslie Claus, com quem se casaram”. Em pouco tempo já havia um grupo preparado para o batismo, que a despeito de ameaças que haviam sido feitas, foi realizado no Rio Jacinto. Trinta pessoas foram batizadas e dois dos seis jagunços que haviam sido contratados para ameaçar os batizando, aceitaram o apelo para se prepararem para o próximo batismo. Há indícios de que o Pastor Frederik W. Spies, que havia chegado ao Brasil para dividir os encargos da obra pastoral no campo brasileiro com Graf, tenha realizado essa cerimônia batismal. Segundo o livro de atas da congregação local, a igreja foi organizada em

⁵⁴ Están también A. J. e L. F. Berger, quienes llegaron al Brasil en julio de 1895, y trabajaron en medio de constantes dificultades y contratempos, años y años en la obra en muchas partes de ese campo tan vasto.

1899. De São Jacinto a mensagem adventista foi levada para Liberdade (hoje Laginha) e posteriormente para a sede do município de Teófilo Otoni.

Greenleaf (2011, p. 38) fez um comentário sobre a natureza do trabalho do colportor, confirmando que a sua mobilidade foi e é uma vantagem sobre a ação de outros missionários: “Os vendedores de livros eram meio nômades, sempre em busca de novos mercados em novas terras. Muitos novos conversos se uniram à obra da colportagem”. Numa extensão de terra tão imensa como o Brasil, que outra opção uma igreja nascente poderia utilizar para fazer-se inserir e implantar sua mensagem e assim cumprir a missão, quando dispunha de tão poucos recursos financeiros e humanos? Todavia, só o trabalho dos colportores não teria sido suficiente para garantir a estabilização das congregações implantadas, pela mesma razão que dá à colportagem a vantagem de avançar rapidamente – a mobilidade. Ao irem de lugar em lugar, não poderiam cuidar dos novos conversos; então, a igreja, para crescer forte, necessitava de outros missionários, como os pastores, que pudessem permanecer junto dessas pessoas, a fim de cuidar e guiar o grupo de novos crentes. Ao comparar a atuação de pastores e colportores, o mesmo autor, escreveu:

Uma vez que os pastores tinham condições financeiras de se dedicar em tempo integral à liderança de todos os aspectos do trabalho da igreja, o escopo da atuação adventista foi ampliado. Os colportores foram os primeiros a sentir essa expansão. Muitas vezes, com ministros ordenados a seu lado, continuaram com mais vigor do que nunca, a espalhar seus livros e revistas. Logo após sua chegada, os pastores começaram a juntar os membros de várias regiões em reuniões gerais, nas quais promoviam educação, obra médica, produção e venda de literatura, reavivamento e evangelismo. Os ministros carregavam responsabilidades maiores que os colportores, não só por serem mais talentosos, mas também em razão das exigências daquela etapa do crescimento da igreja (GREENLEAF, 2011, p. 38).

Percebe-se desse testemunho que, quando pastores e colportores se unem na realização do trabalho, a igreja avança com mais segurança. Essa unidade é muito importante a partir da compreensão do papel que cabe a cada um exercer.

Fazendo um balanço do avanço adventista no Brasil, Meyers (s.d.) apresentou uma declaração, sobre o significado do trabalho que foi realizado pelos primeiros colportores e pelos pastores:

Raramente em nossa história, o trabalho da venda de um primeiro livro proporcionou colheita tão rápida. [...] Pastores andaram no caminho traçado pelos colportores e experimentaram as mesmas dificuldades. Só em parte podem ser conhecidas quão amargas foram as primeiras realizações daquela época, uma vez que os mensageiros isolados, trabalhando em lugares afastados uns dos outros, dificilmente poderiam inteirar-se do progresso

realizado ou apreciar o significado dos avanços. Ao analisar o conjunto dos fatos e ao contemplar o edifício que foi construído sobre esses fundamentos ocultos, só podemos exclamar: "Não há dúvida de que Deus governou as coisas" (SPICER, s.d., apud, MEYERS, s.d., p. 6-7).⁵⁵

Mais uma vez aparece o testemunho convicto de que os adventistas acreditam firmemente que os eventos de inserção da Igreja Adventista no Brasil, foram resultado da ação de homens valorosos, sob o governo divino.

Greenleaf (2011, p. 55) faz um interessante resumo do avanço adventista no final da década de 1890, citando o crescimento institucional:

Os adventistas do sétimo dia já haviam estabelecido uma diversidade de escolas, instituições de saúde, casas publicadoras e outras organizações que se espalhavam pelos territórios entre os oceanos Atlântico e Pacífico. Os pastores adventistas não eram principiantes na institucionalização das várias etapas de seu trabalho. No entanto, após chegar à América do Sul, concentraram sua atenção em reforçar a obra realizada pelas vendas de literatura por meio do evangelismo direto, fazendo palestras doutrinárias intensivas que duravam desde poucos dias até várias semanas.

Todo crescimento institucional baseou-se no alicerce estabelecido pelos colportores. Os pastores reconheceram o valor do poder dessa sementeira e fortaleceram o trabalho que eles realizaram, a princípio sozinhos e, depois, apoiados por eles. Até que outros métodos de evangelização fossem utilizados, os pastores continuaram incentivando os colportores a avançar para novas áreas, enquanto eles iam batizando os novos conversos, organizando as igrejas e cuidando dos membros.

Foi muito importante que, dentre os alcançados pelos colportores, estivessem homens e mulheres de brilhante intelecto que puderam contribuir para o fortalecimento da igreja que estava nascendo no Brasil. Tal foi caso de Albert Bachmeyer, que logo tornou-se o primeiro colportor recrutado no Brasil, através de quem, as famílias guardadoras do sábado em Santa Catarina foram encontradas; da mesma forma, Guilherme Stein Jr., que se tornaria um baluarte na Igreja Adventista. Quando pastores e colportores compreendem com clareza seu papel e lugar na igreja e na missão, a igreja é fortalecida. White (s.d., p. 58-59) escreveu: "Os colportores devem ser impressionados com o fato de que a colportagem é exatamente a obra que o Senhor deseja que eles façam". Quando os papéis são confundidos e o colportor passa a

⁵⁵ Pocas veces en nuestra en nuestra historia, la obra de la venta del primer libro ha dado tan rápida cosecha y los pastores anduvieron en la senda trazada por los colportores y experimentaron las mismas penurias. Solo en parte puede apreciarse lo amargas que serian esas primeras incidencias en aquella época, siendo que los aislados mensajeros, que trabajaban en lugares muy apartados unos de otros, difícilmente podían enterarse del progreso hecho o apreciar el significado de tales principios. Al reconsiderar los hechos en conjunto y contemplar al edificio que se há levantado sobre esos ocultos cimientos, exclamamos: "No hay duda de que Dios regía las cosas".

desempenhar tarefas pastorais em detrimento de sua atividade, a missão fica comprometida. Ou quando um pastor deseja que o colportor deixe seus encargos para assumir responsabilidades próprias do pastorado, há um desvio de propósitos e o resultado final é muito diminuído, quando não anulado. O colportor deve apoiar o trabalho pastoral e o pastor deve motivar o colportor a realizar plenamente seu trabalho. E para ter sucesso em sua atividade, o colportor precisa se lembrar constantemente que, antes de mais nada, ele é alguém que necessita manter uma perspectiva espiritual da tarefa que realiza e, por isso, deve se colocar continuamente nas mãos de Deus, buscando a direção e as bênçãos divinas. Por isso White (s.d., p. 47) escreveu sobre a necessidade do colportor entregar-se a Deus: “Os que se empenham na obra da colportagem devem primeiro dar-se a Deus completamente e sem reservas”. Os adventistas acreditam que é essa visão espiritual que confere força ao colportor e poder à colportagem.

Já no ano seguinte à realização dos primeiros batismos e fundação das primeiras igrejas, foi aberta a primeira escola adventista na cidade de Curitiba, chamada de Escola Internacional, sendo Guilherme Stein Jr., o primeiro adventista batizado no Brasil, escolhido para ser o diretor. A princípio, as classes eram todas ministradas em alemão. Quando a escola abriu as portas em julho de 1896, apenas oito alunos se matricularam. Mas, em fevereiro de 1897, esse número subiu para 100, sendo que desses, apenas 12 brasileiros tinham aulas em português. Logo, uma Igreja Adventista foi organizada na cidade de Curitiba. Ainda em 1897, no dia 15 de outubro, a liderança da comunidade adventista de Gaspar Alto, decidiu abrir a Escola Paroquial de Gaspar Alto. Guilherme Stein Jr. que estava em Curitiba, foi convidado a tornar-se seu primeiro professor (BORGES, 2001). Em 1900 já havia um dormitório com capacidade para hospedar até 40 estudantes internos. Com isso, a Igreja Adventista estava inaugurando no Brasil, uma marca que perdura até hoje – as escolas com internato misto, para moças e rapazes. “A Escola Missionária de Gaspar Alto, foi transferida para Taquari, RS, em agosto de 1903, tendo como diretor o professor Emílio Schenk. Posteriormente, foi novamente transferida, para São Paulo, por sua melhor localização” (BORGES, 2001, p. 191). Alguns anos separaram a transferência de Taquari para São Paulo e, quando isso aconteceu em 1915, surgiu o Colégio Adventista Brasileiro, precursor do UNASP – Centro Universitário Adventista de São Paulo, hoje uma instituição centenária, tri *campi*, com mais de 17 mil alunos.

A história da obra de publicações no Brasil, não poderia ficar restrita aos feitos dos colportores; era mister que outros frutos aparecessem. Sentia-se a falta das publicações em língua portuguesa e estas deveriam começar a ser produzidas a qualquer momento. Rememorando esse início, Lessa (2000b, p. 29) escreveu:

A semente da literatura de colportagem em nosso país foi o modesto periódico *O Arauto da Verdade*, marco inicial de toda publicação adventista feita em nossa língua. Destinava-se “à disseminação das novas de salvação, à explicitação dos sinais dos tempos e à elucidação dos mais importantes factos e incandescentes questões da atualidade” (subtítulo da revista). William Henry Thurston, missionário americano que havia chegado ao Brasil em 1894, e aqui permaneceu até 1901, acalentava no coração essa pequena semente, ao afirmar, em 1899: “Não temos nem folhetos nem periódicos em português; de fato nada, para entregar para o povo ler. E eles têm medo da Bíblia”.

Guilherme Stein Jr, que já havia traduzido para o português o livro *Caminho a Cristo*, da autora Ellen G. White, a essa altura, já estava trabalhando no preparo dos artigos do primeiro número de *O Arauto da Verdade*. As preocupações naturais de Thurston, gerente da Sociedade de Tratados brasileira, era evidente, pois os recursos eram escassos. Mas os obstáculos foram superados e foi impressa finalmente a primeira edição, em julho de 1900, na Typographia e Lytographia Almeida Marques & Cia., localizada na Travessa do Ouvidor, número 33, na cidade do Rio de Janeiro (LESSA, 2000b, p. 30). O mesmo autor acrescenta que “a revista tinha 16 páginas e era vendida por 500 réis.” (LESSA, 2000b, p. 30). Para cuidar do *Arauto*, foi chamado Guilherme Stein Jr., como seu editor e que era versado em português, inglês e alemão. Um pouco antes disso, perto de um ano talvez, “chegaram ao Brasil três pequenos livros traduzidos do inglês para o português: *Passos a Cristo*, *Cartilha Evangélica* e *Lições da Bíblia* para a Escola Sabatina, além de alguns folhetos. A tradução deixava muito a desejar [...] mas foi um passo a mais na evangelização de nosso país” (LESSA, 2000b, p. 31).

“O trabalho de redação, revisão e tradução era todo feito por Guilherme Stein Jr. O departamento de redação funcionava na residência de William Henry Thurston” (LESSA, 2000a, p. 36). Dessa maneira, com o lançamento de *O Arauto da Verdade*, foi criada oficialmente “a Sociedade Internacional de Tratados no Brasil, embrião da Casa Publicadora Brasileira” (LESSA, 2000a, p. 36-37), hoje com 115 anos de existência e considerada a maior editora adventista do mundo. E assim, mais uma vez, os adventistas creem que a palavra pronunciada por Ellen G. White a seu marido James, foi plenamente cumprida: “... alcançará bom êxito desde o princípio” (WHITE, s.d., p. 1). Novamente a casa de Thurston, que já servia como entreposto da literatura adventista vendida pelos colportores no Brasil, passa a sediar a base da produção das publicações adventistas em língua portuguesa. Posteriormente, em 1904, a editora mudou-se para Taquari, no Rio Grande do Sul, onde passou a imprimir em seu primeiro prelo próprio. Em 1907, mais uma mudança para Santo André, na grande São Paulo, permanecendo aí até 1983. Desde então, está na cidade de Tatuí, interior de São Paulo.

Como proposto na delimitação, com a publicação da primeira revista em português, em julho de 1900, encerra-se o período coberto por este trabalho. A verdade completa com todos os seus riscos, reveses e conquistas jamais será plenamente conhecida, seja pela exiguidade dos relatos originais, seja pelos conteúdos disponíveis nessas fontes. Todavia, os registros que se encontram à disposição, são mais do que suficientes para comprovar que a Igreja Adventista do Sétimo Dia, apostou, com ousadia, num método não convencional, a colportagem, diferente da estratégia utilizada pelo protestantismo de missão, que serviu-se de um corpo ministerial, com preparo acadêmico, formados em teologia e mantidos pela igreja de sua respectiva confissão para cumprir os propósitos missionais. Os resultados atestam que a estratégia adventista funcionou.

Mesmo a colportagem não sendo “invenção” adventista, como ficou demonstrado no primeiro capítulo deste trabalho, os adventistas criaram algumas referências para garantir o sucesso desse método, em grande parte, recebidas de Ellen G. White, pioneira, mensageira e escritora da Igreja Adventista desde seus primórdios. Seu discurso e texto eram compatíveis com sua origem humilde e simples e foi recebido por gente assim também. Graças às suas orientações, foi estabelecido um perfil para o colportor e os objetivos da colportagem foram claramente definidos, cujas características são até hoje preservadas. Os colportores, por sua vez, geralmente oriundos das camadas mais simples da igreja, apresentam plena identificação com o discurso whiteano. Os adventistas estão certos de que, todas as vezes que esse conjunto de informações for seguido será acompanhado de êxito, tanto em vendas, como em pessoas agregadas à igreja. Por mais absurdo que possa parecer, por mais estranho à qualquer lógica humana, por mais irrazoável que as circunstâncias indicassem, uma igreja de origem norte-americana e expressão inglesa, inseriu-se em um país de fala portuguesa, utilizando-se de literatura e pessoas de fala germânica. Isso não aconteceu por acaso. O sucesso da experiência norte-americana entre imigrantes proveu uma base consistente para motivar a repetição dessa ação em outros lugares. Por mais estranho que assim tenha acontecido, foi exatamente essa conjunção que garantiu o êxito da inserção adventista no Brasil.

Como destaques deste terceiro capítulo, mencionamos os seguintes fatos: **1)** o primeiro esforço para inaugurar a presença dos evangélicos no Brasil, veio da *American Board of Commissioners for Foreign Mission*, em 1810, considerado o ponto de partida do protestantismo no país; **2)** Em função da imigração alemã, os luteranos são os primeiros evangélicos a chegar ao Brasil, instalando-se numa comunidade em Nova Friburgo, no ano de 1824; **3)** Os significativos esforços do Rev. Daniel P. Kidder (1847) resultaram na difusão de Bíblias e do Rev. Robert R. Kalley (1855) resultaram na organização da primeira igreja

evangélica do Brasil e do primeiro batismo; **4)** depois vieram os presbiterianos (1859), que ordenaram o primeiro pastor brasileiro, os batistas (1881), os metodistas (1886) e, por fim, os episcopais (1898); **5)** a imigração de origem germânica trouxe para o Brasil quase 300 mil alemães, que fundaram comunidades e lhes permitiram preservar sua identidade, inclusive a religião; **6)** o perfil desses colonos, era de gente mais simples e humilde, muito semelhante ao que aconteceu entre os alemães que emigraram para os Estados Unidos, em cujo meio o adventismo foi muito bem recebido; **7)** a mensagem adventista com sua proposta de resgatar verdades antigas e apresentar algumas novas verdades bíblicas, encontrou identificação entre luteranos, de formação pietista; **8)** a literatura e os colportores adventistas precederam a chegada dos pastores no Brasil; **9)** o trabalho dos colportores foi realizado em colônias de imigração germânica com literatura produzida em alemão; **10)** o primeiro colportor a chegar ao Brasil foi A. B. Stauffer, em maio de 1893; **11)** os primeiros batismos e as primeiras igrejas organizadas, aconteceram em 1895, como fruto direto do trabalho dos colportores; **12)** uma escola adventista foi aberta um ano depois, em 1896, na cidade de Curitiba e, em julho de 1900, foi publicado o primeiro periódico adventista em língua portuguesa.

A considerar a lentidão dos primeiros frutos, em nada diferente de quase todos protestantes de missão, exceção feita aos presbiterianos, que tiveram expressivo crescimento logo após sua entrada no país, ainda no século 19, o empreendimento adventista só pôde ser considerado plenamente vitorioso, décadas mais tarde, quando sua expansão alcançou números mais elevados do que muitos ramos do protestantismo brasileiro. A Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, tem hoje o maior contingente de membros em todo mundo (Adventist Archives). As características da sua colportagem garantiram grande parte deste resultado. A igreja deve muito aos colportores, pois sendo comparados a um ministro ordenado em seu valor institucional, com dedicação exclusiva, mas de sustento próprio, esses pioneiros, sozinhos e muitas vezes isolados, mantiveram o foco de suas ações não somente na venda das publicações, mas acima de tudo, no bem estar espiritual das pessoas com quem entraram em contato. Venderam os livros com as mensagens distintivas de sua confissão e fizeram a grande diferença por meio das publicações que garantiram a inserção da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relevante papel das publicações e dos colportores na inserção do adventismo no Brasil, pôde ser demonstrado ao logo deste trabalho, a começar pelos primórdios, quando o grupo de sabatistas, saídos do Grande Desapontamento, decidiram escrever e publicar. A despeito da falta de recursos e das dificuldades superarem as oportunidades, eles perseveraram nesse intento. Antes de prosseguirmos na apresentação das considerações finais, reunimos aqui, os pontos de destaque apresentados ao final de cada capítulo.

Ao encerrar-se o capítulo primeiro, foram destacados os seguintes pontos: **1)** os benefícios do invento da imprensa produziram um reavivamento da pregação da palavra e introduziram um significado especial da palavra escrita para o protestantismo; **2)** baseados na experiência que haviam testemunhado no movimento *millerita*, os adventistas sabatistas decidiram escrever e publicar desde seus primórdios; **3)** em 1849 lançaram seu primeiro periódico e em 1850, lançaram a revista, *Second Advent Review and Sabbath Herald*, até hoje o órgão oficial dos adventistas do sétimo dia; **4)** em 1851 publicaram o primeiro livro de Ellen G. White e no ano seguinte, em 1852, adquiriram o primeiro prelo manual; em 1855, mudaram para um prédio próprio em Battle Creek, Michigan, onde, em 1860, organizaram a Associação Adventista de Publicações, primeira entidade legalmente constituída da denominação; **5)** os adventistas não se veem como inventores, mas como continuadores daqueles que eles acreditam ter sido os originadores da colportagem, os valdenses. Assim como a colportagem foi utilizada pelo movimento da Reforma, chegou também como herança evangélica para os adventistas; **6)** logo após a organização da editora, sociedades missionárias foram fundadas e tornaram-se especializadas na distribuição de literatura, com variedade de métodos; **7)** a colportagem foi descoberta pelos adventistas em 1880 e rapidamente tornou-se num meio eficaz de comunicação da mensagem adventista; **8)** Ellen G. White fez declarações impressionantes sobre o papel das publicações, da colportagem e do colportor, que até hoje sustentam filosoficamente essa área de atuação da igreja.

No encerramento do segundo capítulo, os destaques foram: **1)** a teologia de missão adventista foi estruturada sobre dois pilares, um escatológico, com a afirmação da validade da fé no segundo advento de Cristo e, outro, por assumirem o papel de resgatadores de certas verdades bíblicas, em especial a guarda do sábado; **2)** os efeitos do Segundo Despertamento e do iluminismo como fatores para impulsionar o avanço missionário mundial; **3)** a combinação dos conceitos Destino Manifesto e colonialismo, como elementos determinantes na expansão

missionária; **4)** a influência da Doutrina Monroe e o papel assumido pelos Estados Unidos em expandir um protestantismo norte-americano como modelo desejável para os demais países do continente americano; **5)** a Igreja Adventista seguiu numa trajetória progressiva, desde uma postura antimissão, até atingir o seu amadurecimento para assumir plenamente responsabilidades missionárias amplas; **6)** em 1868, com o avanço dos adventistas rumo ao oeste norte-americano, a igreja estabeleceu um padrão que serviria de base estrutural para futuras ações de missão – abertura de uma casa editora, de um sanatório e de uma escola; **7)** o ano de 1874 marca o envio do primeiro missionário adventista para fora da América e a abertura da primeira escola adventista dentro dos Estados Unidos; **8)** em 1888, com a assembleia da Associação Geral de Minneapolis, os adventistas se cristianizaram completamente ao aceitarem que a salvação decorre da graça de Cristo e não da obediência aos mandamentos e, em consequência disso, dão o último passo que faltava para assumirem plenamente sua responsabilidade na expansão missionária mundial; **9)** em 1889 foi criado o Comitê de Missões Estrangeiras para gerir as questões das missões mundiais e a Associação Geral aprova uma viagem de dois anos, para Haskel e Magan fazerem um mapeamento do campo missionário mundial. A América do Sul não constou desse roteiro.

E, finalmente, no fechamento do terceiro capítulo, foram apontados os seguintes fatos relevantes: **1)** o primeiro esforço para inaugurar a presença dos evangélicos no Brasil, veio da *American Board of Commissioners for Foreign Mission*, em 1810, considerado o ponto de partida do protestantismo no país; **2)** em função da imigração alemã, os luteranos são os primeiros a se instalar numa comunidade em Nova Friburgo, no ano de 1824; **3)** os significativos esforços do Rev. Daniel P. Kidder (1847) resultaram na difusão de Bíblias e do Rev. Robert R. Kalley (1855) resultam na organização da primeira igreja evangélica do Brasil e do primeiro batismo; **4)** depois vieram os presbiterianos (1859), que ordenaram o primeiro pastor brasileiro, os batistas (1881), os metodistas (1886) e, por fim, os episcopais (1898); **5)** a imigração de origem germânica trouxe para o Brasil quase 300 mil alemães que fundaram comunidades e lhes permitiram preservar sua identidade, inclusive a religião; **6)** o perfil desses colonos, era de gente mais simples e humilde, muito semelhante ao que aconteceu entre os alemães que emigraram para os Estados Unidos, em cujo meio o adventismo foi muito bem recebido; **7)** a mensagem adventista com sua proposta de resgatar verdades antigas e apresentar novas verdades bíblicas, encontrou identificação entre alguns luteranos, de formação pietista; **8)** a literatura e os colportores adventistas precederam a chegada dos pastores no Brasil; **9)** o trabalho dos colportores foi realizado em colônias de imigração germânica com literatura

produzida em alemão; **10)** o primeiro colportor a chegar ao Brasil foi A. B. Stauffer, em maio de 1893; **11)** os primeiros batismos e as primeiras igrejas organizadas, aconteceram em 1895, como fruto direto do trabalho dos colportores; **12)** uma escola adventista foi aberta um ano depois, em 1896, na cidade de Curitiba e, em julho de 1900, foi publicado o primeiro periódico adventista em língua portuguesa.

De um começo tímido e pequeno, os adventistas sabatistas foram se fortalecendo a cada dia, sempre insistindo em escrever e publicar. Foi a férrea vontade de juntar os dispersos e desalentados e a confiança que possuíam no desígnio divino para todos aqueles acontecimentos, que os sustentou para seguirem em frente e não desistirem. Sua determinação e chamado para resgatar e anunciar as verdades eternas, como eles assim se percebiam, permitiu que chegassem ao ponto de terem seu próprio prelo, precursor da primeira entidade que seria formalmente organizada entre os adventistas – a Associação Adventista de Publicações. Foi dessa maneira que o trabalho das publicações conduziu os pioneiros a legalizarem a editora, adotarem um nome oficial e, em seguida, organizarem formalmente a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Assim que estavam organizados, surgiram as Sociedades Missionárias de Tratados, repercutindo o fervor protestante da segunda metade do século 19. Essas sociedades se reuniam para orar e fazer visitas, mas especialmente para distribuir publicações. Essas atividades conduziram-nos a diversos lugares, dentro e fora dos Estados Unidos, inclusive às grandes cidades norte-americanas. Muito provavelmente, foi uma dessas sociedades que enviou literatura para o Brasil através de um endereço que obtiveram, num ambiente portuário. Aqui está, possivelmente, uma das ligações dessas sociedades com a entrada do adventismo no Brasil. A outra evidência, está no fato de que as primeiras literaturas enviadas para o Brasil, devem ter sido financiadas por uma dessas sociedades.

Durante esse processo, os adventistas estavam amadurecendo a sua convicção e condição de se tornarem verdadeiramente um povo comprometido com a pregação do evangelho. Tiveram que passar por um abalo interno, a assembleia geral de 1888 em Minneapolis, antes de finalmente se cristianizarem completamente e, assim, finalizarem o ciclo de amadurecimento para ir a todas as partes e não somente a países de origem protestante ou católica. Com tantos desafios pela frente e sendo ainda uma igreja pequena e com recursos limitados, os adventistas enviaram dois representantes, para mapearem os possíveis campos de missão mundial. A América do Sul não foi incluída nesse projeto. De alguma maneira o conceito de “continente negligenciado” os havia afetado.

Não demorou muito para que a colportagem fosse adotada como um dos meios mais eficazes para se apresentar a mensagem de salvação. E nesse contexto, ocorre o início das atividades no continente sul-americano, quando, os três primeiros colportores, Stauffer, Nowlen e Snyder foram enviados, em 1891 para Montevideú. Considerando o conjunto de informações apresentado neste estudo, podemos concluir que a opção pela colportagem para a inserção do adventismo na América do Sul e no Brasil, deu-se devido a: **1)** limitação de recursos financeiros para ser empregado no programa de expansão missionária, uma vez que a colportagem e os colportores não consumiam investimentos, pelo fato de ser um ministério realizado por missionários de sustento próprio; **2)** pequeno número de missionários disponíveis para suprir as necessidades da igreja, tanto dentro como fora dos Estados Unidos; **3)** percepção de que o continente sul-americano não era inicialmente considerado um território prioritário para a missão, refletindo a realidade protestante; **4)** facilidade de mobilidade dos colportores para percorrerem uma vasta área territorial, a despeito das dificuldades próprias da época; e **5)** aceitação e convicção de que a colportagem era de natureza verdadeiramente missionária e que os colportores poderiam executar um ministério tão valoroso e produtivo quanto os pastores.

A inserção do adventismo nas colônias de imigrantes identifica-se com a forma de evangelismo anteriormente instituída nos Estados Unidos, onde a mensagem foi bem recebida e despertou nos imigrantes o desejo de compartilhar o novo conhecimento com seus familiares que haviam permanecido na Europa, o que obrigou a igreja a preparar e produzir literatura em vários idiomas europeus, inclusive o alemão. E essas publicações traduzidas para o alemão, tornaram-se na única ferramenta disponível para municiar os colportores, uma vez que quase 300.000 alemães vieram para o Brasil. Por mais estranho, ousado ou absurdo que esse empreendimento possa representar, uma igreja de origem norte-americana e expressão inglesa, entrou num país de língua portuguesa, por meio de literatura impressa em alemão, junto às colônias de imigração germânica. E como fruto do esforço dos colportores, os primeiros batismos foram realizados e as primeiras igrejas organizadas, constituindo-se no alicerce sobre o qual a Igreja Adventista construiria sua história nesse país.

Alguns aspectos que poderão ser investigados em estudos futuros, envolvem o aprofundamento da relação das sociedades missionárias com a inserção do adventismo em território brasileiro. Outro tema para ir-se mais a fundo, é a busca das razões que indiquem os motivos pelos quais o trabalho com saúde no Brasil, começou bem mais tardiamente em relação às publicações e educação, quebrando a prática de inserção adotada pelos adventistas com o estabelecimento da tríade - casa editora, escola e instituição de saúde.

Ao tentarmos entender os desafios que esses pioneiros colportores enfrentaram – língua desconhecida, solidão, isolamento, demora para receber as remessas de livros, pouco ou nenhum dinheiro, florestas intransitáveis, planícies desertas, lodo e lama, chuva, frio, calor excessivo, fome, febres, doenças, perigos diversos e ainda por cima, a obrigação de trabalhar para prover o próprio sustento, essas são algumas palavras que juntamente com tantas outras semelhantes, poderiam ser usadas para descrever a história desses primeiros colportores. Mas, há uma outra palavra, usada muitas vezes pelos heróis da fé cristã ao longo dos tempos, cujas reluzentes letras fazem empalidecer todas as demais. Essa palavra é salvação. Assim como os fiéis soldados de Cristo sempre procederam, esses colportores tinham o foco de seu pensamento fixado em levar o conhecimento da salvação às pessoas com quem se encontravam, por isso não se importaram consigo mesmos e seus sofrimentos, que lhes parecia na verdade, um grande privilégio e alegria, conforme percebido em seus relatórios.

Os adventistas acreditam, baseados nas declarações de Ellen G. White, que as maiores recompensas para todos aqueles que se empenham na missão de transmitir o conhecimento da salvação às pessoas, estão reservadas para o futuro, quando haverão de encontrar na eternidade aqueles por quem trabalharam e se entregaram. Esse conceito e crença têm servido de grande motivação para inspirar e mobilizar milhares de homens e mulheres, a se dedicarem a este significativo ministério. Assim, ao encerrar-se este trabalho de pesquisa, mesmo não tendo encontrado resposta para todas as perguntas, podemos dizer que achamos luz suficiente para compreensão do papel das publicações e dos colportores na inserção do adventismo no Brasil.

REFERÊNCIAS

ADVENTIST ARCHIVES. Disponível em: <<http://docs.adventistarchives.org/>>. Acesso em: datas diversas.

AHLSTROM, Sydney E. **A religious history of the american people**. New Haven: Yale University Press, 1972. 1158 p.

ANDERSON, Godfrey T. Sectarism and organization, 1846-1864. In: LAND, Gary (Ed.) **Adventism in America: a history**. Berrien Springs: Andrews University Press, 1998. cap. 2, p. 29-52.

BASTIAN, Jean-Pierre. **História del protestantismo em América Latina**. México, D. F.: Ediciones CUPSA, 1990. 307 p.

BÍBLIA, V.T. Salmos. Português. In: Bíblia Sagrada. Tradução: João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. Sal. 119, ver. 105.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. 264 p.

BONINO, José Miguez. **Rostos do protestantismo latino-americano**. São Leopoldo: Sinodal, 2002. 156 p.

BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. Tradução: Geraldo Korndörfer e Luís M. Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002. 690 p.

BORGES, Michelson. **A chegada do adventismo ao Brasil**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001. 222 p.

CAMPOS, Leonildo S. Evangélicos e mídia no Brasil – uma história de acertos e desacertos. **REVER - Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, p. 1-26, 2008. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer**. Tradução: Eprahim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 352 p.

CHAIJ, Nicolás. **O colportor de êxito**. 2. ed. Tradução de Naor Conrado. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1972. 263 p.

COMBLIN, José. **Teologia da missão**. Petrópolis: Vozes, 1980. 96 p.

COSTA, Hermisten M. P. O Protestantismo e a palavra impressa: ensaios preliminares. **Ciências da Religião – História e Sociedade**. São Paulo, v. 6, n. 2, p. 123-145, 2008. Disponível em: <editorarevistas.mackenzie.br>. Acesso em: 5 jan. 2015.

D'AUBIGNÉ, J. H. Merle. **História da reforma do décimo-sexto século**. Tradução: sem referência. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, s.d. v. 1, 428 p.

DAMSTEEGT, P. Gerard. **Foundations of Seventh-day Adventist message and mission**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1981. 348 p.

DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**. 2. ed. São Leopoldo, Editora Sinodal, 2003. 280 p.

DYBDAHL, Jon L. Going theology in mission. **Andrews University Digital Library**. Berrien Springs, v. 2. p. 1-24, 2005. Disponível em:
<<http://jewel.andrews.edu/articles/2917177.9870/1>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2006. 210 p.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: EDUSP, 2004. 664 p.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução: Salma Tannus Muchail. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 408 p.

GAZETA, Sônia M. M. A obra de publicações através das eras. In: TIMM, Alberto R. (Ed.) **A colportagem adventista no Brasil: uma breve história**. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2000. cap. 1, p. 1-28.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2010. 184 p.

GREENLEAF, Floyd. **Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul**. Tradução: Cecília Eller Nascimento. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. 832 p.

_____. **The Seventh-day Adventist Church in Latin America and Caribbean: let the earth hear his voice**. Berrien Springs: Andrews University Press, 1992. v. 1, 470 p.

_____. **The Seventh-day Adventist Church in Latin America and Caribbean: bear the news to every land**. Berrien Springs: Andrews University Press, 1992. v. 2, 542 p.

HOBBSAWN, Eric J. **A Era do Capital – 1848-1875**. Tradução: Luciano Costa Neto. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002. 459 p.

KNIGHT, George R. **Uma igreja mundial: breve história dos adventistas do sétimo dia**. Tradução: José Barbosa da Silva. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000. 160 p.

_____. **Para não esquecer: meditações diárias**. Tradução: Cecília Eller Nascimento. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. 382 p.

KUHN, Wagner. Em prelo.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2001. 220 p.

LAND, Gary. **The world of Ellen G. White**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1987. 254 p.

LATOURETTE, Kenneth S. **A history of the expansion of christianity**: the thousand years of uncertainty, 500 A.D. to 1500 A.D. 4. ed. Gran Rapids: Zondervan Publishing House, 1974. v. 2, 510 p.

_____. **A history of the expansion of christianity**: three centuries of advance, 1500 A.D. to 1800 A.D. 4. ed. Gran Rapids: Zondervan Publishing House, 1974. v. 3, 492 p.

_____. **A history of the expansion of christianity**: the great century – Europe and the United States, 1800 A.D. to 1914 A.D. 4. ed. Gran Rapids: Zondervan Publishing House, 1974. v. 4, 516 p.

_____. **A history of the expansion of christianity**: the great century – the Americas, Australasia and Africa, 1800 A.D. to 1914 A.D. 4. ed. Gran Rapids: Zondervan Publishing House, 1974. v. 5, 534 p.

LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro**. 3. ed. Tradução: Linneu de Camargo Schützer. São Paulo: Aste, 2002. 388 p.

LESSA, Rubens da S. **Casa Publicadora Brasileira 100 anos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000a. 208 p.

_____. Produção de literatura para a colportagem no Brasil. In: TIMM, Alberto R. (Ed.) **A colportagem adventista no Brasil**: uma breve história. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2000b. cap. 2, p. 29-45.

LOUGHBOROUGH, John N. **O grande movimento adventista**. Tradução: vários tradutores. Jasper: Adventist Pioneer Library, 2014. 400 p.

MAGAN, Percy T. Round the World n. 15 - Natal. **The Youth's Instructor**. Battle Creek, v. 38, n. 23, p. 89-90, 4 jun. 1890. Disponível em: <<http://docs.adventistarchives.org/>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

_____. Round the World n. 18 - Notes on Old Calcutá. **The Youth's Instructor**. Battle Creek, v. 38, n. 28, p. 110, 9 jul. 1890. Disponível em: <<http://docs.adventistarchives.org/>>. Acesso em: 26 dez. 2014.

MATOS, Alderi S. A atividade literária dos presbiterianos no Brasil. **Fides Reformata**. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 43-62, 2007. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME XII 2007 2/alderi.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME%20XII%202007/2/alderi.pdf)>. Acesso em: 4 jan. 2015.

MAXWELL, C. Mervyn. **História do adventismo**. Tradução: Azenilto G. Brito. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982. 306 p.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Bernardo do Campo: Editora Instituto Metodista de Ensino Superior – Edims, 1995. 272 p.

MENDONÇA, Antônio G.; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990. 280 p.

MEYERS, E. H. **Reseña de los comienzos de la obra en Sudamerica**. Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana, s.d. 30 p.

MÜLLER, Karl. **Teologia da missão**: introdução. Tradução: Henrique Perbeche. Petrópolis: Editora Vozes, 1995. 216 p.

NEUFELD, Don F. (Ed.). **Seventh-day adventist encyclopedia**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1966. v. 10, 1454 p.

_____. **Seventh-day adventist encyclopedia**. 2. ed. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1996. v. 11, 948 p.

NOGUEIRA, Paulo A. S. **Religião como texto**: contribuições da semiótica da cultura. In: _____ (Org.) **Linguagens da religião**: desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, 2012. cap. 1, 13-30 p.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 18, n. 52, p. 157-179, set.-dez. 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000300012>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

PEVERINI, Héctor J. **En las huellas de la providencia**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1988. 430 p.

PIEDRA, Arturo. **Evangelização protestante na América Latina**: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante (1830-1960). Tradução: Roseli Schrader Giese. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006. v. 1, 236 p.

_____. **Evangelização protestante na América Latina**: análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante. Tradução: Roseli Schrader Giese. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2006. v. 2, 230 p.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. **Dimensões**. Petrópolis, v. 25, p. 235-248, 2010. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3638002>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

SANTOS, Lyndon de Araújo. As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república. **REVER – Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, n. 1, p. 1-14, 2005. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_santos.pdf> 1. Acesso em: 17 jan. 2015.

SARLI, Wilson. Colportores pioneiros no Brasil. In: TIMM, Alberto R. (Ed.) **A colportagem adventista no Brasil**: uma breve história. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2000. cap. 3, p. 47-62.

SCHÜNNEMANN, Haller Elinar Stach. A inserção do adventismo no Brasil através da comunidade alemã. **REVER - Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, n. 1, p. 27-40,

2003. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2003/p_schune.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2015.

_____. O papel das imigrações no crescimento da IASD. **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo, v. 23, n. 37, p. 146-170, jul.-dez. 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/viewPDFInterstitial/1521/1547>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

_____. **O tempo do fim**: uma história social da IASD no Brasil. 2002. 421 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002.

SCHWARZ, Richard W. The perils of growth. 1886-1905. In: LAND, Gary (Ed.) **Adventism in America**: a history. Berrien Springs: Andrews University Press, 1998. cap. 4, p. 77-111.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de luz**. Tradução: Francisco Alves de Pontes. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009. 702 p.

SEVENTH-DAY ADVENTIST YEAR BOOK for 1892. Battle Creek. Disponível em: <<http://docs.adventistarchives.org/>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

SNYDER, E. W. South América. **The Home Missionary**. Battle Creek, v. 4, n. 2, p. 46. fev. 1892. Disponível em: <<http://docs.adventistarchives.org/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

SNYDER, E. W. ; NOWLEN, C. A. Work in South América. **The Home Missionary**. Battle Creek, v. 4, n. 4, p. 91, abr. 1892. Disponível em: <<http://docs.adventistarchives.org/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

SPALDING, Arthur W. **Origin and history of seventh-day adventists**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1961. v. 1, 415 p.

_____. **Origin and history of seventh-day adventists**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1962. v. 2, 384 p.

_____. **Origin and history of seventh-day adventists**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1962. v. 3, 416.

_____. **Origin and history of seventh-day adventists**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1962. v. 4, 384 p.

STAUFFER, A. B. Report from Brazil. **Advent Review and Sabbath Herald**. Battle Creek, v. 71, n. 8, p. 4, fev, 1894. Disponível em: <<http://docs.adventistarchives.org/>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

VANDEVERE, Emmett K. Years of Expansion, 1846-1864. In: LAND, Gary (Ed.) **Adventism in America**: a history. Berrien Springs: Andrews University Press, 1998. cap. 3, p. 53-75.

VASCONCELOS, Micheline R. **As Boas Novas pela palavra impressa**: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930). 2010, 208 p. Tese (Doutorado em História) –

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em:
<<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp151230.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2015.

WESTPHAL, Frank H. **Pioneering in the neglected continent**. Nashville: Southern Publishing Association, 1927. 148 p.

WHITE, Ellen G. **O colportor evangelista**. 6. ed. Tradução: sem referência. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, s.d. 179 p.

_____. **O grande conflito**. 36. ed. Tradução: sem referência. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988a. 719 p.

_____. **Vida e ensinos**. 8. ed. Tradução: sem referência. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988b. 270 p.

WIRTH, Lauri E. Protestantismo brasileiro de rito luterano. **Revista USP**. São Paulo, n. 67, p. 68-77, set-nov. 2005. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13456/15274>>. Acesso em: 14 jan. 2015.